

COLECÇÃO

VIAGENS NA FICÇÃO

Chiado Editora

chiadoeditora.com

Um livro vai para além de um objeto. É um encontro entre duas pessoas através da palavra escrita. É esse encontro entre autores e leitores que a Chiado Editora procura todos os dias, trabalhando cada livro com a dedicação de uma obra única e derradeira, seguindo a máxima pessoana “põe tudo quanto és no mínimo que fazes”. Queremos que este livro seja um desafio para si. O nosso desafio é merecer que este livro faça parte da sua vida.

chiadoeditora.com

© 2011, Valdeck Almeida de Jesus e Chiado Editora

E-mail: info@chiadoeditora.com

Título: Sim, sou Gay... e daí?" – Desabafos do gay Alice no País das Maravilhas

Coordenação editorial: Rosa Machado

Composição gráfica: Vítor Duarte – Departamento Gráfico

Capa: Vítor Duarte – Departamento Gráfico

Escrito de acordo com o Novo Acordo Ortográfico.

Impressão e acabamento: BREAK PRINT

1.ª edição: Dezembro, 2011

ISBN:

Depósito Legal n.º

Valdeck Almeida de Jesus

**Sim,
sou Gay...e daí?**

Desabafos do gay Alice no País das Maravilhas

Chiado Editora

Introdução

Há várias leituras possíveis de “Alice no País das Maravilhas” (1865) e “Alice no País do Espelho” (1871), duas famosas obras de Lewis Carrol: uma se volta para o conceito ilusionista, que se posiciona além dos nossos poderes reais de percepção; outra é mais filosófica e envolve teorias de mundos paralelos ou contrafactuais que se abrem ao nosso próprio mundo. Há ainda uma terceira leitura, de cunho mais psicológico, que está ligada à ingenuidade e ao desenvolvimento social e emocional de Alice, sobretudo quando ela encontra os estranhos habitantes do País das Maravilhas – o Coelho Branco, a perversa Rainha de Copas, o Chapeleiro Maluco, o Gato Risonho, entre outros, o que significa diferenciar-se do que é evidente.

É esta última leitura que talvez melhor explique e forneça uma sustentação simbólica e temática para “Sim, sou gay! E daí? – Desabafo do gay Alice no País das Maravilhas”, o mais recente livro do poeta, jornalista, memorialista e produtor literário Valdeck Almeida de Jesus. O livro é o relato de um pândego, lascivo e batalhador de um gay brasileiro, de classe média e mestiço, na virada do século 21. O narrador é o protagonista ficcional, uma “Alice” que enfrenta uma série de buracos ocultos e espelhos, a começar pelos acontecimentos vividos em sua terra natal, o sertão baiano, para adentrar um País das Maravilhas de características muito diferentes. Ao invés de um coelho serelepe, são os vizinhos, uma prostituta, revistas gay e telefones públicos que fornecem o portal

por meio do qual o narrador se lança em sua quase sempre dolorosa busca por amor e compreensão, uma aventura de autoconhecimento e reconhecimento, quase sempre permeada por uma série de decepções, traições, mudanças e até mesmo exílio. Em meio a essas adversidades, o leitor compreenderá que esta “Alice” infelizmente não consegue se libertar de suas ilusões tão rapidamente quanto gostaria, mesmo colocando sua própria vida em risco.

Esta obra não é apenas uma história de pesadas amarguras, é também um relato divertido e alusivo, com passagens de alegria e triunfos, onde podemos ver as ilusões perdidas de “Alice” se transformando, de forma gradual, em consciência, segurança e autoconfiança, ou mesmo em um compasso mais confiável, que orienta o protagonista a se movimentar no mundo. Não faltam a essa “Alice” sinceridade e senso de humor, ela nos brinda também com episódios que nos fazem sorrir, na medida em que as tragédias, na maioria das vezes, são evitadas.

Ao longo da leitura, o protagonista nos oferece ainda pinceladas de um Brasil contemporâneo, em particular um Brasil de minorias, do qual qualquer pessoa, independente de seu segmento social, econômico e político, poderá se beneficiar, uma vez que o livro apresenta um panorama geográfico e cultural que remete a “Macunaíma”, de Mário de Andrade, e à ousadia presente nas ficções de Rubem Fonseca.

“Sim, sou gay! E daí? – Desabafo do gay Alice no País das Maravilhas” é, ainda, uma leitura que inspira aqueles que fazem parte da cultura gay no mundo ocidental, mostrando como funciona toda a hegemonia cultural e voltada para o universo gay em vários lugares.

O protagonista não é um observador passivo, no entanto. Ele é atuante em sua autocriação, que deve continuar para muito além dos limites desta narrativa – pelo menos é o que esperamos e imaginamos na leitura das linhas finais.

Copyright © John Keene, 2010

Autor

John Keene é escritor, tradutor, e professor-adjunto de Estudos Ingleses e Afro-Americanos na Universidade de Northwestern.

Prefácio

A cabeça cortada pela Rainha de Copas

Alice, no jargão gay, é uma gíria utilizada para se referir aos homossexuais facilmente enganáveis. Aqueles que, assim como a personagem deste livro, fazem tudo por amor e se dedicam aos seus parceiros, tentam agir de modo correto, e acabam, invariavelmente, vitimados pela maldade alheia. Alices, por conta de suas boas intenções (ou intenções inocentes), terminam sempre julgadas e condenadas por uma Rainha de Copas, e logo descobrem que o País das Maravilhas não é tão maravilhoso assim.

A Alice dentro de mim, no entanto, resolveu fazer uma tentativa, protestando contra a Rainha de Copas da Ordem Estabelecida. Eu não amo menos que os heterossexuais, não sofro menos que eles, não sou menos capaz, ou inteligente, não padeço de nenhuma patologia de que também eles não possam padecer, mas nossas relações costumam ser diferentes, sim. O *approach* e o desenrolar do relacionamento, a vida a dois, os preconceitos. Somos diferentes. Gênios, autistas, negros, judeus, são todos diferentes também: há muito tempo o mundo sabe que a diferença vive no olhar do observador. No entanto, em Atenas, quando a *viadagem* era instituída, as Alices eram cidadãos comuns. Iguais. Ou talvez mais cidadãos que você...

Enquanto eu escrevia este livro, encontrei por acaso uma entrevista com Clay Shirky, um pesquisador que estuda

os efeitos econômicos e sociais da Internet nas nossas vidas. O contexto da afirmação de Shirky é outro, mas a analogia é perfeita:

*“I’m just so impatient with the argument that the world should be slowed down to help people who aren’t smart enough to understand what’s going on. It’s in part because I grew up in a generation that benefited enormously from not doing that. Right? The baby boomers, when we were young, we had zero, zero patience for the idea that people who are in their fifties in the ’70s and ’80s should somehow be shielded from cultural changes because somehow the stuff that we were doing was upsetting them. So, now it’s our turn and we ought to just suck it up.”*¹

Cansei de ser julgado. Cansei de hipocrisia. Cansei de poupar uma sociedade que se diz liberal, mas que condena muitas vezes em silêncio, com olhares esguelhados, sentenciando realidades desconhecidas, de funcionamento obscuro, apenas intuído. Cansei de ser procurado por homens casados que insistem em dizer “vamos fazer sexo, mas eu sou ativo, não sou homossexual”. Veja bem, interesse-me muito pouco pela anatomia feminina, mas, que eu saiba, mulher também tem cu. Tem, mas não dão. Ao que me consta, só dois grupos de mulheres não dão o cu: as que voam e as que têm casamento de fachada. Dada a

¹ “Fico muito impaciente com o argumento que diz que o mundo deveria diminuir de velocidade para ajudar as pessoas que não são espertas o bastante para entender o que está se passando. Parte da minha impaciência está relacionada ao fato de que eu cresci numa geração que se beneficiou enormemente por não fazer isso. Correto? Nós, baby boomers, quando éramos jovens, tínhamos zero de paciência com a ideia de que as pessoas que estavam com 50 anos nas décadas de 70 e 80 deveriam ser poupadas das mudanças culturais porque de algum modo o que nós fazíamos as deixava chateadas. Então, agora é a nossa vez, e nós temos simplesmente que aceitar esse fato.”

pouca frequência de aparecimento das primeiras, sou levado a concluir que as deles pertencem ao segundo grupo.

Tanto me chateei que agora grito. E que meu grito ecoe, e não proteja os ignorantes. Daqui pra frente, eles saberão. E então não mais me incomodarei de ser julgado.

Capítulo I

Alice desperta

O último gemido de papai foi também o tiro de largada para a corrida espermatográfica onde o vencedor se tornava zigoto e cujo pódio ocupei sozinho. Já desrabado, observei do primeiro lugar a desgraça de meus concorrentes-irmãos, que escoaram para um destino bem menos luxuoso que o útero: o vaso sanitário da casa de meus pais.

A disputa em si nada tinha de novo, foi outrora muitas vezes descrita em filmes e livros; mas tratei de fazer a diferença esfregando o que então se tornaria a minha “derrière” nos outros participantes. Mamãe dizia que as pessoas deviam, em primeiro lugar, atentar para seus trabalhos e só então partir para as diversões; mas de pequeno (microscópico) eu já tentava unir as duas coisas. Nasci adepto da diversidade sexual.

Logo na infância, percebi que era diferente dos outros meninos. Futebol, por exemplo, não estava dentro do meu campo de interesses, era violento demais. Como as brincadeiras infantis preferidas dos garotos naquela idade estavam sempre interligadas a demonstrações de força, eu preferia me isolar. E, mesmo tendo sete irmãos, quando brincava com eles, ficava clara a minha tendência para a liderança, era eu quem ditava as regras do jogo. Na maior parte do tempo, porém, ficava sozinho no meu mundo, e, na chegada da adolescência, enquanto a sexualidade começava a explodir e as dúvidas enegreciam minha visão, tal qual fumaça de locomotiva, voltei-me para a literatura.

Nesse ínterim, muita coisa aconteceu. Em verdade, devo dizer que minha primeira experiência sexual – não falo de sexo em si, mas de contato íntimo – ocorreu bem antes de minha adolescência. Lá pelos meus sete anos de idade, vivíamos na casa de uma senhora chamada Margarida. Ali perto moravam Maria de Fátima e seu Francisco, eles trabalhavam em casa cozinhando para fora. Uma tarde, mamãe me mandou ir à casa de Maria de Fátima buscar pãezinhos, e, ao chegar lá, fui conduzido por seu Francisco a um terreno em que havia uma construção. Ele tirou minha roupa, deitou-me no chão e ficou em cima de mim por algum tempo. Não entendi nada, sei que não houve penetração e que nem mesmo vi a nudez de Francisco, mas guardei essa cena como a lembrança de meu primeiro contato com a sexualidade.

O segundo contato, ainda nesta época, foi observando Domingos, empregado da casa de Margarida, o primeiro homem que vi completamente nu. Ele tinha um pênis enorme, e eu o espreitava curioso, pela fechadura da porta, enquanto ele gemia e manipulava seu membro. Sempre que isso acontecia, uma coisa branca brotava da ponta do pênis de Domingos. E, por mais que aquilo me intrigasse, nunca perguntei a respeito. Descobri tudo sozinho, mais tarde, pelo método de tentativa e erro – ou acerto, melhor dizendo.

Talvez por ser ainda muito pequeno, nenhum desses acontecimentos me causava estranheza ou parecia ter caráter sexual. Falando de forma clara, eu não tinha ideia do que era o sexo. As coisas só começaram mesmo a se esclarecer aos meus oito anos de idade, quando nos mudamos novamente e fomos morar no campo – na fazenda Deus Dará. Nessa época, comecei a perceber meu interesse crescente por meninos e meninas, apaixonei-me por uma das garotas de lá e descobri espontaneamente a arte da masturbação. O

que relato a seguir pode parecer, para os olhos mais sensíveis, algo bizarro, nojento ou mesmo inconcebível. Mas rogo aos leitores que se dispam de hipocrisias e sensibilidades pueris, a fim de melhor aproveitar meu livro e perceber que esta é a vida real de muitos garotos interioranos.

Pois bem, enquanto eu me masturbava pensando nessa menininha da fazenda, percebi intuitivamente que sentia muito prazer na região anal. Sem dar mais voltas no assunto, conto que me escondia numa antiga barcaça para enfiar bananas-da-china na minha bunda. E assim seguia, gozando e pensando na garota que eu queria ter como namorada.

Outros garotos da fazenda também gostavam de brincar na barcaça. O homoerotismo entre aquelas crianças era tão forte quanto sua curiosidade e percepção da diferença. E, numa dessas brincadeiras, ficamos nos masturbando e medindo o tamanho de nossos pênis. Não demorou muito para esses meninos perceberem minha fragilidade e tentarem transar comigo, mas não permiti. Frustrados em suas investidas, logo se ocuparam de outra brincadeira e saíram correndo da barcaça, naquela algazarra típica de guris. Um deles ficou na barcaça comigo, e deitou-se entre as sementes de cacau me convidando para fazer sexo. Por ser muito retraído, neguei. Depois desse dia, passei a sonhar com frequência que brincava e fazia sexo com todos aqueles garotos, o que infelizmente nunca aconteceu. Foi ainda na fazenda Deus Dará que ouvi pela primeira vez o termo “bicha”. Zezito, um dos empregados, sempre contava histórias de bichas e se referia às mulheres como “cobras de saia”. Lembro-me que achava engraçado pensar numa cobra vestidinha, embora a imagem não fizesse muito sentido. Bons tempos. Mas como o tempo nunca sossegou em minha vida, pouco depois, mudamo-nos novamente.

Dessa vez, fomos para Jequié, a esturricante “cidade sol”. Morávamos na casa de Dona Gertrudes. Como acontece com a maioria dos gays, admitir a homossexualidade é um processo doloroso e que demanda muito tempo. Primeiro, porque ninguém *vira* gay, as pessoas *nascem* gays; e concluir isso é, na maioria das vezes, um grande problema. Quando somos crianças, olhamos para cima e vemos o papai e a mamãe – nosso modelo primevo de correção. Já um pouco mais crescidos, notamos que papai e mamãe não são nada além de um espelho do padrão social, e que esse padrão não está preocupado em educar o igual ou instruir o diferente, mas em adestrar todos eles para seguirem um mesmo caminho. E, na hora em que começamos a palmilhar essa estrada maniqueísta do *heterossexualidade bom X homossexualidade ruim*, é que se iniciam nossas dores de cabeça. Foi aí que tive minha primeira namorada.

Sei que a introdução que acabo de fazer soa como uma visão pessimista. Mas, ao contrário do que possa parecer, foi uma experiência inocente e muito gratificante. Jaqueline morava em frente à casa de Dona Gertrudes, e ficávamos nos olhando à distância, cada um de sua janela, como nas historinhas românticas do século XIX. Com Jaqueline experimentei o sabor do primeiro beijo. Foi um momento cativante, de rara ternura e que, mesmo sendo muito ingênuo, ficou marcado para sempre em meu coração. Nada de mais intenso aconteceu em nosso namoro.

Após o fim do cândido namorinho, minha atração por meninos voltou a se manifestar ainda com mais força. Foi nessa época, lá pelos nove anos de idade, que comecei a sentir as primeiras chicotadas do preconceito. No percurso da escola, distante uns três quilômetros de minha casa, os meninos mexiam comigo, tentando me humilhar por causa de minhas atitudes delicadas. Indeciso sobre minha sexua-

lidade, mas bem certo de meus direitos, fui à casa de um deles e reclamei com sua mãe. Sendo ela uma senhora muito justa, me entendeu e me deu razão. E eles não mexeram mais comigo.

No colégio, como é comum, a história das provocações era parecida. Estudando um pouco sobre a variedade sexual, descobri a Escala Kinsey, e entendi que o mundo não está dividido entre o branco e o preto, e sim em várias tonalidades de cinza (Kinsey apresenta seis graus), que vão da exclusividade heterossexual à exclusividade homossexual, passando pela bissexualidade e suas tendências para ambos os sexos. Creio que essa escala seja mais facilmente notada durante a adolescência, e que aqueles jovens inquietos, que me cobriam de ofensas e me exibiam seus órgãos sexuais, queriam dizer uma outra coisa, na verdade. Num período em que ninguém se entende direito, esperar que um adolescente entenda o próximo é como esperar por um milagre...

Fato é que, durante a adolescência, vi muito *enrustimento* e observei um sem-número de cenas do tipo “vem aqui mamar no meu pau, viadinho”. Certo, eles ficavam me mostrando o pau e contando histórias, mas no fim eu é que era o *viado*. Dividíamos o mundo dos adolescentes entre Viados e Anjos-do-Senhor: os Viados seriam as criaturas silenciosas e tímidas, com relações sociais escassas; e os Anjos-do-Senhor aqueles com a braguilha aberta e as picas balançando, pra chamar a nossa atenção sobre como um homem de verdade deve se comportar.

Um desses anjinhos do colégio contava sempre a mesma história sobre seus intercursos com a empregada doméstica. Dizia que todos os dias comia a empregada, e que esta vivia reclamando do tamanho do pau dele. Ouvir aquilo me deixava completamente transtornado de tesão. E eu pas-

sava muito tempo fantasiando sobre o pênis daquele garoto. Hoje, quando o vejo, penso ainda nessa história, só que agora sei interpretá-la de forma mais clara: ele, provavelmente, sonhava que queria comer a empregada e que ela reclamava de seu calibre genital. No fim das contas, o que aconteceu foi o seguinte: enquanto os meninos inventavam trepadas inexistentes, eu gastava minha energia comendo as prostitutas da cidade. E minha primeira vez foi com uma delas.

Não sei se comecei a coisa toda como uma tentativa de fugir da minha natureza, sei que meu primeiro sexo *per se*, coito com início-meio-e-fim, não foi a experiência mais gratificante da minha vida. O que aconteceu foi que eu precisava fazer sexo de qualquer jeito, então abordei uma prostituta, por puro pragmatismo. Seu nome era Luza. Fomos para um quartinho minúsculo no centro de Jequié, onde só havia uma cadeira e uma cama com um lençol encardido. Luza prontamente tirou a roupa e jogou tudo em cima da cadeira, ela estava morrendo de tesão. Esfregava-se freneticamente em mim, e eu não sabia o que fazer. Suava, tremia, e, por mais vontade que sentisse de fazer sexo, meu pau não subia de jeito nenhum. Eis que no meio de tanto desconcerto, Luza saiu de cima de mim, mandou que eu me sentasse na cama e deu a primeira chupada que levei em minha vida. Aí sim...

Apesar da sensação de pavor frente ao desconhecido, todas as minhas preocupações em gozar ou fazê-la gozar terminaram nesse momento. Aproveitei aquele instante da melhor forma que consegui, e no outro dia fui atrás de Luza, pedindo por mais sexo. Acabei, então, por descobrir que ela não era prostituta apenas por ofício, mas por natureza. Adorava trepar comigo, e, com a mesma desenvoltura que me procurava para fazer sexo, procurava-me também para pedir

dinheiro, comprar-lhe mantimentos ou presentes. No entanto, nunca achei o preço alto, Luza sempre valeu a pena.

Passamos alguns meses juntos e, dois anos depois de terminarmos, fiquei sabendo que Luza tinha engravidado e perdido o filho. Fiquei muito chateado, não porque gostasse tanto dela assim, mas porque esse bebê poderia ser o meu primogênito.

Depois da experiência com Luza, vivi por mais de um ano com Maria das Dores, segunda mulher com quem transei e meu primeiro relacionamento sério. Fomos praticamente casados. Maria das Dores era mais velha que eu e tinha um fogo incessante, o que fazia com que passássemos todo o nosso tempo juntos transando e transando. Mas havia Sueli, a irmã homofóbica de Maria das Dores. Saber de nossa intensa atividade sexual não bastava para Sueli, que era o que se pode chamar de *puta velha*. Muito esperta e cheia de artimanhas, ela bateu o olho em mim e sacou logo que eu era gay. E eu sacava que ela sacava. Foi uma época difícil de minha vida, pois, mesmo amando Maria das Dores, sentia falta de *alguma coisa*. Além disso, as provocações de Sueli estavam literalmente me enlouquecendo. Ela andava atrás de mim fazendo perguntas desconcertantes, de uma fixação anal tão ridícula que deixaria até Freud acabrunhado.

Fiquei tão perturbado com a situação que tentei me matar, tomando uma cartela de barbitúricos com cachaça artesanal. Como vocês podem perceber, já que meus relatos são narrados na primeira pessoa do singular, falhei na tentativa e fui parar na UTI, onde fiquei por mais de uma semana. Quando saí, senti tanta vergonha que me tranquei em casa e, num quadro horrível de tricotilomania, arranquei todos os meus cabelos, ganhando na cidade o apelido de André Careca.

Assim que as pessoas souberam que tentei me matar, fizeram correr aos quatro cantos que foi por causa de Maria das Dores. Havia deixado uma carta de despedida para a família. Mas, mesmo não tendo ali mencionado a homossexualidade como o motivo de meu desespero, Sueli continuou desconfiando. Em vão, ela tentaria comprovar suas suspeitas até o dia em que resolvi assumir. Depois disso, o destino se encarregou da punição de Sueli. Ela engravidou e teve um filho. Assim que o garoto começou a crescer, notei que sua natureza era também gay. Ele usava as roupas da mãe, passava maquiagem e falava com voz fina. Toda a família ficou horrorizada, ao ponto de bater no pobre garoto e fazer rigorosas reprimendas. Mas nada disso adiantou. Espero que Sueli tenha percebido o quanto me machucou com suas perguntas e insinuações venenosas, e que ela tenha se tornado uma mulher mais tolerante e, conseqüentemente, mais evoluída.

O tempo passou, as lembranças ruins foram embora, e comecei a me corresponder com homens que assinavam a revista *Private*. Era o ano de 1987, eu morava sozinho no bairro de Mandacaru e tinha uma vizinha chamada Margarida. Ela era casada com um motorista de ônibus e vivia me cantando, até que um dia eu dei corda e fomos pra cama. Acabamos nos tornando amantes e, sempre que seu marido viajava, dormíamos juntos. Acontece que de amantes nos tornamos muito amigos, e de amigos nos apaixonamos loucamente. Margarida pediu a separação e nos casamos em seguida. Ela não fazia ideia da minha natureza, até que um dia encontrou uma das cartas que havia escrito para um rapaz da *Private*. Margarida ficou possessa de ciúmes e me pressionou. Eu, por outro lado, entrei em desespero, já que ninguém sabia do meu segredo. Assumi tudo e conversamos bastante. Para minha surpresa, ela se mostrou uma mulher

maravilhosa, me aceitando como eu era e continuando comigo.

Certa ocasião, fomos juntos a Feira de Santana para transar com Pedro, um homem que conheci pela revista. Enfim, consumou-se o meu primeiro intercurso homossexual. Pedro transou com Margarida e depois comigo. Mas não senti nada do que esperava. Todos aqueles anos alimentando desejos secretos estavam bem ali na cama, sendo realizados com Pedro, mas eu não consegui suavizar o peso da repressão social e não extraí prazer algum daquela relação; na verdade, acabei ficando muito deprimido. Fui embora com Margarida e chorei copiosamente em seu colo, que mais uma vez me acalentou. Aproximava-se o dia em que eu decidiria viver minha homossexualidade em toda a sua plenitude. Como uma decisão não contempla dois caminhos e cobra seu preço, terminamos o casamento. De Margarida só me restaram lembranças boas.

Após a separação, mudei-me para a Rua João dos Santos, e lá comecei uma verdadeira aventura pela Embratel. Nessa época, não existia a internet para facilitar a comunicação entre pessoas interessadas num mesmo assunto, então eu simplesmente usava a arma que a tecnologia do momento disponibilizava: um telefone. Ligava para os orelhões da cidade aleatoriamente, cantando quem quer que atendesse. Um desses interlocutores acidentais foi Anselmo, um rapaz moreno de 17 anos, muito bonito, que havia se mudado do Rio para a Bahia. Marcamos de nos encontrar num restaurante. Ali nos conhecemos e ficamos completamente doidos um pelo outro. Transamos em todos os lugares possíveis de Jequié: debaixo do viaduto na Avenida João Goulart, no terreno baldio atrás de um posto de gasolina e em tantos outros cantos da cidade, desde que estivessem escuros ou desertos. Com Anselmo nunca houve tempo ruim, qualquer hora era boa.

E foi numa sexta-feira cruel, que aconteceu a maior decepção da minha da minha juventude. Anselmo me ligou avisando que teria de voltar às pressas para o Rio de Janeiro, sem explicar direito os motivos. Eu estava no trabalho, ocupado com um monte de coisas atrasadas, quando atendi ao telefone e fui informado de sua inesperada viagem. Fiquei desesperado. O terminal rodoviário era do outro lado da cidade, de forma que sequer tive tempo de vê-lo partir. E Anselmo viajou, então, sem que nos despedíssemos.

Logo após sua partida, precisei passar um tempo em Salvador, onde deveria frequentar um curso essencial para o meu trabalho. Fiquei hospedado na república de um amigo, e de lá mandei uma carta para Anselmo. Ele respondeu a carta, mas uma das meninas que moravam na república, de cérebro pouco privilegiado, devolveu a resposta ao carteiro dizendo que naquela casa não havia nenhum André. Finalmente, voltei para Jequié e Anselmo telefonou. Mas suas novidades cortaram-me o coração: convertera-se a Cristo, numa igreja evangélica, e arrependera-se de todos os pecados, ou, mais claramente dizendo, do nosso amor. Foi um golpe muito forte. Ainda hoje, ao lembrar-me deste episódio, sinto uma grande tristeza. Consolo-me pensando que se o destino pôs Anselmo na minha vida e, por um de seus caprichos, resolveu depois tirá-lo de mim, quem sabe esse mesmo destino novamente não possa, um dia, trazê-lo de volta.

Depois que me recuperei um pouco da partida de Anselmo, voltei a telefonar para os orelhões. Numa das ligações para o orelhão do Mercado Municipal, um garoto atendeu e nos encontramos para fazer sexo. Nunca havia visto alguém tão branco e tão magro. Não tivemos nenhum envolvimento romântico, só sexo. Após algumas trepadas, perdemos o contato. Mas dois anos depois, por coincidên-

cia, liguei para outro orelhão e ele atendeu novamente. Trepamos de novo, e não sei o que aconteceu, mas senti um imenso estranhamento. Eu, que não sou nem um pouco preconceituoso, me via ali incomodado com a cor de sua pele, de um branco quase albino. Depois desse dia, nunca mais consegui sair com nenhum homem caucasiano, por maior que fosse a oferta.

Algumas semanas de ligações se passaram sem que nada de espetacular acontecesse, até uma certa pessoa atender meu telefonema. Ele era grande, negro, e ainda tinha um daqueles paus dadivosos, de mais de 20 cm. Foi minha experiência inaugural com um homem negro. E fiquei extasiado com *tuuundo aquilo*. Fomos para um terreno perto da BR 330 e nos amamos ali mesmo, ao ar livre, durante algumas horas. O que eu não sabia é que um desocupado presenciava toda a cena, e tratou de espalhar o que vira por todo o bairro do Cilion. Senti muita vergonha e não encontrei meu negro gato novamente.

Até então eu só havia trepado com quatro homens na vida, mas tinha passado por vários testes, como quando trabalhei na Frisba. Éramos cinco rapazes, e nas instalações contávamos com banheiro e refeitório exclusivo. Por algum motivo, eles resolveram me sacanear, e ficavam andando pelados no banheiro, sacudindo o pau e me pedindo pra chupar. Era o comportamento do colégio se repetindo, e novamente tive eu que me controlar para não jogar tudo pro alto. Um deles chegava ao cúmulo de esbarrar o pau em mim sempre que estávamos sozinhos no banheiro – até hoje não sei qual era a dele, se queria mesmo trepar ou se só estava me testando. Por via das dúvidas, nunca cedi a nenhuma das tentações; naquela época, eu ainda não estava pronto para assumir minha homossexualidade e sairia tremendamente machucado, caso alguém descobrisse e resolvesse me “des-

moralizar”. Hoje fico feliz que o tempo tenha passado e que eu tenha compreendido que não existe desmoralização ou humilhação na sexualidade das pessoas. Cabe aqui assinalar que essa visão de liberdade pessoal é um dos pontos que pretendo atingir mais profundamente ao longo da exposição de meus relatos.

Capítulo II

Nadando em lágrimas de amor

Quando os anos 90 chegaram, trouxeram outro homem para a minha vida. Edvan era jovem, elegante e muito discreto; empunhava uma namoradilha-disfarce que me turvava a visão e me fez demorar a perceber a verdade. Saíamos muito, e Edvan foi o primeiro homem com quem fui a um motel. Nós nos divertíamos bastante.

Nessa época, foi-me diagnosticada uma apendicite, e precisei marcar cirurgia. Antes, porém, combinei um final de semana romântico com Edvan em Ilhéus. Sentíamos tanta loucura de tesão e ficávamos tão excitados que, quando chegamos ao hotel, começamos a tomar vinho branco e estourar as taças na parede. E eu ligava para a recepção e pedia mais taças, até a hora em que a funcionária disse que não havia mais taças, só as que estavam em nosso quarto. Resultado: R\$ 550,00 em taças, mais do que a própria estadia. Mas não importava. Estávamos felizes. E como ríamos! Havia uma leveza no ar, fazendo-me acreditar que bons tempos se aproximavam...

Assim que retornei a Jequié, fui internado e me submeti à cirurgia, pois as dores da apendicite eram lancinantes. Edvan foi me visitar e chorou muito, o que me fazia crer que ele estava com medo de me perder e que se preocupava com minha saúde. Mas não era nada disso. Cerca de três semanas depois, quando saí do hospital, Edvan me convidou para ir a um restaurante. Alguns meses atrás, ele havia me pedido dinheiro emprestado, alegando problemas com traficantes locais, e eu, crédulo, emprestei.

Quando chegamos ao restaurante, aquele homem imoral e sem alma confessou-me que a razão de seu choro no hospital não era porque me amava, mas porque não queria que eu morresse sem saber da verdade. E a verdade, leitores, foi que ele tinha inventado tudo aquilo apenas para tirar meu dinheiro. Fiquei estupefato, mas não reagi. Eu ainda me recobrava de uma cirurgia invasiva. Edvan queria que eu fizesse um escândalo, que brigasse muito com ele, talvez na esperança de que algum dia eu pudesse lhe perdoar. Respondi a toda aquela sordidez com o desprezo, a única coisa que o julguei digno de receber de mim.

Fiquei muito abalado, com medo desse monstro tão sedutor quanto perigoso que é a vileza humana. Refugiei-me em meus amigos, e dois deles, por ironia de um destino voluntarioso, me haviam sido apresentados por Edvan. Era um casal relativamente assumido para a época: Jorge e Jeremias – este último um artista plástico muito talentoso. Jeremias dava, em seu ateliê, as festas mais badaladas da cidade, sempre cheias de artistas interessantes e pessoas envolventes.

Em uma dessas festas, eu estava encostado ao lado do som conversando com Jorge e tomando um delicioso Beaujolais nouveau, que os dois haviam importado especialmente para aquela ocasião, quando apareceu Alessandro – na época, um rapaz de apenas 18 anos. Eu não sabia quem ele era, e estranhei quando, mesmo conhecendo os donos da casa, o rapaz veio perguntar justo para mim se poderia mudar o som. Gentilmente, concordei que mudasse. Alessandro então sacou do meio dos discos uma coletânea de sucessos daquele ano e escolheu uma música. Lembro-me claramente de quando ele começou a dançar ao som de Vogue, da Madonna. A festa parou para apreciar aquele belo garoto que, na exuberância de sua juventude, dançava sozi-

nho no meio da sala, dando um show para os cerca de 30 convidados – e um show particular para mim, pois, enquanto dançava, Alessandro me olhava fixamente nos olhos.

Ao término da dança, todos estavam encantados. Andando devagar, o rapaz se dirigiu a um canto da casa, pegou uma taça de vinho e começou a conversar com Jeremias, ainda olhando para o meu lado. Estava claro que falavam de mim, e Jeremias veio me perguntar, logo depois, se eu gostaria de estender a festa num barzinho ali perto, assim que todos fossem embora. Topei, e, às três da manhã, saímos para tomar uma cerveja num barzinho muito romântico, à luz de velas e ao som de um bom jazz.

Sentamo-nos à mesa, conversamos um pouco, e percebi que era hora de agir. Alessandro estava sentado de frente para mim. Tirei uma das minhas sandálias de couro e comecei a acariciar sua perna com o meu pé. Embora não tivesse tirado a perna do meu alcance, o menino não demonstrou nenhum outro sinal de receptividade. Fiquei um pouco receoso, achando que talvez ele não tivesse gostado de mim, da minha conversa, ou que eu pudesse ter dito alguma coisa errada, sei lá, elaborei mil teorias. Minha pilha foi acabando e, às quatro e meia da manhã, eu disse que iria para casa. Alessandro perguntou em qual bairro eu morava, e descobrimos que éramos praticamente vizinhos, que ele morava duas ruas acima da minha, bem perto. Assim, fomos andando juntos para casa. No meio do caminho, Alessandro anunciou que precisava fazer xixi. Eu também estava com vontade, e fomos para um canto mijar. Quando vi seu pau, que mesmo mole era muito grande (o maior que já vi em um garoto tão novo), fiquei nervosíssimo. Tanto que, quando abri minha calça, eu já estava de pau duro. Ele me olhou e perguntou se eu gostava de chupar, eu disse que sim. E aconteceu. Quando terminei de chupá-lo, Alessandro me

chamou para fazer sexo. Fomos para minha casa, onde tive a melhor noite da minha vida até então. Dormimos juntos, abraçados. Quando percebi, estava apaixonado por Alessandro.

Passamos um bom tempo juntos. Eu adorava ver Alessandro dançando, ele tinha nascido para isso. Era cheio de vida, de viço, de graça. Andávamos juntos para cima e para baixo. Não me esqueço do final de semana em que viajamos para Ilhéus. Ficamos numa pousada do centro da cidade. Assim que chegamos, ele foi tomar banho. Após alguns minutos, saiu do banheiro enrolado numa toalha, deixou-a cair naturalmente e perguntou se eu não gostaria de me lavar. Tirei a roupa e me dirigi ao banheiro, mas Alessandro, que permanecia parado na porta, me agarrou ali mesmo. Fomos para o chuveiro e fizemos sexo durante algumas horas. Tinha pique o garoto. Felizes e saciados, saímos para que eu pudesse apresentá-lo à cidade. Na volta, ao invés de irmos para a cama, retornamos ao sexo no chuveiro. Tomamos gosto pela coisa, e, sob a água morna e corrente, ficamos nos deleitando até as duas da manhã.

No dia seguinte, famintos, fomos tomar o café da manhã no refeitório. As mesas estavam cheias, e em uma delas ouvimos alguém comentar que uma mulher tinha passado a noite inteira gemendo muito alto, tanto que se podia ouvir de outro quarto. Escangalhamo-nos de rir. Mal sabiam aquelas pessoas que éramos nós os responsáveis por tão ruidosos gemidos. Juntos parecíamos irmãos.

Retornamos a Jequié. Tudo continuava às mil maravilhas. Em minha cabeça, não fazíamos apenas sexo, éramos namorados (apesar de Alessandro ter uma namorada). Afinal, estávamos sempre juntos, íamos aos bares, às festas de Jorge e Jeremias, e, sempre que podia, eu ia até o ginásio

do colégio para vê-lo jogar basquete. Até tentei fazer umas aulinhas de dança para acompanhá-lo, mas nunca levei jeito. Além disso, só poderíamos dançar juntos quando estivéssemos sozinhos.

Um dia, aconteceu um episódio estranho. Caminhávamos em direção à minha casa, quando ele mudou de ideia e disse que não iria comigo. Fiquei chateado, me irritei e comecei a discutir com ele. Alessandro alegou então que havia dito aquilo para me testar, porque achava que estava sendo usado e que eu só o queria para fazer sexo. Aquilo me entristeceu tanto que combinamos que, a partir daquele momento, só faríamos sexo quando estivéssemos no clima. Por sorte, na maioria das vezes, estávamos.

Nessa época, comprei uma moto e uma casa nova. Até então, eu dividia a minha com meu irmão. De moto, ia com Alessandro para as cachoeiras em volta da cidade, para sítios de amigos e visitávamos cidades vizinhas. Era a vida em forma de aventura e liberdade. Uma vez, paramos no sítio de um pessoal conhecido e não havia ninguém, nos enfiamos dentro de uma baia de cavalos vazia e fizemos sexo ali mesmo, sentindo cheiro de feno, cavalos, testosterona e sêmen. Foi enlouquecedor, mas como tudo que é bom dura pouco, na manhã seguinte, uma má notícia. Ficamos sabendo que os pais de Alessandro se mudariam para a cidade de Jacobina, pois precisavam tentar se reerguer financeiramente, após as dificuldades por que passaram, durante longo tempo, em Jequié. Fiquei tremendamente triste. Mas Alessandro deu um jeito de aliviar meu sofrimento, ou pelo menos de adiá-lo. Tirou do bolso uma boa desculpa e conseguiu convencer os pais de que precisaria ficar mais um mês na cidade. Durante esse tempo, acordávamos e dormíamos juntos, era amor o tempo todo. Essa proximidade só reforçou o nosso romance.

No dia de sua partida, tive uma crise de choro e, para remediar a situação, Alessandro me deu um beijo na boca. Aquilo me endoidou ainda mais, e ele prometeu que voltaria sempre que pudesse para me ver, já que o percurso de Jequié até Jacobina consumia muito tempo (o ônibus para Jacobina saía de Salvador). Para mim, ficaria muito mais difícil visitá-lo em Jacobina, pois correria o risco de não chegar pontualmente ao trabalho na segunda-feira, já que só poderia viajar nos finais de semana. Fui deixá-lo na rodoviária com Telma, sua namorada, e, no mês seguinte, lá estava eu de novo – desta vez, sozinho, para receber meu grande amor. Telma terminou o romance com Alessandro por causa da distância, e eu passei a tê-lo só para mim. As vindas eventuais de Alessandro a Jequié para me ver eram uma alegria. E também uma dor, a cada despedida. Com o passar do tempo, não aguentei a distância e pedi transferência da firma. Fui para Salvador, de lá ficaria mais fácil viajar para a casa dele. E, assim, toda sexta-feira à noite, lá estava eu dentro do ônibus, rumo à Jacobina.

Na casa de Alessandro, todos sabiam de nosso relacionamento. Era uma coisa concluída e não comentada por todos. Creio que eles perceberam o quanto eu e Alessandro nos amávamos, notaram o carinho e o cuidado que tínhamos um com o outro, viram que não era só “sacanagem”... Ou talvez tenham simplesmente aceitado o fato de que o filho era bissexual, o que foi uma atitude bem liberal e aberta para a época.

A única pessoa que nos chateava era Patrícia, a namorada de Alessandro em Jacobina. Ao contrário de Telma, que não tinha a menor noção do que estava acontecendo, Patrícia suspeitava de nós dois e ficava nos marcando com sua truculência. A desgraçada achava que era o Leonardo, na Copa de 1994. Se eu desse mole, aposto que ela quebrava

meu nariz. Não fazia muita diferença, de qualquer modo; no fim, a gente sempre dava um balão em Patrícia e fugia de moto para algum lugar deserto.

Um dia, em Salvador, resolvi fazer uma surpresa a Alessandro. Não disse aonde iríamos, até chegarmos ao *ferry-boat*, quando ele se deu conta de que o destino era Itaparica. Corremos que nem maratonistas pelo corredor de embarque, rumo à felicidade. Alessandro ficou completamente apaixonado pela ilha, nem queria voltar para Salvador. Alegrou-me vê-lo assim, transbordante de vida e deslumbramento. Tanto quanto namorado e amante, agradava-me também a ideia de ser tutor de Alessandro. Ele era esperto, e tinha uma fome insaciável de conhecer o mundo.

Levei-o também a Itapoã, e foi lá que a coisa toda de-gringolou. Entre diversos coquetéis coloridos de maracujá, pitanga e kiwi, fomos ficando bêbados sem perceber. Alugamos um caiaque de dois lugares e saímos remando para longe da praia. Eu não estava muito disposto a remar, mas a animação de Alessandro era tanta que eu não quis contrariá-lo. De repente, ele pulou do caiaque, começou a nadar e a sacudir a embarcação. E aí começou a entrar água...

Ele tentou subir novamente, mas, juntando a falta de jeito com seu estado etílico, a coisa toda virou. Quem já remou um caiaque sabe que, nessa situação, se ele não for desvirado imediatamente, a gente fica "preso", de cabeça pra baixo. Resultado: enquanto o caiaque estava virado, eu engolia uma boa quantidade d'água. Finalmente, com muito custo, Alessandro conseguiu desvirá-lo. Eu tossia sem parar; olhei para meus joelhos e vi dois palmos de água dentro da embarcação. O jeito era sair para ajudar a tirar a água do caiaque. E nisso a embarcação afundou. Completamente exauridos, olhamos um para o outro desanimados, ao perceber que teríamos que nadar para voltar à praia. Para com-

pletar, eu ainda tinha um problema respiratório, fruto de um acidente de moto sofrido alguns anos antes. Exausto e sem forças, me segurei em Alessandro, que continuava nadando. Nisso, veio uma onda um pouco maior e acabou nos separando. Fiquei eu à deriva, boiando de barriga pra cima. Alessandro disse que ia buscar socorro e começou a nadar o mais rápido que podia. Nesse meio tempo, eu afundei.

Agora, neste exato momento em que escrevo, dou-me conta das situações terríveis que passei ao longo da minha vida. É claro que a maioria das pessoas do mundo já viveu pelo menos uma merda braba no trajeto de sua existência, e eu não me sinto mais especial por causa disso. Afinal, como diz Guimarães Rosa, viver é muito perigoso. Também não me sinto vitimado, nem coitado, nem sofrido, “escolhas são escolhas”, fiz todas por opção própria, sabendo que era necessário arcar com suas consequências. E eu escolhi o risco.

Quando transei no carnaval de 1997 sem camisinha, sabia do perigo que estava correndo. Quando saía para me encontrar em outras cidades com os correspondentes desconhecidos da revista *Private*, eu tinha noção da roleta russa em que estava me metendo. Mas voar de avião, atravessar a rua, comer alimentos embutidos ou trocar uma lâmpada também são atividades de risco, e não precisamos de mais que nascer para perceber esta armadilha. Digo isso porque hoje me sinto bastante “preparado para sofrer”, sem nenhum pessimismo. Longe de querer dar uma de astrólogo, sei das ameaças que corro pelo simples fato de ser gay, e, desde que fui enganado por Edvan, eu já sabia que sofreria outras decepções horrendas na vida. No entanto, apesar disso, eu não estava preparado para ser abandonado em alto mar pelo meu grande amor, e morrer solitário nos domínios de Netuno.

Enquanto eu boiava, rogava a qualquer deus que pudesse ouvir para me salvar. Ficar tão perto da morte põe a gente num delírio esquisito, as lembranças vão chegando de forma desconexa. Lembrei dos livros de mitologia que lia durante a adolescência, e os deuses gregos e romanos se misturavam na minha cabeça. Ecoava um grito por Netuno e Poseidon, implorando que me lambessem de volta para a praia *comme la vague indécise*², mas eu afundava e voltava à tona, enquanto *la mer me rejoignait*³. Assim, pelo menos, o destino me faria morrer na minha Bahia – eu pensava. Não seria mais certo que eu tivesse saído de lá antes? Se todos os poetas concordam em retornar à pátria para morrer, era mais digno que eu tivesse saído dela antes. Entre devaneios e braçadas, eu descia mais e mais. O ar acabou, senti a água ficar mais gelada, e finalmente desmaiei: de nada mais me lembro.

A essa altura, Alessandro já havia chegado à praia. Foi ajudado por um dos barcos pesqueiros que passavam por ali. Tempos depois, ele me contaria que corria feito louco e chorava, sendo consolado por uma caiçara; e que o dono do caiaque acusara os empregados de serem irresponsáveis por terem efetuado o aluguel sem providenciar coletes salva-vidas.

Alguns barcos saíram para me procurar. Primeiro, avistaram os remos e depois me encontraram inconsciente, boiando semimorto. Fui levado para a praia, e dali, num barco a motor, até o bairro Pituba, onde tentaram me internar em vários hospitais. Para meu azar, nenhum deles tinha um pneumologista de plantão, e acabei ficando com água nos pulmões.

² “Como a onda indecisa.”

³ “E o mar me reencontrava.”

Quando recobrei os sentidos, eu era o infeliz portador de uma infecção pulmonar, que mais tarde evoluiu para uma pneumonia, e por fim, deteriorado e sem resistência, acabei pegando uma tuberculose. Meu tratamento levou mais de um ano, e até hoje tenho sequelas no pulmão e capacidade respiratória muito baixa.

Passsei esse tempo todo afastado de Alessandro, pois não conseguia deixar de culpá-lo pelo que tinha acontecido. Nada como um choque de realidade para pôr fim aos mais belos castelos de amor. Ao me recobrar completamente, chamei-o para conversar e terminamos nosso relacionamento. Há muito ele jurava que terminaria com Patrícia e que iria morar comigo em Salvador, mas sempre havia algum contratempo que o fazia adiar essa decisão. Chorei o quanto pude, fiquei deprimidíssimo. Mas não havia saída. Eu não poderia mais viver com Alessandro porque não conseguia deixar de responsabilizá-lo. Era mais forte do que eu.

Após o término, nos encontramos mais algumas vezes, mas já não era a mesma coisa. O tempo, com suas garras implacáveis, se encarrega de esvaziar os sentimentos. Ao todo, passamos três anos juntos. Sei que o pai de Alessandro mais parecia um cigano, praticamente todo ano eles mudavam de cidade. Moraram em Itaparica e depois retornaram a Jacobina, quando então perdemos completamente o contato, e de Alessandro não tive mais notícias até meados desse ano. Confesso que desejei reencontrá-lo, pois já não o culpava mais. Havia deixado nas prateleiras do passado todos os vestígios daquele infeliz episódio.

Então aconteceu. Reencontrei Alessandro em outubro de 2008, por meio de uma amiga. Eu comentava sobre essa história e ela me disse que, tendo ele um nome tão peculiar,

não poderia se esconder do terrível monstro chamado Internet. Não deu outra, digitei o nome no *search* do Orkut e achei seu perfil. Bissexual, relação aberta, um filho e bem acima do peso. Não lembrava em nada o dançarino da Vogue, parecia-se mais com a Madonna desabando do palco em Lisboa, ou com um piano caindo do céu. *Time, our worst enemy*⁴.

⁴ Tempo, o nosso pior inimigo.

Capítulo III

Fundo no buraco de Alice

Já era o ano de 1993. Passei um tempo sozinho, depois de terminar com Alessandro, coisa de seis meses. Tomado pelo tédio, não aguentei e voltei a telefonar para os orelhões da cidade, agora em Salvador. O homem que atendeu se chamava Isaías, era mais uma daquelas bichas que não dava pinta de bicha. Falei várias obscenidades enquanto ele ouvia em silêncio. Assim que terminei de falar, Isaías perguntou meu nome, respondi e ele me disse onde estava, falou que ficaria perto do orelhão e que vestia uma camisa vermelha. O lugar ficava a uma quadra dali. Desliguei o telefone, fui andando. Gostei dele desde o primeiro momento em que o vi. A sorte voltava a rondar, pois Isaías também havia gostado de mim. Entramos no primeiro hotel que vimos e começamos a trepar. Isso durou cinco horas. No fim, trocamos telefones e começamos a nos ver com frequência. Acabamos nos entendendo tão bem que resolvemos morar juntos.

Já estávamos instalados quando terminei com a minha saga de orelhões. Foi bem por acaso, morávamos no Edifício Brasilgás, em frente à Avenida Sete, que tinha vários orelhões. Quando Isaías viajava ou quando eu ficava sozinho, ligava para um dos orelhões e ficava na janela espreitando. Se o peixe que mordesse a isca era grande, eu puxava a linha e convidava-o a subir; se fosse alguma mulher, eu desligava e esperava que fosse embora. Um dia, subiu um negão, deus de ébano. Peguei duas Guinness e nos sentamos no chão para conversar. Para alguns homens, parece não

bastar a beleza, eles precisam esbanjar intelecto e empatia. O deus de ébano era um desses. Por algumas horas, ficamos só conversando e bebendo, já que ele me falou que não era gay. Chamou-me a atenção quando, antes de sair, ele parou na porta, me olhou dentro dos olhos e perguntou se eu não tinha medo. Medo? E foi-se embora sem me dizer do quê. Depois de muito matutar, consegui entender do que ele falava. Eu estava convidando pessoas desconhecidas para irem ao meu apartamento, e uma hora isso podia dar errado. Foi aí que parei.

Voltando a Isaías, o rapaz era confuso. Nunca sabia se era passivo ou ativo, mudava de opinião todas as semanas. Em sua casa, nosso relacionamento foi muito bem aceito, todos achavam que eu era a namorada dele e me tratavam com muita delicadeza. Mas, para dizer a verdade, ele era muito mais fêmea que eu.

Tivemos um convívio tranquilo, sem discussões ou brigas maiores, e somos grandes amigos até hoje, apesar de toda a confusão que reina na cabeça de Isaías: anos depois de termos rompido o namoro, ele virou travesti, depois voltou a ser hetero, aí resolveu virar evangélico e então novamente travesti. Enquanto namoramos, ele ficava repetindo essa história, passeando nesse círculo vicioso. Mas, na primeira vez em que Isaías deixou de ser ativo, eu já sabia que aquilo não ia durar muito. Por esta razão, propus que nosso namoro fosse aberto, e ele não apenas consentiu como gostou muito da ideia. Foi uma época agradável, recheada de fatos e episódios engraçados em nossa vida.

Gerson Coca-Cola, por exemplo. Depois que eu e Isaías fomos morar juntos, resolvemos publicar anúncios nos jornais da cidade, ao invés de ficarmos ligando a esmo

para os orelhões. Então um tal Gerson ligou, e fomos para a escadaria do meu prédio. Ele não quis nem saber quando eu disse que era passivo: enfiou a camisinha no meu pau em tempo recorde, eu teria levado muito mais tempo para abrir a embalagem. Gerson virou-se de costas e, quando vi, já estava dentro. Aquele cu dele era a garganta de uma girafa, uma fossa abissal, vala mais fedorenta que a Guararapes no sábado à noite depois do desfile do Galo. E eu tava lá dentro, desconcertado, pensando na **merda** que ia dar na hora em que a trepada terminasse, quando Isaías chegou – ele era a própria cavalaria. Desvencilhei-me de Gerson e corri para o meu cowboy, que nem donzela pedindo resgate. A partir daí – não me perguntem como aconteceu –, os dois se apaixonaram de tal maneira, que o romance durou mais tempo do que o período que fiquei com Isaías.

O apelido Gerson Coca-Cola deve-se ao seguinte episódio: um belo dia, Gerson ficou lá em casa sozinho, enquanto eu estava trabalhando. Pouco depois, Isaías, que voltara mais cedo, o surpreendeu em uma situação pra lá de bizarra. Fui privado de participar dessa cena ‘lenda-urbana’, mas fiquei sabendo depois: quando Isaías abriu a porta do quarto, o Gerson tava entalado com uma garrafa de 1 litro de coca-cola no cu... E ela havia sido enfiada pelo fundo. Virou piada, claro, mas só entre mim e Isaías. Não queríamos machucar o Gerson.

Semanas depois, tive de ir a Jequié para fechar alguns negócios que eu tinha já engatilhado. Consegui resolver o assunto em dois dias e voltei antes do prazo esperado, numa madrugada. Quando entrei em casa, Isaías dormia em nossa cama... Com um rapazinho. O menino era maltrapilho e meio sujinho, eu achei que ele fosse moleque de rua, fiquei puto da vida e, como se não fosse incongruência bastante, morri de ciúmes.

Nenhum dos dois tinha notado minha presença no apartamento. Pensei no que poderia fazer para resolver aquela situação. Resolvi então tirar toda a roupa e me deitar ao lado de Isaías. Fiquei fazendo mil carinhos em suas costas, e eis que, no meio do sono, ele me chamou de Alexandre. Com voz firme, disse que não me chamava Alexandre, que meu nome era André. Ele tomou um baita susto, acordou de vez, e começamos a discutir.

Enquanto o pau quebrava na casa – quaquaquá gay de primeira qualidade, com direito a término de relacionamento e ameaça de suicídio –, o tal Alexandre continuava dormindo. Na manhã seguinte, com os ânimos mais calmos, acordamos e contei para o garoto que ele tinha deflagrado o fim do nosso namoro. Alexandre ficou constangido, se desculpou, disse que não queria se meter no meio de um casal, mas que estava ali porque não tinha pra onde ir.

Comecei a prestar atenção nele enquanto falava e percebi quão lindo era. Tinha olhar sincero e porte de modelo. O rapaz me pediu pra deixar as roupas lá em casa e falou que ia sair para procurar um lugar onde pudesse ficar. Já era tarde demais: eu mesmo sugeri que ficasse conosco. Só que... namorando comigo. Foi a vez de Isaías morrer de ciúmes, porque Alexandre topou e tivemos um namoro muito intenso, que até hoje não terminou propriamente.

Alexandre foi um relacionamento conturbado da minha vida, no sentido de ficarmos incessantemente brigando e fazendo as pazes. Assim, depois de três meses de namoro, quando estourou um arranca-rabo daqueles sérios, resolvi dar um tempo e corri pra São Paulo, deixando Alexandre e Isaías sozinhos na casa de Salvador.

Sampa das noitadas – baladas, como dizem os habitantes locais – febris, constantes e inconsequentes... Lá descobri os cinemas pornô e me tornei *habitué*. Se você já foi a um cinema pornô, sabe do que estou falando; do contrário, fica difícil até de imaginar. Ninguém está lá pra ver filme nenhum, todo mundo vai é pela pegação, e no banheiro fica um entra-e-sai (denotativo e conotativo) interminável de todo tipo de homem.

Ainda hoje não entendo essa necessidade de privacidade que os gays tanto buscam dentro dos sanitários, a portas fechadas. O acordo é bem claro: se você está num cinema pornô é porque está lá para trepar. E os lugares são meio que uma casa de swing homossexual, com pessoas fôdendo em grupinhos e trocando de parceiros o tempo todo. Demorei um pouco para me acostumar com tamanho oásis gay – talvez uns vinte minutos. Mas logo depois caí de boca, com o perdão do trocadilho. Eu nunca tinha transado com tanta gente num espaço tão curto de tempo, foram mais de 30 caras em um mês. Assim, quando voltei pra casa, eu ainda me sentia meio solteiro, não tinha reatado nem com Alexandre nem com Isaías, e passei a frequentar todos os cinemas da cidade.

Em Salvador, os cinemas eram sujos e fediam mais que o enxofre do inferno. Ninguém percebia, ou todo mundo ignorava as condições precárias de higiene. Eu não faço ideia de quem é que vai a um cinema pornô para cagar, mas todas as privadas tinham cocô boiando dentro, possantes submarinos esperando a hora de afundar. Nem descarga o povo dava. Imagino que os donos não se importem em limpar mais de uma vez por semana, já que, provavelmente, eles só demoram algumas horas para ficar naquele estado.

Um belo dia, estava eu no cine Tupi, plantonista no sanitário, esperando para ver se entrava algum negão de pau

grande que precisasse de assistência e atendimento, quando apareceu uma bichinha quizilenta, deplorável, toda vestida de cor de rosa. Ela ficava entrando e saindo de todas as portas, fazendo pinta de rainha da latrina, mas sem cantar ninguém. Achei aquilo muito esquisito e fiquei na minha, só esquadrinhando.

Foi aí que dois caras entraram no banheiro e se pirulitaram para dentro de uma das cabines. Assim que eles se trancaram, a bichinha nojenta começou a espancar a porta e reclamar que o banheiro não podia mais ser usado, que ela estava com dor de barriga, que aquilo era um absurdo e que ia chamar o gerente. O casal de dentro do sanitário saiu morrendo de vergonha e pedindo desculpas, mas a bicha não entrou lá. Ficou em pé na porta e depois recomeçou o ritual.

Eu a vi fazer isso por umas três vezes, e comecei a ficar com muita raiva, pois sou um cara de bem com a vida e não tolero qualquer tipo de mesquinhez. Sou justo também. Todo mundo estava no cinema com um objetivo claro, ela era a única a fim de estragar a festa. Quando a bicha saiu do banheiro e foi até a plateia, eu já tinha um plano armado. Escolhi a dedo a cabine mais suja, peguei um rolo de papel higiênico, entrei e fiquei lá torcendo para que ela voltasse.

A bicha voltou e começou a bater na porta com o mesmo discurso recalcado. Dei uns gemidinhos, para ver se ela se irritava mais, e esperei dois minutos. Ela continuou batendo. Então, com muita habilidade, enrolei a mão no papel, passei-a na merda secular que jazia na água e abri a porta. Foi o tempo de a bicha ficar surpresa porque eu estava sozinho: esfreguei a merda na cara dela, desci pelo pescoço, pelas duas pelancas de silicone penduradas

em seu peito e ainda dei-lhe um empurrãozinho. Ela caiu de bunda no chão, com a bosta na cara, misturada à maquiagem. O cheiro de merda no ventilador espalhava-se pelo banheiro enquanto ela tentava entender o que tinha acontecido. Saí correndo do cinema tão desesperado, que quem me viu deve ter achado que eu era ladrão ou estava treinando para a São Silvestre. Cheguei em casa e tive uma crise de riso convulsiva, daquelas de deslocar o maxilar. E foi a última vez que entrei em um cinema pornô, pelo menos no país.

No dia em que voltei para casa foi só festa. Isaías estava muito bem com Gerson, e Alexandre virou um anjinho, atendia a todos os meus desejos. Toda essa doce harmonia deve ter durado uns dez dias mais ou menos, ou seja, até as novas vizinhas chegarem: dona Marlúcia e sua filha Jéssica, de 17 anos, mas já com cara de quem entendia da vida. Não deu outra, quando ela e Alexandre se esbarraram, os dois começaram a se pegar.

Na semana seguinte Alexandre veio com a bomba, me perguntando se podia namorar Jéssica – como se fosse adiantar alguma coisa eu dizer que não podia. Concordei, para fingir que eu estava no domínio da situação. Morri de ciúmes, todo dia meu coração se partia um pouco, e a situação piorou ainda mais quando Alexandre afirmou categoricamente que não gostava de beijo na boca e parou de me beijar. O que sei é que fui levar café pra dona Marlúcia, e lá estavam Jéssica e Alexandre na sala, quase engolindo a cabeça um do outro, num beijo que deixaria Burt Lancaster e Deborah Kerr envergonhados de suas atuações medianas. Foi então que o barraco desabou mais uma vez.

Hoje eu tenho um conceito bem claro de traição na cabeça. Não tem a ver com olhar de desejo, abraço, beijo ou sexo: é simplesmente quando você começa a dar privi-

légios para uma terceira pessoa, ou seja, quando você começa a vê-la com olhares maiores que apenas os da troca sexual. Apesar de ter ficado muito magoado, nesse dia eu fui superior e apenas conquistei os mesmos direitos que Jéssica, depois de muito trabalho persuasivo. Atualmente, quando estou com Alexandre, é mais difícil ter que evitar os beijos para não chocar a sociedade antiquada.

Nessa época, a história estava nesse pé: Alexandre namorava os dois. E, como os apartamentos eram um do lado do outro, parecíamos uma família. Era como se dona Marlúcia fosse minha sogra também, e ela, por não ver com bons olhos o namoro da filha, me dava a maior força. E então aconteceu a merda federal. Alexandre e Jéssica resolveram fugir para viver o grande amor adolescente que sentiam um pelo outro. Como ela era menor de idade e ele não trabalhava, claro estava que a história romântica mandaria a conta para mim e para dona Marlúcia. Jéssica roubou todo o dinheiro que encontrou na casa, incluindo joias e dólares; Alexandre, um tanto menos esperto, roubou uma folha do meu talão de cheques. Não sei o que passou pela cabeça dele; no mínimo, deve ter achado que iria conseguir descontar tranquilamente um cheque de 100 mil reais.

Os dois foram para Ilhéus e viveram bastante bem até o momento em que o dinheiro acabou e eles ficaram sem nenhum, nem para comer. Ousados, como é próprio de toda juventude, roubaram uma das barracas na praia e foram denunciados pelo dono. O fim da história é previsível e pouco original: ligaram para dona Marlúcia, que foi lá na delegacia de Ilhéus buscar o casazinho. As partes lesadas passaram algumas semanas “de mal” com os amantes, e depois tudo voltou ao rumo natural. Quer dizer, nem tudo. Depois que perdoei Alexandre e o aceitei de volta, ele percebeu o poder que exercia sobre mim e passou a me chantagear.

Às vezes, eu acho que esqueci a parte do meu cérebro ligada à inteligência emocional em algum lugar da bagunça de meu escritório. Se fosse perder tempo detalhando tudo o que Alexandre aprontou comigo, todas as coisas que me roubou, de cheques e dinheiro a eletrodomésticos, bicicleta e computador, minha biografia se tornaria um inventário triste, e o beneficiário estaria tão rico, que não precisaria mais trabalhar na vida.

Por volta de 1998, Alexandre e Jéssica se casaram e tiveram duas filhas. Ele construiu uma casinha no subúrbio de Salvador e foi morar lá com a família. A mudança não me intimidou nem um pouco. Quando sentia necessidade de vê-lo, eu tocava a campainha, e, caso ele não estivesse, deixava recado com Jéssica.

Numa dessas vezes, apareci por lá com ideia de levar Alexandre para fazer uma “coisa diferente”. Tempos antes, havia notado sua dificuldade em fazer sexo oral. Sei que pode soar meio imbecil, mas ele nunca tomou a iniciativa de me dar uma chupada, até que eu propus um meia-nove e ele topou. Senti que o moço levava jeito e comecei a guiá-lo toda vez que transávamos. A partir desse momento o oral virou um *must have* na nossa relação.

A tal “coisa diferente” começou com meu amigo Almir, pois eu sabia da simpatia mútua entre ele e Alexandre. Almir era algo especial: músculos de nadador, pele cor de jambo, toda homogênea, mais liso que uma garrafinha. No começo, embora excitadíssimo, Alexandre ficava meio consternado, com um pouco de vergonha de pegar no pau de Almir. Os meses se passaram e revelaram um talento inato: logo Alexandre se tornou um bezerrinho. Não sei se vocês, leitores, já experimentaram um desses, mas Alexandre era autor de um *deep throat* que ia muito além da altura de Linda Lovelace; na verdade, fazia com que ela parecesse

uma amadora desajeitada. E eu levei Alexandre para chupar toda a Bahia, por mais ciumento que fosse. Sei que amar uma pessoa significa saber dividi-la.

E eu continuei dividindo até pouco tempo atrás. No final do ano de 2008, por exemplo, tive que fazer uma enorme pesquisa para conseguir achar presentes que estivessem à altura de “minhas filhas”, pois eu queria sair daquela monotonia que é dar bonecas e coisinhas cor-de-rosa. Escolhi para a menorzinha uma linda montanha com dinossauros da Fisher Price e, para a maiorzinha, que é um tipo de nerd-girl, comprei várias caixas de LEGO, daquelas com mais de 1.000 peças, que não existiam quando eu era criança.

Elas deliraram com os presentes, e abraçaram felizes a ideia de passar as férias de verão no Rio de Janeiro (as meninas queriam ficar em Salvador para encontrar os amiguinhos, e passar o carnaval, claro). Conseguimos convencer Jéssica muito rapidamente, porque ela não conhecia a cidade maravilhosa. E, enquanto ela se ocupava de levar as crianças do Pão de Açúcar ao Cristo Redentor, passando pelos blocos infantis, eu e Alexandre tivemos tempo de sobra para visitar a LeBoy.

Depois do carnaval, ainda fomos, em família, para Angra dos Reis. Alugamos um iate com dois quartos e fundo de vidro. Foi sensacional, minhas garotas se sentiram muito felizes. Chegávamos nas ilhas, abríamos conta num desses restaurantes caiçaras, deixávamos as meninas nadando e se entupindo de picolés o dia inteiro, e íamos para algum lugar próximo, onde trepávamos até a exaustão.

Capítulo IV

O Conselho do Psicólogo

Prosperidade, ainda que tardia. Na virada do século, ganhei uma grana forte investindo na bolsa. Forte o bastante para quem nunca tinha se aventurado no mercado financeiro, digo. Assessorado por meu amigo Manoel Alexandrino Balan de Bragança, ganhei em torno de US\$14.000,00 arriscando na Bolsa de Valores, comprando e vendendo ações da AMBEV. Isso foi meu rabo virado pra lua pela primeira vez, já que geralmente ele costuma apontar para baixo mesmo.

Seguindo o ditado que diz “sorte no jogo, azar no amor”, tornei-me depressivo. Passei meses dentro de casa, só saindo para trabalhar e voltando para dormir. Meu amigo Raphael, que é psicólogo, me indicou um colega de trabalho. E lá fui eu, para ser diagnosticado como distímico. O médico me aconselhou a tirar umas férias e viajar, para espairecer, caso tivesse condições.

Saí pelo mundo. Primeiro destino: Espanha. Fiz um curso maravilhoso de espanhol e conheci Madrid, Segovia, Toledo e Barcelona. Quando cheguei em Madrid, comecei a estudar, não estava muito interessado em nada, nem em homens, nem em festas, só queria ficar sozinho. Eu andava a pé de cima pra baixo na cidade, tirando fotos, observando, caladão. Assim foi por umas duas semanas.

Sei que era junho. O sol quente que nem o diabo, eu passeando pela cidade e pingando suor. Entrei na Calle

Duque de Alba e sentei num café para tomar um suco de laranja. Estava eu lá bem distraído, do jeito que a gente fica em dias de muito calor, quando olhei pro lado e ele surgiu, convidativo, enorme, exalando testosterona: o cinema SALA X. Nem pensei em mais nada, me animei na mesma hora e pulei pra dentro do cinema.

PUTA QUE PARIU, devia ser o “Festival Internacional do Enrustimento”. Em lugar nenhum do mundo, tive uma experiência gay tão ruim quanto a desse dia. Aqui no Brasil, os cinemas são frequentados por uma maioria de gays assumidos e jovens. Claro que tem todo tipo de gente – como em qualquer lugar –, até mulheres curiosas, mas a maioria do público tem um perfil claro. Em Madrid, parecia mais a hora do almoço no centro de São Paulo, com todo tipo de homem velho, alguns, inclusive, vestindo terno, com suas caras sérias de homens de negócio e pais de família. Abaixo dos 40, lá dentro, só eu.

No momento em que me viram, comecei a ser cortejado. ‘Cortejado’ para usar um termo brando. Os caras começaram a me seguir, pegar no meu braço e puxar meu cabelo. Eu, que nunca fui nenhum Elvis Presley. Quando percebiam que eu não era espanhol, só piorava o frisson. E, acima de tudo, dava pra sentir de longe o cheiro da traição e da mentira, das esposas enganadas esperando em casa. Morri de nojo.

Para cada pessoa que me pede um conselho, costumo ser bem direto: aproveite a vida AGORA, do jeito que você quiser e achar certo. Esperar chegar aos 60 anos para fazer o que gosta só vai fazer de você um “velho” frustrado e meio ridículo, como aqueles que ficam olhando para as garotinhas de 14 anos no elevador. E era isso que esses espanhóis estavam fazendo.

Eu estava andando em direção à porta de saída quando um negão entrou na minha frente. Entrou e parou com uma cara tão séria que achei até que ele fosse segurança. O sujeito destoava do resto do ambiente: era jovem, grande, e, para minha agradável surpresa, falava português. Era lisboeta... Só não era segurança. Ele me puxou pelo braço e olhou feio para os *tiozinhos* que estavam me seguindo. Seu nome era Cláudio, e, sem dúvida, era o leão mais forte do bando.

Fiquei olhando meio assustado, esperando o que ia acontecer. Como não reagi, Cláudio me levou para o banheiro e se trancou comigo em uma das cabines. Ele fez com que eu me sentasse e aí então eu já sabia. Tirou a rola pra fora, esfregou na minha cara e eu chupei. Gozou no meu olho. Depois disso, virou uma doçura, se apresentou, deu um papel com o telefone e falou que eu devia ligar pra ele. Ahn? Eu disse “si, si”, saí correndo do banheiro, e depois do cinema. Daí ganhei a rua e **NUNCA MAIS**. Existe uma regra básica para quando a gente visita outro país, que é: **PAREÇA LOCAL, MAS NÃO SE META A LOCAL**. É uma coisa meio sutil, mas dá pra explicar com um exemplo: se você está sozinho no Rio de Janeiro, por exemplo, e se parece com um carioca, não vá subir o Morro do Vidigal só por isso. Se quiser ir ao Morro do Vidigal, conheça antes um morador, descubra quais são os costumes de lá, certifique-se de que será bem recebido, essas coisas. O mínimo que isso vai evitar é de você tomar uma esporrada no olho.

Isso eu aprendi sozinho, em Madrid. Lição que me serviu bastante, logo depois, enquanto fiquei viajando pela Espanha. Para aqueles que acham que viagem é sinônimo de carro, uma dica: os trens não só são menos poluentes, mais ecologicamente corretos, como também são mais rápidos. Não passam por engarrafamentos, não precisam ser

estacionados, se forem roubados não é problema seu, e você também não precisa abastecer.

De Madrid os trens saíam a cada meia hora, mais ou menos de sete da manhã às dez da noite, e havia estações em Toledo, Córdoba, Málaga, Sevilla, Segovia, Barcelona, Zaragoza, enfim, pela Espanha quase inteira, exceto na parte noroeste. Se eu quisesse, poderia até ter ficado num hotel em Madrid e visitado os outros lugares de trem, mas sempre preferi “me estabelecer” num local específico, para poder sentir suas vibrações.

Depois do choque *madrileño*, peguei minhas malas e subi para Toledo, que sustenta o apelido de *La ciudad de las tres culturas*. Não é à toa, claro: a cidade tem uma mesquita, duas sinagogas e inúmeras igrejas. Fui a tantos templos religiosos que, no fim, eu já nem sabia o que era o quê, e acabei saindo de lá com mais certeza de que o Deus é uno, é o mesmo para todos, e que seria muito bom que as pessoas parassem de brigar e guerrear por suas supostas “superioridades religiosas”.

Em Toledo, não menos interessante que o aspecto religioso, há o museu do El Greco. Estabelecido no local em que ele viveu por mais de vinte anos, virou um museu intimista, sem muita sofisticação, mas ainda assim elegante e requintado. Quando parei em frente ao *Vista y Plano* de Toledo, a impressão que tive foi de que a inspiração não nos vem, que ela simplesmente está lá fora, e o que nos falta é perspicácia para percebê-la. Visitar El Greco significou um choque, foi como uma terapia boa, numa época em que eu carecia de inspiração para viver.

Nessa hora eu comecei a refletir a respeito do que faltava em minha vida. E não faltava nada. Eu morava num bairro nobre em Salvador, tinha um emprego de que gostava

e que não me chateava nem exigia mais do que eu podia dar, estava em paz, com dinheiro, minha família estava feliz. O que então me deixava tão deprimido?

Pois digo que nunca tinha visto sexo deprimir ninguém. Até o Michael Douglas parecia alegre em sua compulsão sexual. Transar com quem eu queria, quando eu queria, supostamente deveria me deixar *mais feliz*, e não triste. Talvez o que seja fácil demais não tenha mesmo graça, como costumam dizer por aí. Mas esse argumento sempre me remeteu à ideia de psicologia infantil, e daquelas mais baratas.

Foi com essa dúvida na cabeça que viajei para Segovia. Não tinha muita coisa que me interessasse por lá. Afinal de contas, o aqueduto é só mais um aqueduto, e isso tem até no centro do Rio de Janeiro. Mas o Alcázar... Ah, esse sim. Lá fiquei sabendo que ‘Alcázar’ é uma palavra árabe, vem de *qsar*, na verdade, e quer dizer *castelo*. Curioso, porque a vida toda eu ouvi que a palavra ‘czar’ era oriunda do nome do imperador Caesar. Entendi, nessa ocasião, que descobrir a razão de cada minúscula coisa pode encher, ainda que temporariamente, a vida de sentido, de sensações inaugurais que se traduzem, no mínimo, em posterior conhecimento, ainda que, por vezes, essa mesma vida pareça tão desprovida de sentido.

O Alcázar, construído originalmente pelos mouros para residência de seus monarcas, mais tarde se tornou morada de vários reis espanhóis, e por fim foi transformado em uma prisão. Saber disso me fez dar mais um passo na minha viagem interior, no qual tracei um paralelo sobre o meu castelo e a minha prisão. Pois o palácio de sexo que eu havia construído se tornou uma masmorra, e acabei preso em minha depressão, escravo de meus vícios e desejos.

Pensar nas pessoas presas dentro de um castelo me foi ainda mais esclarecedor. Não importava quão pomposo ou majestoso o castelo fosse, isso não impediu ninguém de transformá-lo num ceifeiro da liberdade. Eu próprio não sabia o que desejava, já que meus desejos estavam acorrentados pelo sexo.

O passo seguinte desta jornada interior foi tomar consciência de que minha tão sonhada jornada pelo Mundo Velho era, na verdade, um passeio *indoors* meditativo dentro de uma masmorra de luxúria barata. Estava cansado. Finalmente, rumava em meio aos labirintos de minha mente em direção aos portões de minha prisão pessoal enquanto seguia para Barcelona. O lugar que a maioria dos desinformados costuma chamar de Barna, e que na verdade não tem esse apelido para seus moradores; chamar Barcelona de Barna é o mesmo que chamar o SPFC de Sampa, pois tem a ver com o FC Barcelona. *Barna es cómo se llama*⁵.

Desde o berço da civilização greco-romana, sabemos que o ato de pensar, tanto o reflexivo e intimista quanto o criador de Lógica e Ciência, flui melhor ao ar livre. Aristóteles nomeou toda uma escola de pensamento pelo modo como trocavam conhecimento, ao chamar seu estilo de peripatético – *peri* (em volta) + *patetus* (passear, sentir). Seus discípulos o seguiam calmamente em volta de seus jardins, nutrindo ao mesmo tempo corpo e mente enquanto criavam as bases do pensamento ocidental.

Achei melhor ficar tranquilo e respirar o ar fresco de Barna, em intervalos longos e profundos. Fui para a Barcelona Catedral, no *Barrio Gótico*, porque achei que seria interessante ficar perto do centro histórico. Só de admirar a beleza arquitetônica que eu conhecia apenas dos livros,

⁵ Barna é como se chama.

senti que minha viagem para a Espanha estava paga. Mas que fique a lição aqui... Para saber de certas coisas, não é preciso sair de casa. A Arte Gótica não tem nada a ver com o modo com que Tim Burton ou os jovens tristes na praça de sua cidade se vestem. O que vem primeiramente definir o gótico são as histórias narradas a partir de suas figuras, até mesmo suas esculturas. Depois vale o que aprendemos no colegial sobre os pilares projetados verticalmente, como se os arquitetos tentassem, em vão, tocar os céus, e sobre a construção de ângulos e vidraças para que a luz natural iluminasse o máximo possível dos interiores de seus grandes aposentos.

O mundo lá fora entrava aos poucos pelas janelas do forte. Meu lado lógico entendia tudo o que passava por mim, como se eu já estivesse andado por aquelas ruas em sonho. Meu o eu racional sempre esteve um passo à frente do emocional; portanto, não fui tolo de achar que “finalmente entendi Picasso” quando entrei em El Museu Picasso. Parafraseando nosso gênio, não bastaria apenas estar cara a cara com sua *mentira* (a arte para Picasso) para entender a verdade das coisas.

Você pode colocar importância na experiência de se contemplar uma obra-prima de perto; por uma sensibilidade estética; pelo deleite artificial do “real”; pela ilusão de se estar aproximando, a ponto de tocar a obra. Mas não pode nunca usar como desculpa o fato de não entendê-la por nunca ter chegado tão perto.

É como se Picasso picotasse, ao longo de sua carreira, cada vez mais as imagens que antes desenhava por inteiro, e é como se você esperasse o ponto em que ele vai começar a montá-las de volta no lugar. O problema é que esse momento nunca chega, nem na arte e nem na realidade, pois

somos seres fragmentados, e, cada vez mais, espalhamos nossos pedaços.

O nosso erro é tentar reencaixar tudo, de algum modo, que faça sentido a algum padrão que carregamos. Esquecemo-nos de que nossas peças embaralhadas já formam uma bela figura, e cabe a nós aceitarmos o desenho desfigurado que vamos nos tornando e entender que ele é para nós a obra que mais nos emociona e ensina: a provinda de nosso próprio reflexo.

Deveríamos quebrar esses muros e juntar esforços para construir um belo palácio de portas abertas. Aquilo que nos forçamos tanto a entender já está em nós, e o momento em que sentimos a ‘Revelação’ é só uma descarga sábia de hormônios no cérebro, que nos chacoalha para que deixemos de ser teimosos.

Aqui reescrevo, em tradução livre, o Axioma Peripatético, cunhado por Aristóteles no mesmo impulso de fundação de sua Escola: “Nada está no intelecto que não estivesse primeiro em sentimento”. A virtude se mostra justamente neste equilíbrio, e apareceu também assim na obra de Santo Agostinho, sendo ele um pensador tão diferenciado de Aristóteles.

Mais tarde, nos textos de El Rey Dom Duarte, temos o pensamento derradeiro, a verdade final a respeito do que é construir castelos: “A verdadeira fortaleza nos tira o receio, tempera o atrevimento e dá mais ajuda para que nos atrevamos ao invés de nos recearmos”.

Com tudo isso na cabeça, saí do Museu Picasso e fui experimentar um polvo ao estilo tradicional galego no *El Quatre Gats*, e, para a surpresa dos garçons, preferi estacionar nos aperitivos.

Foi no restaurante que começou uma nova história de amor – nada de novos Alessandros, Alexandres e Isaías – foi no antigo centro do Modernismo espanhol, um desses pontos de encontro que reúnem gênios e movem gerações, que me apaixonei por mim mesmo. O homem que tanto se jogou em braços maldosos, sem pensar duas vezes, agora começava a voltar essa paixão e ardência para si próprio.

El Quatre Gats... Temos toda uma cultura em volta da adoração dos gatos, sua graça e beleza ingênua; e me espanta muito que a adoração aos felinos tenha começado num povo tão asseado, como era a civilização egípcia. *Cat people* são essas pessoas fanáticas pela elegância autista que os gatos esbanjam. Se você está achando que sou um deles, ainda não entendeu a força motriz deste livro.

Com todo o respeito ao hermético universo felino, é claro que sempre babei mais pelos cachorros: a selvageria, o sexo explícito e aquele afeto de sempre estar grudado, acariciando um ao outro. Incluo-me entre os homens que vivem sempre sob o perigo de que os cachorros abandonem sua lealdade e o mordam com violência, em troca de outro algo suculento, que lhes encha a boca d'água. Invariavelmente – gato ou cachorro –, este é o preço que, mais cedo ou mais tarde, o homem vai pagar por insistir em se relacionar com animais.

Para terminar a noite, deliciei-me com os croquetes da casa, preparados a partir da mesma receita que Picasso saboreava naquele lugar, no ápice de sua carreira. A altivez com que eu me portava na noite em que elevei minha autoestima, em um ponto jamais alcançado sobriamente antes, fazia com que vários homens disputassem trocas de olhares

comigo. Os garçons eram os mais ousados, chegando a oferecer gratuitamente taças dos mais caros vinhos da casa para chamar minha atenção.

Pela primeira vez, eu me esquivava despreocupadamente da luxúria, limitando-me ao Mœt & Chandon. Do mesmo modo, os requintados aperitivos seriam as únicas guloseimas que saborearia naquele dia. Fim de noite.

Barcelona era muito rica em arquitetura e cultura, mas, além disso, havia também a dieta mediterrânea: *bacallà, empedrat, pan con tomate, escalivada...* Oh! As *tapas*, de lanchinho, que eu acabava comendo de duas em duas horas, de bar em bar, só por gula (enquanto pensava: Ah, Montserrat! Agora te entendo...). E não precisei comer nenhuma “espanhola natural da Catalunha”, como diria aquela marchinha antiga.

Aluguei um carro e fiquei dirigindo pela comunidade. Fui várias vezes ao Teatro-Museu Dalí, tantas que os atendentes brincavam que iam me dar uma carteirinha de sócio. Não me cansava de olhar aquelas obras magníficas. Eu ficava sentado em frente à Leda Atômica, de boca aberta, pensando na bomba, na guerra, e nas minhas próprias batalhas interiores. Nas coisas pelas quais não adiantava lutar, nos murros que eu continuava dando em ponta de faca: pelo homem, pelo falo, pelo belo e pelo bélico.

Passei muito tempo pensando em Gala e Dalí. Gala Éluard foi a musa inspiradora, não apenas dele como de alguns outros artistas. Mulher forte e decidida, fazia para Dalí a conexão entre o gênio e o mundo real. Não cabe à História julgar esta relação, mas olhar para uma força assim aprisionada, que precisa de outro impulso para exteriorizá-la, foi o suficiente para que eu enxergasse a situação de Dalí como frágil e triste.

O rosto daquela mulher era uma sombra por trás de cada quadro e cada obra naquela galeria – quando não era ela a própria modelo pintada ali. Quantas vezes não quis ter uma Gala para me envolver e guiar meus instintos... Infelizmente, uma relação de tal sinergia é um sonho realizado por poucos, ainda muitas vezes distorcidos por desentendimentos que acabam por censurar um, outro ou ambos os lados. Os homens que passaram pela minha vida não me completavam, não se uniam a mim. Ao contrário disso, eles sabiam criar a imagem exata para apenas me fazer achar que estávamos conectados. Meu ledo engano.

Aquela imagem potente da embaixadora dos poderes criadores de uma mente perdida começou a tomar cada vez mais forma em meu consciente. Iria tentar, a partir daquele momento, não ser mais dependente de uma metade que me completasse. Cumpriria eu mesmo este papel. Minha própria Gala emergindo o meu Dalí para a superfície.

Precisava agora colocar todo esse meu novo *mindset* em movimento, e, enquanto os pilares firmes do Mundo Velho foram fundações ótimas para a construção do meu caráter, meu motor ainda precisava de mais combustível. E essa gasolina seria a energia louca da terra de Colombo. Dei meu adeus àquela serenidade e parti rumo a outro sonho: o sonho americano.

Eu resolvi tentar descobrir do que é que Frank Sinatra falava tanto. Fui para Nova York encontrar os amigos que tinha feito pela internet. Ao todo, eram três. Em ordem: Jacob, Roy e Oliver. Pode parecer aqui que eu estava atirando para todos os lados, mas não era nada disso. Eu realmente tinha ficado amigo dos caras. Jacob morava no Queens, e me hospedou por duas semanas. Nesse ínterim

passeamos por Greenwich Village, onde conheci os artistas mais fantásticos da minha vida; Chinatown, o bem sabido bairro oriental; e pela Little Italy – a respeito deste último lugar, posso assegurar que, fora da Itália, você nunca vai comer um sugo tão maravilhoso quanto o que eles servem lá.

Como Jacob morava com a família, a situação não tardou a ficar constrangedora. Apesar de os pais serem liberais e saberem das preferências do filho que criaram – e, como eu disse antes, nós não tínhamos nenhum tipo de relacionamento além da amizade –, ficaram visivelmente incomodados com a minha presença. Eu não sou ‘pintosa’, cuidei a vida inteira para que não parecesse ‘pintosa’, mas Jacob... Ele parecia. Após catorze dias, sentindo o clima tenso demais, comprei presentes para todos eles, agradei pelo acolhimento e disse que precisava voltar para o Brasil. Mentirinha saudável por uma boa causa. Fui do Queens para o Marriott do Brooklyn, e por lá fiquei até ligar para Roy.

Roy tinha uma empresa de exportação. Trabalhava em Manhattan, mas morava em Nova Jérsei, numa mansão em Nottinghamshire. Por mansão eu quis dizer mansão mesmo, a casa tinha doze quartos e seis banheiros, uma quadra de tênis nos fundos, um enorme salão de jogos, além da garagem, que ostentava os três luxuosos carros de Roy: um Jaguar, um Rolls-Royce e um PT Cruiser, recém-lançado. Fiquei me perguntando quem é que precisa de três carros, mas não disse nada.

Roy tinha um segredo não revelado: estava apaixonado por mim. Ele queria que eu mudasse para Nova Jérsei e me casasse com sua irmã, para obter a cidadania. Disse que me colocaria na empresa, já em cargo de alto escalão,

e que juntos viajaríamos o mundo todo. A tentação foi enorme, mas... Eu não estava apaixonado por ele. Dei uma chance ao destino e permaneci em sua casa por um mês. Só que nada mudou. Meus princípios – sim, eu os tenho, e são até mais fortes do que eu gostaria – não permitiriam que eu morasse com um homem que não amava simplesmente por causa de seu dinheiro. Ciente disto, achei injusto permanecer em sua casa por mais tempo, sendo mimado em todas as minhas vontades e sem poder retribuí-lo como ele esperava. Parti o coração de Roy, mas continuamos amigos. Fui embora para a casa de Oliver.

Com Oliver foi só decepção. Era um sujeitinho grosso, de pouca educação, e que tinha hábitos muito danosos à própria saúde. Ele havia me convidado para ficar em sua casa. Mas, uma semana depois, o convite já tinha se tornado um enorme favor, e daqueles que a gente faz sem a menor vontade de fazer, apenas para cumprir algum tipo de protocolo. Comparando a grosso modo, parecia que ele estava ajudando a concunhada com alguma dívida. Como se eu precisasse do favor, ou não tivesse dinheiro...

Quando estava em casa, Oliver passava o tempo todo bebendo, fumando e falando ao telefone. Assim que eu o flagrei dizendo para um amigo que minha presença era incômoda, não tive dúvidas: peguei minha mala e ‘adeus!’

Decidi permanecer na cidade sozinho. Aluguei uma quitinete no Brooklyn, por uma mixaria, e passava a maior parte dos dias passeando pela cidade. Curiosamente, isso se tornou um hábito em minhas viagens ao exterior. Andar sem destino pelos centros dos lugares e se deixar guiar pelo acaso pode resultar em experiências surpreendentes.

Percebi, de repente, que estava numa das cidades que mais se repetia nos meus sonhos. Como não havia mais a quem me prender, já que Jacob, Roy e Oliver eram agora páginas viradas nessa escala, a ficha começou a cair. Aquela era a chance de ouro para que eu me embrenhasse pelos cantos de Nova York e me tornasse íntimo daquele instigante lugar, sem me importar de estar só, apenas observando de perto e me deixando encantar por uma das cidades mais importantes e influentes do mundo.

Era uma manhã de quinta-feira quando acordei. Já passavam das onze e minha fome me levou à lanchonete mais próxima da Browne Street, meu novo endereço na cidade. Eu tinha algum dinheiro sobrando, mas não sabia calcular ao certo o quanto precisaria guardar, já que não fazia ideia do tempo que permaneceria em NYC.

Não sei bem qual foi o motivo que me fez optar por me instalar no Brooklyn, subúrbio negro onde teve início o movimento hip hop na década de 70. Apesar da aura racista que pairava na atmosfera daquele lugar, o cheiro de melamina que exalava dos corpos locais me fez permanecer por ali, extasiado.

Na lanchonete, tive uma pequena frustração. Os bacons engordurados, ovos e batatas fritas escurecidas que enfeitavam a vitrine daquele balcão não me faziam feliz, pelo menos não naquela manhã. Pedi um café e fui andando em direção à saída.

Quando já estava saindo da lanchonete, notei que se aproximava um homem de meia-idade, negro, cabelos em rastafári e vestido com uma camisa do Brasil. Parei na porta e fiquei soprando meu café, fingindo esfriá-lo um pouco. Eu tinha poucos segundos para decidir se abordaria ou não aquele homem.

– *Excuse me, please. Do you... Do...* (fiquei pensando no que dizer) *Do you know where can I find some Brazilian coffee overhere?*⁶ – perguntei, fixando meus olhos naqueles lábios carnudos, dos quais eu esperava qualquer resquício de sotaque em português.

– Sim – disse ele, com todas as letras e para minha felicidade.

Começamos a conversar na porta da lanchonete. O nome dele era Elizeu. Morava em Nova York há três anos, era natural do Rio de Janeiro, casado, e trabalhava como mecânico numa oficina há duas quadras dali. Contei-lhe que estava na cidade há poucos dias e que tinha alugado uma quitinete bem perto dali, a 200 metros. Perguntei se havia uma outra opção de lugar onde eu pudesse me alimentar. Ironia do destino. Elizeu estava indo encontrar a esposa e as duas filhas para juntos almoçarem na Rua 46, a rua dos brasileiros em Nova York.

Ele contou que era possível comer uma deliciosa feijoada brasileira naquela rua a um preço razoável. Extremamente simpático e gentil, Elizeu se ofereceu para me acompanhar, percebendo em meu rosto a dificuldade de chegar lá sem um guia. Pegamos um coletivo e nos dirigimos à Rua 46. Eu estava muito feliz, começava a acreditar que meus orixás haviam embarcado comigo naquela viagem.

Curioso, viajei ainda mais ao imaginar como seria a Little Brazil Street. Será que eu encontraria famosos por lá, ou talvez algum conhecido famoso do Brasil? A caminho, cantarolava baixinho Manhatã, como se fosse protagonista da música de Cazuzá.

⁶ “Desculpe-me, por favor. Você... Você... Você sabe onde eu poderia encontrar um café brasileiro por aqui?”

Comecei a pensar que seria uma ótima ideia saborear uma feijoada típica brasileira e dar uma caminhada pelo Central Park, depois, para melhor aproveitar a tarde. Assim, descemos na Sexta Avenida, bem no pé do Central Park, e de lá seguimos andando para a aguardada Rua 46.

Chegando lá, trocamos contatos e nos despedimos, já que Elizeu havia marcado de encontrar sua família num restaurante próximo, cujo nome ele me disse, mas esqueci na mesma hora, de tão impressionado que estava com a cidade. Como me vi ausente de companhia, hora ou compromisso, decidi então caminhar sozinho pela rua e escolher, com calma, onde iria almoçar.

Sentia-me à vontade naquele lugar. A rua estava lotada e havia muita gente com a camisa da seleção brasileira. Os supermercados e restaurantes estavam abarrotados de pessoas. Parecia o calçadão da Avenida Sete, no centro de Salvador. Era como se quase todo o comércio brasileiro se concentrasse ali.

Não faltavam opções de comida brasileira para todos os gostos: mineira, baiana, gaúcha... Decidi entrar num restaurante que anunciava uma feijoada brasileira a um preço bem convidativo. Entrei e pedi um chope ao garçom, também brasileiro. A trilha sonora estava por conta de um CD do Bruno e Marrone. Nem tudo poderia ser perfeito naquele dia.

A feijoada vinha completíssima: pé de porco, linguiça, carne-seca, lombo, torresmo, laranja seleta, couve mineira, arroz branco, e tudo a que tinha direito, depois de todo aquele tempo fora do Brasil.

Comi de lamber os beiços, morrendo de saudades de casa. Fechei a conta e fui conhecer o Central Park. Se antes, ao descer do ônibus, eu já havia ficado deslumbrado com o

parque, ao adentrá-lo tive a sensação de estar no meio de uma maravilha verdejante. É impressionante ver de perto a quantidade de verde, em todos os seus matizes, instalado exatamente no meio da selva de pedra que é a cidade de Nova York.

Devia ser umas duas horas da tarde. Pelo caminho, ia observando as pessoas. Havia senhores jogando cartas, outros lendo jornais; *new yorkers* aproveitando o intervalo de almoço para descansar, crianças brincando, casais namorando. Era a vida se manifestando sob suas múltiplas formas. Como o lugar é imenso, aluguei uma bicicleta para ganhar tempo. Pedalava no sentido da região sul, onde avistei, bem de longe, um urso polar brincando no seu tanque. Era o Zoológico do Parque, onde se podia chegar bem próximo dos animais.

Passei pelo Zoológico e cruzei um lago, onde um jovem pai entusiasmado alugava um barquinho de controle remoto para seu filho. Parei a bicicleta por um tempo e fiquei observando aquela cena à beira do lago. Não sei bem explicar, mas aquele flagrante familiar me emocionou. Acho que me fez lembrar do Brasil. Meus olhos encheram d'água, mas reagi rápido à sensação de nostalgia. Continuei o passeio em direção à região oeste, acima do parque, e lá conheci o "Strawberry Fields" e o "Imagine Mosaic", onde adolescentes com camisetas dos Beatles fumavam cigarro. Crianças. Os Beatles acabaram. GET FUCKING OVER IT!

As horas passavam com a mesma velocidade em que eu conduzia a bicicleta alugada. A tarde já estava prestes a se findar quando voltei ao ponto de partida, no início do Parque. Devolvi a bicicleta, agradei ao senhor que tomava conta do negócio e pedi-lhe orientação sobre a melhor condução que deveria tomar, de modo que eu pudesse retornar

ao Brooklyn antes do anoitecer. Após esse passeio solitário por Nova York, voltei para casa tomado por um sentimento inexplicável, uma mistura de felicidade e paz, convencido de que a vida sabe sorrir para quem tem olhos de ver, ainda que com um sorriso efêmero.

Os dias que se seguiram não foram tão diferentes. Consegui visitar os lugares mais interessantes que a cidade tinha a oferecer para um turista como eu. Fingi que era local. No *breakfast* comia *bagels* com *cream cheese* e salmão defumado e bebi muito café ruim do Starbucks, como se eu tivesse nascido no centro da Big Apple. Mas logo me cansei de fazer esse papel.

Como não poderia deixar de ser, ícones do tipo “cartão-postal”, ou seja, lugares invariavelmente visitados por todos os turistas, deveriam também ser explorados em NY – por que não? Assim, estive na Estátua da Liberdade, onde tive a oportunidade de fazer fotos fantásticas das janelas da coroa. Na Times Square – cruzamento entre a Broadway e a Sétima Avenida –, fui ao Visitor Center, onde saquei algum dinheiro, usei a internet para checar meus e-mails e comprei algumas lembrancinhas para amigos brasileiros. Também aproveitei esta oportunidade para realizar outro grande sonho.

Passeando por aquela região, conheci vários locais interessantes, como o Museu de Cera Madame Tussaud, a megaloja de brinquedos Toys “R” Us, a loja da Swatch, o Planet Hollywood e o estúdio da MTV. Até que conheci as Bilheterias TKTS, onde se pode comprar ingressos com descontos fabulosos para a Broadway – este era o meu sonho. Daí pensei: “vir a Nova York e não ir à Broadway pode me traumatizar irreversivelmente para o resto da vida”.

Como eu já estava esgotando meu tempo de férias, decidi encerrar aquela viagem com chave de ouro. Paguei US\$ 65,00 por um ingresso para ver Miss Saigon, que estava em cartaz no Teatro da Broadway. Dinheiro bem empregado. Um espetáculo inefável. Lindo de morrer. Melhor *grand finale* não poderia haver. Encerrei minha viagem vivendo um dos momentos mais emocionantes da minha vida, na Broadway, assistindo a uma trágica história de amor inspirada na Ópera Madame Butterfly, de Puccini. Um oficial americano e uma prostituta vietnamita que se apaixonam durante a crise de Saigon, em 1975. Arrebatador. Jamais esquecerei NYC.

No fim das contas eu já havia mesmo feito tudo o que queria naquele lugar. Posso dizer que verdadeiramente conheci a cidade de Nova York. Só restava mesmo uma coisa a fazer, que incluí em meus planos, e não era mais nos Estados Unidos.

Fui do JFK, sem escala, para o Aeropuerto Internacional Jose Martí, em Ciudad de La Habana, onde Juan me esperava com um amigo. Meu interesse por homens caucasianos sempre foi muito pequeno, eis o verdadeiro motivo de os americanos serem apenas meus amigos. O sangue latino sempre me cativou muito mais, e foi pensando nesses encantos que enviei cartas para as revistas masculinas falando da minha disposição de viajar pela América Latina para conhecer um amor verdadeiro. Juan me respondeu, abri meu coração, e novamente me enganei...

Antes de encontrá-lo, já havíamos trocado cartas, e-mails, fotos e telefonemas, todas essas coisas de pessoas que estão se conhecendo à distância. Eu tinha certeza de que, dessa vez, o amor ia engatar. Quando nos encontramos no embarque do aeroporto ficamos extasiados um com o

outro, não nos largamos durante 24 horas. Aluguei uma casinha no subúrbio de Guababacoa, longe do Centro Habana, e ficamos hospedados por lá. Juan era tudo o que mais me atraía: grande, forte, másculo, voz grossa de locutor de rádio e aquela sensualidade latina já tão disseminada no mundo pelas nossas agências de turismo.

Fui apresentado aos pais dele, que me aceitaram imediatamente como da família, e começamos a fazer nossos planos. Eu não tinha nem a vontade nem os requisitos necessários para me estabelecer em Cuba, mesmo que fosse na capital. Decidimos que Juan viria comigo para o Brasil, tentaria se adaptar por aqui, e nós daríamos um jeito para que ele pudesse morar em Salvador, provavelmente na minha casa. Tentaríamos agilizar um visto de trabalho, empregando Juan na empresa de um de meus amigos. Depois de duas semanas em Cuba, voltei sozinho e comecei a mexer meus pauzinhos. Morri numa grana federal com tradutores juramentados, para acertar toda a documentação dele, além de comprar eu mesmo a passagem, pagar o passaporte, taxas de viagem e tudo mais. Fiz tudo o que estava ao meu alcance. E chegou o grande dia.

O voo de Juan chegava em Guarulhos, e eu fui até lá para buscá-lo. Bastou me ver no embarque para começar a gritar. Ele desmunhecava e gritava (em espanhol, para piorar), como se fosse competir para ser a rainha do Gala Gay. Estranhei seu comportamento. Juan havia se tornado uma outra pessoa – ou talvez só exteriorizado a que sempre fora. E essa nova faceta, infelizmente, nunca me interessou em um homem.

Desnecessárias seriam as divagações a respeito de minha nova decepção (note-se que não quero parecer uma “bichinha reclamona”, mas que reclamar é o primeiro di-

reito a que tenho acesso quando sou lesado). Di-las-ei, de qualquer modo: SACANAGEM DA PORRA. O cara ganha minha confiança, ganha meu amor, me faz arrumar uma viagem pan-americana e, quando eu penso que “tá tudo resolvido”, ele entra numa trip psicológica nojenta de “repressão para os comunistas, este é o meu-verdadeiro-eu”. Mandei-o de volta para Cuba, sugerindo que fosse mostrar o “eu” dele pro Fidel. Poucas vezes senti tanto rancor de um ex-namorado.

Depois dos vinte dias da tortura a que Juan me submeteu, fiz o que sempre faço quando bate a solidão ou me desaponto profundamente: putaria livre, leve, solta – aquela que o Ney Latorraca canta e que, por si só, exonera o sujeito de todos os pecados. Percebi que o que eu havia passado e aprendido em minhas viagens ao exterior, por mais profundo que fosse, não era algo que se adequava verdadeiramente à minha vida. O André racional não aguentava a tentação das caçadas, e sucumbia ao emocional, sem ao menos olhar para trás. E lá estava eu na boate Yes, tomando uma caipirinha de abacaxi, que nenhum outro lugar faz igual, quando vi o cara da vez na pista.

Era um “negão de tirar o chapéu”, do tipo que felizmente é fácil de se encontrar em Salvador, mas com olhos verdes. A surpresa foi na hora em que falei com ele e a resposta veio em inglês. “*Really? Do you swear? From where? England, Yorkshire?*” – disse ele, acrescentando que sabia pouquíssimo da língua portuguesa. Pedi seu telefone e ele disse que não tinha, então escrevi o meu num guardanapo e pus em seu bolso. Uma semana depois, ele me ligou.

Fomos comer uma pizza. Ele me contou que se chamava Robert Strauss, que tinha vindo de Yorkshire num sis-

⁷ Sério? Jura? De onde? Inglaterra, Yorkshire.

tema de intercâmbio, para dar aulas no Brasil, e que morava na casa de uma família em São Caetano. Depois desse dia, nos encontramos muitas outras vezes e ficamos amigos. Mas Robert nunca me levava para conhecer a família e nem me dava o telefone da casa em que morava. Era sempre ele que telefonava e vinha me encontrar, ou então marcava um determinado lugar.

Não sei ao certo quando foi que comecei a desconfiar de Robert, porque *he always had such an unsuspecting accent*⁸, mas acho que foi quando seus erros de português começaram a mudar de padrão (ao mesmo tempo em que ele traduzia letras de música para português usando palavras muito exatas). Isso levou alguns meses. Quando eu fiquei muito desacreditado da história, entrei na internet e pesquisei, tanto sobre Yorkshire quanto sobre a família Strauss.

Sobre os Strauss eu descobri que eram inicialmente austríacos, e encontrei alguns membros em Lisboa, São Paulo e... Salvador. Liguei para o telefone de Salvador e um homem, cuja voz parecia com a de Robert, atendeu. Eu perguntei se o Zé Carlos estava e desliguei o telefone. Liguei mais algumas vezes durante o dia pra tentar me certificar, e ainda hoje acho que era a voz dele mesmo.

Em relação ao condado de Yorkshire, foi mais fácil. Eu não precisava descobrir muito, na verdade, só algum pequeno detalhe que ele pudesse ter deixado escapar. Escolhi a Guy Fawkes Night, uma festa anual cuja temática era parecida com a da queima de Judas no Sábado de Aleluia. Imprimi tudo e deixei guardadinho. Dias depois, Robert telefonou dizendo que queria me ver.

⁸ Ele sempre teve um sotaque acima de qualquer suspeita.

Ele foi de tarde até a minha casa, e preparei uma mesa de chá para inglês nenhum botar defeito, com aparelho de porcelana fina, *black tea*, *petit fours*, *biscuits aux fines herbes*, leite e alguns pãezinhos. Na época, foi um trabalhão encontrar um *black tea* inglês em Salvador, e o aparelho de porcelana eu tive que alugar. Mas de duas uma: ou ele se embananava todo e provava que não era inglês ou ficaria muito feliz e me ensinaria algumas coisas sobre uma cultura diferente.

Quando Robert chegou, disse a ele que naquele dia iríamos fingir que estávamos tomando chá em Yorkshire, que só falaríamos em inglês e que deveríamos nos aprontar para pegar a estrada e chegar a tempo em Londres. Fiz o melhor *british accent* que fui capaz, e tudo parecia diverti-lo bastante. No entanto, Robert não sabia como tomar o chá à moda inglesa. Encheu-o de açúcar, estranhou quando eu pus leite e justificou-se dizendo que a família dele em Yorkshire não era exatamente abastada, sendo o chá inglês uma tradição mais forte na classe média-alta. No mínimo curioso, pois, pelo que li, era justamente o contrário. Brinquei, perguntando se ele não havia aprendido nada com o *Mad Hatter*, mas ele pareceu não entender a brincadeira. Oras, não tinha lido Alice no País das Maravilhas ou não tinha ligado o nome original ao Chapeleiro Maluco?

Minha última cartada foi quando o chá terminou. Eu perguntei se ele estava preparado para viajar, pois, do contrário, perderíamos a comemoração da Guy Fawkes Night. E ele perguntou o que era que havia de tão importante nessa festa. Foi quando eu falei que era ele quem devia me dizer, já que se tratava de uma festa tão popular em seu país. Robert negou que fosse; então, peguei as quinze páginas impressas a respeito da Guy Fawkes e pus em cima da mesa.

Ótimo. Além de não conhecer a Guy Fawkes Night, ele também não tinha lido Alan Moore.

Pois vou lhe dizer uma coisa: nunca um negão atingiu uma tonalidade tão pálida; aliás, nem às mulheres semimortas de Álvares de Azevedo faltava a coloração daquela maneira. Eu disse: “Game Over!” E ele continuou sem entender, dizendo que eu estava muito esquisito. Até então, eu estava levando tudo aquilo numa boa. Mas nessa hora eu fiquei puto, puto pra caralho, puto de verdade, porque, além de duvidar da minha inteligência, ele parecia querer brincar com minha sanidade. Esgotada a farsa, parti para o choque de realidade, que viria a desmascará-lo: “Ae Janjão, meu ar-condicionado tá dando uns problemas. Eu ligo pro seu Reginaldo ou tu mesmo faz isso?”

Janjão era o apelido de infância de Robert. Descobri quando procurava pelo nome Strauss nas Páginas Amarelas, estava escrito com todas as letras na seção de “Assistência Técnica”. Seu Reginaldo era o pai dele, para quem eu já havia ligado, inventando a história do ar-condicionado. Identifiquei-me como Humberto e falei que conhecia o sobrenome dele de algum lugar...

Seu Reginaldo, o senhor tem filhos? – e ele respondeu que sim, que tinha o “Roberto” – O Roberto que fala inglês, seu Reginaldo?

Sim, ele deu aula na Cultura Inglesa.

Ah, é isso mesmo! Ele foi meu professor. Amanhã eu ligo de novo e combino um horário para levar o aparelho aí, tá certo?

Roberto não sabia onde se enfiar. Continuando o papel de “a louca”, perguntei se ele não queria brincar de “casamento perfeito”, eu entrava com a mão e ele entrava

com a cara. Ele pediu desculpas, e eu perguntei por que diabos havia inventado uma mentira tão sem graça. E Roberto disse que, no primeiro momento, na discoteca, tinha mentido só para me afastar, mas que depois acabou gostando de mim e não sabia como terminar com a mentira.

Minha maior qualidade é também meu maior defeito: generosidade *sans frontières*⁹. Claro, Roberto agora estava sendo sincero e demonstrava estar arrependido de verdade, o que bastou para mim. Dei a ele um original de *Alice in Wonderland*. Hoje Roberto é um dos meus melhores amigos, e sempre damos muitas risadas ao relembramos essa história. É, com certeza, o nosso assunto de maior sucesso nas mesas de bar.

Roberto é muito inteligente. Fizemos juntos um projeto de livro infantil, que visava familiarizar as crianças com a língua e a cultura inglesa. Seria uma pequena história infantil, contando sobre uma suposta ligação entre a cidade de Sapeaçu e New Hampshire. A trama central girava em torno da ideia de que embaixo de Sapeaçu existia uma cidade chamada Nova Inglaterra, com a estrutura de um trem-bala conectando a região de Salvador com toda a região de Londres. Em Nova Inglaterra, os nativos que haviam se mudado para a Bahia passariam as noites, e, durante o dia, subiriam para Sapeaçu e viveriam como brasileiros, aprendendo sobre a nossa história, nossa cultura, e ensinando às crianças um pouco da cultura e da história da Inglaterra. Infelizmente, o projeto nunca saiu da gaveta. Mas nossa amizade se fortaleceu.

Roberto me levou para conhecer seus pais, e geralmente nos fins de semana nós almoçávamos por lá, quando

⁹ Sem fronteiras.

dona Luísa, sua mãe, fazia um banquete. À noite, saíamos para a ‘pegação’, claro, mas nunca fizemos sexo um com o outro. Parecia haver algum tipo de acordo tácito determinando que não devíamos encostar um no outro.

Além do mais, Roberto podia ter mentido, mas ele não era nenhum extorsionário fodido, que não tinha onde cair morto, e eu sabia que ele não iria me esfaquear as costas por causa de 40 ou 100 reais, por um tênis novo ou passagens para Cuba. Viramos unha e carne. Andávamos pra cima e pra baixo, no país todo, tentando cumprir nosso objetivo final: trepar com caras de todos os estados. A aposta valia 500 reais para quem completasse a missão primeiro. E 500 reais eram uma merreca pra gente, era o que a gente gastava numa noite na Le Boy, a gente fez a aposta só como um *plus* pra brincadeira. Isso já tem tanto tempo, que nem sei se a aposta ainda está de pé, mas sei que nenhum dos dois conseguiu uma biba do Amazonas que valesse a pena.

Nosso ponto principal de putaria em Salvador era na praia do Jardim de Alah. A praia tem um paredão de pedras com uns pontos sem luz em que as monas ficam se pegando, exatamente como na praia de Boa Viagem, em Niterói, onde fomos tantas vezes pegar a ‘machaiada’ do Rio de Janeiro. E nós estávamos pistando no Jardim de Alah quando apareceu um cara de bicicleta.

Fiquei um tanto assustado, pois o sujeito tinha aparência de ladrão. E ele ainda cismou de criticar a atitude das bichas, dizendo que não achava certo os caras ficarem ali chupando pica e dando o cu, que daria porrada no primeiro que viesse conversar com ele, coisas desse tipo. Eu ficava sem saber o que dizer. Afinal, eu também estava ali para chupar pica e dar o cu. Depois de discursar bastante, final-

mente me perguntou se eu também fazia o que os caras dali estavam fazendo.

Respondi prontamente que sim e ele me pediu para segui-lo até um local discreto, na própria praia. Confesso que senti medo, estava com o coração disparado, mas acabei indo com ele pra debaixo da passarela do Costa Azul. O ciclista tirou um imenso cacete moreno para fora e me pediu para mamar. Tive receio de que alguém passasse pela calçada e visse aquela cena, mas não pude resistir ao imenso pênis latejante, cujo canal uretral parecia uma boca dizendo “me chupa, por favor”. Mamei o pau dele por vários minutos. Depois, ele pediu que eu abaixasse meu short e virasse o traseiro para ele. Obedeci, e ele começou a me enrabar. Eu gemia de tesão, de dor, ao tempo em que olhava para todos os lados preocupado, com medo de que aparecesse alguém. Trepamos por mais de meia hora, e quando terminamos me limpei e saí rapidamente do local. Nunca mais encontrei ‘O Ciclista’. Uma pena.

Nessa mesma época, nós frequentávamos também um bairro chamado São Tomé de Paripe. Ficar por lá era o equivalente a fazer um pós-doutorado em promiscuidade. Pegávamos, em média, cinco ou seis homens por dia, sete dias por semana. Era só telefonar para alguém que tivéssemos conhecido na noite anterior e marcar. Quando chegávamos em São Tomé, a festa de luxúria estava armada.

Era tudo muito cansativo, mas não dava nem pra perceber, por conta da nossa euforia. Volta e meia, nos perguntávamos: com quem foi mesmo que transamos ontem à noite? E nenhum dos dois sabia responder, porque tinha uns oito caras semiconhecidos dentro de um quarto. Foi numa dessas que nos demos mal.

Ligamos para um cara chamado Jefferson e combinamos o encontro, que seria próximo à Escola Caribé. Chegamos lá e nos deparamos com um cara lindo, pedindo para estacionarmos o carro mais no final da rua, sob a alegação de evitar, assim, que alguém passasse e visse quem ia entrar no carro. Acelerei até o fim de uma ruelinha e, cinco minutos depois chegaram dois caras encapuzados, um deles armado com um trinta e oito. Gelei.

Os bandidos foram levando tudo o que a gente tinha: documentos, celulares, dinheiro, talões de cheques e cartões. Mas quando o cara que não estava armado quis tirar o relógio de Roberto, este sentou-lhe um murro tão forte no nariz, que fez o meliante cambalear e cair de cara no chão. Fiquei estupefato, nunca tinha visto Roberto usar sua força física. Pela intempestiva atitude de Roberto, acabei tomando uma coronhada. Quando notei que um fusca parava em frente ao meu Golf, senti que era hora de fazer alguma coisa. Engatei a marcha a ré (sem piadas, leitores) e saí voando para a Delegacia dos Barris. No caminho, perguntei a Roberto o motivo de ele não entregar o relógio, já que tinha entregado mais de 100 reais e até mesmo o cartão de crédito. Ele me olhou muito sério e falou: “presente da falecida Vó Izilda. Que Deus a tenha nos céus ao seu lado direito”. Tive que me segurar para não rir. Quando a gente pensa que conhece alguém...

Na delegacia, registrei queixa, omitindo o que eu fazia no local para não gerar preconceito ou má vontade dos policiais, e fui encaminhado para fazer um exame de corpo de delito no Nina Rodrigues. No dia seguinte, como eu só tinha sido acometido por uma escoriação leve que gerou um galo na minha cabeça, voltei a São Tomé para fazer uma pequena investigação particular, alertar o povo e descobrir

quem tinha me assaltado. E descobri. Tanto que não toquei mais no assunto.

Não bastasse esse primeiro contato com a força policial de São Tomé, ainda tivemos um segundo encontro. Claro que continuamos frequentando o local, devidamente precavidos e só trepando com as bibas conhecidas. Estávamos saindo de uma trepada fenomenal com três negões, indo para um bar – eu dirigia e fazia algazarra com uma corneta de carnaval, de tão feliz que me sentia –, quando um policial fez sinal para que eu encostasse o carro. E assim procedi.

Ele avisou que poderia me multar por dirigir apenas com uma das mãos, e eu falei que aquilo não iria mais se repetir. Foi quando ele abriu o jogo e disse que, na verdade, o que estava acontecendo era o seguinte: a população de São Tomé alertou a polícia sobre nossa presença no local, e eles resolveram investigar. O policial se identificou como Detetive e disse que havia me abordado à paisana na rua onde moro, perguntando as horas e pedindo informações sobre o lugar. Disse que compreendia o que nós estávamos fazendo, que não era algo a ser julgado, posto que nossa sexualidade só devia respeito a nós mesmos, mas me informou que muitos dos homens com quem saíamos eram ladrões, alguns bastante perigosos, outros com acusações de assassinato e tudo. O Detetive falou ainda que havia uma suspeita de tráfico de drogas envolvendo nossos nomes, mas que ele tinha investigado pessoalmente e já sabia de nossas vidas, onde trabalhávamos, onde morávamos, o que fazíamos ali. Por fim, aconselhou-nos a procurar outro lugar porque nem todos os policiais da região eram justos, competentes, ou mesmo honestos, e poderíamos ser presos, caso acabássemos nas mãos de um deles.

Nunca vou me esquecer desse Detetive. Em quarenta anos de Salvador, jamais encontrei um policial igual, incorruptível, livre de preconceitos e tão dedicado quanto ele. Fica aqui meu obrigado pela lição que me ensinou. Paramos de ir a São Tomé depois desse encontro.

Capítulo V

Mais alguns gatos para Alice

No início de 2003, eu e Roberto saímos pra tomar uma cerveja com Joanete de Alencar, uma ‘trava’, amiga antiga, que queria nos apresentar o seu novo namorado. Digo ‘novo’ porque antes ela já estava namorando virtualmente com meu amigo Jacob, que queria levá-la para os Estados Unidos e pagava todas as despesas de Joanete, inclusive o aluguel. Chegando à casa dela, tivemos uma dupla surpresa: ela estava namorando com mais dois, na verdade. Uma figurinha, a Joanete.

Os homens eram Aquiles, muito branco, e Eduardo, mulato, engraçado e bem ‘pintosa’. Fui até a cozinha, e lá Joanete me perguntou se eu queria trepar com um dos namorados dela. Respondi, sem muita convicção ou interesse, que, se tivesse que escolher preferiria Eduardo, já que Aquiles era branquelo. Ficamos tomando cerveja e esqueci do assunto.

O que sucedeu foi que continuei visitando Joanete – até mesmo porque meu amigo Jacob tinha pedido que olhasse por ela e lhe contasse, caso ela precisasse de alguma coisa (como se Joanete não fosse mandar a conta imediatamente para a casa dele) – e acabei me interessando de verdade por Eduardo. Aquiles já estava fora da jogada, pois Joanete achou que dois era bom, mas três era demais.

Um dia, Joanete veio me pedir conselhos, porque não sabia se gostava mesmo de Eduardo ou de Jacob. Acontece

que Jacob tinha acabado de mandar rosas para ela, marcado a viagem para Salvador e chegaria dentro de dois meses. E, com isso, a biba estava toda derretida de amores. Disse a ela que fizesse o que seu coração mandasse, mas que, de forma alguma, machucasse Jacob, pois ele era um homem decente, um cara muito legal. Então, perto da chegada de Jacob, Joanete machucou Eduardo.

Eu me lembro perfeitamente do dia: 4 de Setembro de 2003. Fui com ela ao aeroporto para buscar Jacob, e, na volta, quando chegamos ao apartamento de Joanete, vi que Eduardo não estava lá. Fiquei surpreso ao saber que ela colocara um fim no relacionamento, e logo voltei para casa, deixando os dois pombinhos a sós. Enquanto assistia TV, pensava se saía de casa, ligava para Roberto ou ia dormir. No auge dessa dúvida, o interfone tocou.

Achei que fosse algum pedinte ou mesmo Roberto, que sempre chegava em minha casa sem avisar, mas, para minha surpresa... Era Eduardo! Um frio desceu-me pela espinha e abri o portão todo feliz, fantasiando sobre o que ele poderia querer comigo. Prontamente, convidei-o a entrar. Sentamo-nos na sala e ele começou a contar toda a história com Joanete. Confessou que havia se interessado por mim desde o primeiro dia, mas que Joanete tinha abafado o caso por sentir ciúmes. Fez uma pausa e continuou. Em tom de queixa, falou que, agora que ela não gostava mais dele, não hesitou em mandá-lo embora, assim como fez com Aquiles, e provavelmente faria com Jacob.

Eduardo contou ainda que tinha acabado de passar em um concurso da Marinha, em Florianópolis, e que embarcaria em dezembro. No entanto, confessou que gostaria, antes, de tentar um relacionamento comigo e iniciar uma nova vida. Propunha uma relação séria, monogâmica e de

confiança mútua. Ressaltou que só precisaria de alguns dias para se acostumar comigo, mas que se sentia muito atraído por mim. Fiquei tão eufórico que não consegui pensar em mais nada. Peguei a cópia da chave de casa e entreguei a ele, dizendo que voltasse na hora que quisesse. Disse ele então que iria ao bairro Rio Sena, periferia de Salvador, onde estava hospedado, pegar seus pertences. Era noite, chovia, e o lugar era distante, mas fiz questão de levá-lo até lá. Voltei para casa cantando, mal consegui dormir de tanta felicidade.

Na manhã seguinte, antes de sair para o trabalho, deixei um bilhete dizendo a Eduardo para me telefonar quando chegasse. Ele me ligou às 10 da manhã para avisar que já estava lá em casa. Nunca o horário de expediente havia sido tão longo. Voltei do trabalho, apressado, e lá estava ele, cochilando no sofá, a mochila num canto da sala. No dia seguinte, a primeira coisa que fiz foi pedir-lhe que desfizesse a mochila. Rapidamente, arrumei um espaço no meu armário. Olhar para as roupas dele dentro da ‘trouxa’ me fazia ter a impressão de que ele partiria a qualquer momento.

Eduardo não me tocava. Só me encostava de um modo que eu chamaria de fraternal. Tive uma folga na sexta-feira e convidei-o para passarmos o dia na Praia do Forte. Eu estava cheio de ideias na cabeça. Depois de almoçarmos num restaurante muito aconchegante da praia, disse a Eduardo que tinha uma surpresa. Assim, ao invés de voltar para casa, segui viagem para Aracaju.

Chegando à capital de Sergipe, fomos ao cinema e, lá pelas nove, resolvemos saborear a comida típica do estado: farofa, inhame, carne assada, tudo uma delícia. Voltar naquele mesmo dia não estava bem nos meus planos, eu es-

tava cansado demais. Mas notei a ansiedade de Eduardo e peguei a estrada de volta para Salvador. No meio do caminho, não aguentei o sono e, para evitar riscos, paramos numa pousadinha, onde pedi um quarto com camas separadas. Não, não fizemos sexo. Sequer nos beijamos, nem um abraço Eduardo me deu.

Pela manhã, tomamos café e assistimos do hotel à parada de Sete de Setembro, que passava na avenida. Eu estava tão alegre! Dei a ele uma bala “Kiss me”, mas não sem antes brincar com o significado do nome da bala. Então ele me deu um beijinho na boca, um estalinho. Aquilo me deixou nas nuvens, antecipando os próximos momentos de amor que esperavam por mim. Tudo parecia mágico...

Mas eu ainda teria de esperar. Chegamos a Salvador e Eduardo passou mais quinze dias sem encostar em mim. Até que numa noite aconteceu, e por puro acaso: estávamos na sala vendo “Garotos de Programa”, filme com o Keanu Reeves, que passava no Telecine Cult, quando começaram a aparecer os flashes das trepadas. Fiquei excitadíssimo, e, ao olhar para o lado, percebi que Eduardo também estava tendo uma ereção.

Pus a mão em sua coxa e ele não se opôs. Fui subindo a mão e acariciando-o por cima da calça, até que abri e comecei a chupar. Ele gemia muito e puxava a minha cabeça com força, a ponto de me fazer engasgar. Mas eu estava achando tudo uma delícia e continuava mamando do jeito que ele queria. As trepadas que se seguiram a essa, no entanto, não foram tão boas. Eduardo fazia um sexo violento, como se não estivesse gostando de transar comigo. Além disso, ele estava sempre tão chapado de maconha que me deixava desconfortável, e eu não conseguia gozar ou sentir qualquer prazer.

Lá pela sexta vez, comecei a me acostumar com o jeito dele e a participar mais ativamente das nossas relações. Para minha tristeza, Eduardo fumava maconha demais. Um tanto a contragosto, eu o liberei para fumar dentro de casa, pois assim evitaria que ele andasse em companhias ruins ou que fosse preso pela polícia. Péssima estratégia. Ele começou a fumar todos os dias, por repetidas vezes, deixando-me impotente frente à situação.

Tentei dialogar. Chamei meu amigo Raphael, que é psicólogo, para ir lá em casa e conversarmos juntos a respeito, mas Eduardo se mostrou grosso e agressivo. Posteriormente, Raphael me diria que Eduardo parecia apresentar um comportamento preocupante, e que não seria uma boa relação para mim, pois eu não percebia ou – pior ainda – não queria perceber que ele estava me manipulando de um modo violento e dominador. Cego que estava, acabei ficando puto com Raphael por ter me dito essas coisas, sem saber direito do que eu julgava ser a “nossa história”. Mas o tempo passou e provou que Raphael tinha razão. *Omnes vulnerant, postuma necat*¹⁰.

Deixei que Eduardo continuasse a fumar dentro de minha casa enquanto pensava em alguma solução melhor. Como ele gostava muito de nadar, e era ótimo nisso, passei a levá-lo até à praia da Boa Viagem, na Cidade Baixa, e ficava dentro do carro, esperando na Penha, enquanto lia um livro. Eduardo costumava demorar em torno de uma hora e meia ou duas para aparecer, quando eu sabia que o percurso costumava ser feito em apenas meia hora. Dizia sempre que tinha encontrado algum amigo pelo caminho. Mas oportunamente descobri que, na verdade, ele estava era se drogando enquanto eu dispersava os pensamentos infelizes com Ezra Pound.

¹⁰ Todas ferem, a última mata.

Comprei uma máscara de mergulho para tentar acompanhá-lo, mas, desde que me afoguei em Itapoã, perdi boa parte da minha capacidade respiratória. Eduardo me jurara que tinha parado com a maconha. Por conta disso, comecei a mimá-lo. Tentava satisfazer todos os seus desejos, para compensá-lo. Dispus-me a comprar-lhe a melhor prancha de surfe disponível no mercado. Ofereci-me para ir ao shopping com ele e comprar uma nova, mas Eduardo descartou a ideia, dizendo que conhecia um surfista que lhe venderia uma seminova, com desconto. E eu fiquei feliz com aquilo. Não pelo dinheiro, mas por Eduardo não fazer questão de uma prancha nova. E lá fomos nós para a praia encontrar com o surfista.

O surfista não tinha cara, bronze, roupas nem linguajar de surfista, mas sim de bandidinho. Disse que a prancha estava em sua casa – de fato, o termo que ele usou foi ‘maloca’ – e que poderíamos buscá-la na hora que Eduardo quisesse. Seguimos então para a casa do cara. Mas lá fui impedido de entrar, sob a alegação, por parte do suposto surfista, de que a casa estava muito bagunçada e que ele se sentiria envergonhado. Só Eduardo entrou. Meia hora depois, sai Eduardo de dentro da ‘maloca’, com uma prancha velha e parecendo um japonêsinho que tinha acabado de cortar cebolas. Começamos a discutir, claro.

Entendi toda a situação: Eduardo estava lá dentro fumando maconha e não queria que eu visse. Deu algum dinheiro pela prancha velha e ficou com o resto para fumar. Agora já não duvido de mais nada, nem de que ele tenha roubado a prancha, deixado lá e me feito de motorista só para buscar maconha. É bem provável que isso tenha acontecido, porque ele nunca mais foi nadar em Boa Viagem. Preferia sempre outras praias.

Discutimos durante todo o trajeto até em casa, passamos mais uma hora batendo boca. Subitamente, ele ‘se revoltou’ e soltou o verbo: disse que eu queria mandar na vida dele, que iria embora e que aquilo não era amor de verdade. Comecei a chorar feito criança, mas peguei o carro e levei-o até a casa de dona Leonice, sua avó.

Chegando lá, ele se recusou a descer do carro, me pediu para voltar pra casa. Consenti e, não lembro bem por qual motivo, voltamos a discutir no caminho. Quando entramos em casa, ele resolveu que iria embora de ônibus. Arrumou tudo e saiu, com a tal prancha velha debaixo do braço, tal qual uma bisnaga francesa. Meia hora depois, quando eu já me acostumava com a ideia de sua ausência, ele abriu a porta de casa, dizendo ter esquecido a carteira. Procuramos por todo lado, mas ela não apareceu. Eduardo ficou enrolando e dormiu no sofá. Nada fiz. Mais um dos meus muitos erros...

Tentamos esquecer toda aquela situação. Eduardo me disse que passaria a diminuir a quantidade de maconha que fumava até se sentir capaz de parar. Novamente acreditei e fui paciente, novamente fui enganado. Assim que começamos a namorar, Joanete havia me contado que Eduardo era garoto de programa numa sauna chamada Eros, que ficava no centro da cidade. Por conveniência, preferi não acreditar, tentando me convencer de que Joanete estava com ciúmes. Até que um dia, Eduardo, que adorava fazer massagens em mim, pediu-me que lhe pagasse um curso de massagista.

Perguntei o nome e o endereço do curso. Não é que ficava do lado da Sauna Eros, para onde o dono do curso ‘indicava’ os melhores alunos? Fui atrás do dono da sauna para saber quem era, e aí sim tive uma surpresa: o dono, ou melhor, a dona era Sílvia, ‘amiga’ de Eduardo, com quem,

todas as tardes, ele dizia ir à academia de ginástica em que estavam matriculados. Resumo da ópera: ele ia era pra sauna, prestar serviços, fazer um extra além do dinheiro que extorquia de mim.

Tentei de tudo. Matriculei Eduardo em quatro cursos: inglês, informática, fotografia e violão. Imaginei que, se ele ocupasse seu tempo aprendendo e se educando com atividades que lhe desse prazer, talvez ficasse tão entretido que acabaria por esquecer a maconha. De todos esses cursos, ele só se interessou pelo de inglês, os outros três foram abandonados.

Já estávamos no fim de novembro, e Eduardo não dizia mais nada a respeito de seu ingresso na Marinha. Por um lado, eu achava bom que ele não fosse para Florianópolis e ficasse em Salvador comigo, por outro, já esperava que fosse outra mentira. Então, num belo sábado de tarde, na cama, quando tínhamos acabado de transar, ele me falou sobre um outro sonho dele: fazer Nutrição. E que estava pensando em trocar de sonho: desistir da Marinha e ser nutricionista.

E lá fui eu fazer a inscrição de Eduardo na Faculdade Soteropolitana para o curso de Nutrição. Orientei-o enquanto ele respondia ao questionário socioeconômico, de forma que conseguisse ingressar na faculdade (essa era a ‘prova’ de vestibular). Naturalmente, Eduardo foi aceito, mas eu já estava muito desanimado com seu comportamento, e resolvi que não iria bancar o curso.

No dia da matrícula, viajei para Jequié e deixei um cheque com o valor da inscrição. Ele me disse que sua avó e seu tio iriam ajudá-lo com o pagamento das mensalidades – mais uma de suas historinhas, já que ele não via nem o tio nem a avó há mais de seis meses. Quando voltei, Eduardo

disse que não havia conseguido se matricular e que rasgou o cheque. Desconfiei na mesma hora e sustei o pagamento, que foi compensado (e devolvido) três dias depois. Suspiro.

Eu tentava, em uma experiência muito pouco científica, calcular quanto tempo Eduardo havia sido falso e quanto tempo eu perdia, a cada dia, reescrevendo mentalmente nossa história de amor, com o que eu suspeitava ser a verdade. Cada hora mentirosa que Eduardo encenava pra mim era um número a mais no meu contador imaginário. E eu simulava obsessivamente na minha cabeça as loucuras que ele pudesse estar fazendo por aí.

Resolvi que já estava passando da hora de dar um basta definitivo nessa história. Sabia que Eduardo me desrespeitava, me traía, fazia pouco de mim e ainda me usava. Contratei um detetive particular para ir atrás dele e me trazer as provas. Não porque eu precisasse delas para me convencer – eu já estava convencido –, mas para evitar que Eduardo tentasse me confundir, que mentisse mais uma vez e distorcesse os fatos.

Contei ao detetive que Eduardo usava drogas e tinha relacionamentos extraconjugais, e pedi a ele que não me trouxesse apenas uma foto, mas várias fotos diferentes; que era indispensável que fosse fotografado na companhia de mais de um homem, em flagrantes que demonstrassem intimidade. O detetive, que era um ex-policial federal aposentado por invalidez (havia perdido parcialmente os movimentos da mão esquerda durante um tiroteio), me contou que esse tipo de trabalho era fácil, que não costumava levar mais de um mês, e que, a cada dez casos que ele pegava, nove eram a respeito de traição.

O homem pediu todos os dados que eu tinha a respeito de Eduardo: nome completo, documentos, endereços

em que havia residido, todas as informações que eu soubesse. A investigação que contratei cobria ainda algumas pesquisas (que não tenho certeza se são muito legais), às quais ele tinha acesso por ser ex-policial e ter amigos em vários departamentos críticos. O cara conseguia toda a ficha criminal de um cidadão, no país inteiro, e ainda me disse que não tinha nem mesmo um vilarejo escondido na fronteira do Acre que pudesse passar despercebido ao seu ‘pente-fino’. E eu nem precisava de tudo isso...

O detetive ficou atrás de Eduardo durante três semanas inteiras até conseguir tirar todas as fotos dos flagrantes, colocando-as em minhas mãos: Eduardo, durante o horário das aulas, subindo o morro e comprando drogas; Eduardo entrando em motéis de carro, acompanhado de um homem, ou mesmo de dois; e tantas outras imagens deploráveis. E o babacão aqui pagando os cursos e se endividando para que ele ficasse na boa-vida.

Achava eu que estivesse preparado para ver aquelas fotos, mas não estava. Sentado no escritório do detetive, repassando as fotos e ouvindo os relatos dele, fiquei estarecido, sem reação alguma, pensando no que eu deveria fazer em seguida. Por mais patético que possa parecer, o detetive ainda tentou me consolar, dizendo que eu era um bom sujeito e que não merecia viver ao lado de alguém que fazia esse tipo de coisa comigo. Sugeri que eu pegasse as fotos de Eduardo comprando drogas e levasse a uma delegacia, onde um amigo seu certamente se mostraria interessado em pegar aquele vendedor. Agradei por tudo, assinei o cheque, e saí de lá atormentado por uma avalanche de pensamentos.

Como disse, eu não precisava da ficha criminal de Eduardo, mas o detetive fez questão de providenciar, já que a ficha estava incluída no pacote que eu contratara. Eduardo

tinha sido indiciado em Alagoas por vender maconha e, pelo que tudo indicava, tinha fugido de lá antes de o processo começar a correr realmente. Além disso, usava um documento falso, com o nome de Carlos Henrique Torres, e devia mais de 20 mil nesse nome. Eu estava dormindo com o inimigo e não sabia.

Cheguei em casa e comecei a remexer as coisas dele, coisa que nunca tinha feito até então. Acabei arrancando o fundo de um dos armários e encontrando três pacotes de 100 gramas de maconha e alguns saquinhos com cocaína embalada dentro. Eduardo repassava a droga, mas, pela quantidade, dava pra saber que ele era ‘peixe pequeno’, só um ‘aviãozinho’. Vagabundo, fodido, pão-com-ovo e de má índole.

Fiquei desesperado, mas tentei pensar racionalmente. Se eu denunciasse Eduardo, ele podia mandar algum bandidinho atrás de mim, ou ainda pior, atrás de alguém da minha família. Não seria uma boa ideia. Agiria diferente. Naquela mesma noite, enquanto Eduardo dormia, peguei a identidade dele dentro da carteira e escondi. Na manhã seguinte, saí para o trabalho normalmente e, quando voltei, ele não estava. Pus a identidade e alguns objetos pessoais dele junto à droga, e tirei várias fotos. Tomei cuidado na escolha dos objetos. Arrumei tudo de volta depois, e, assim que ele chegou e foi para o banho, repus a identidade no lugar, para que ele não desconfiasse de nada.

Esperei pacientemente, mas morrendo de medo. Mais de um mês e meio até que Eduardo me desse abertura e criasse o momento propício. Eu deveria ganhar o Oscar de 2004 por ter conseguido fingir, durante todo esse tempo, que nada de errado estava acontecendo. Um dia, ele chegou em casa dizendo que precisaria viajar no fim de semana para

visitar um tio em Conceição do Coité. Disse a ele que fosse, mas que voltasse logo, pois eu morreria de saudades. Ele desdenhou, mas não desconfiou nem por um momento.

Liguei então para Arnaldo, um amigo que tinha uma transportadora e costumava fazer fretes na região de Salvador. Liguei também para minha amiga Margarida Nazaré, que estava alugando quartos em seu enorme apartamento. Como eu não tinha muita coisa e Eduardo só tinha algumas malas, gastei apenas uma tarde para fazer a mudança. Peguei todas as fotos, fiz mais de 100 cópias, imprimir a ficha criminal e os relatórios do detetive e afixei-os em todas as paredes do meu apartamento. Deixei as malas de Eduardo arrumadas e fui embora. Eu não precisava nem ao menos fazer uma carta, mas achei que seria bom deixar as coisas bem claras. Quando comecei a escrevê-la, vacilei. Meus sentimentos prevaleceram, as nuvens da dúvida taparam a minha visão. Escrevi e reescrevi a carta sete vezes. Coloquei a versão final dentro de um envelope, bem em frente à porta de entrada. A mensagem ficou assim:

Eduardo,

Eu te amo. Mas, muito mais do que te amar, tenho medo de você. Em primeiro lugar, porque você não me ama igual, não gosta de mim à altura e nem da forma que mereço; em segundo lugar, porque você não me conta a verdade e nunca hesitou em mentir para mim. Eduardo, Eduardo, Eduardo. Eu posso ser ingênuo, posso ser medroso, mas não sou um idiota. Mesmo te amando, quero você longe da minha vida até que esteja limpo, que não seja um viciado, até que saiba ser sincero, que tenha respeito por mim, que reconheça o valor de meu sentimento e saiba retribuí-lo, de alguma maneira. Não me procure novamente antes que esse dia chegue, e, por favor, não tente nada contra mim. Eu não vou te

denunciar, não quero e não tenho a intenção de te prejudicar, mas quero ter a certeza de que estou seguro. Espero que não tente contra mim qualquer tipo de retaliação. Ao contrário, tudo o que espero é que reflita sobre a minha consideração e se torne uma pessoa melhor. As fotos que espalhei pelo apartamento têm cópias que estão em poder de pessoas de minha confiança. Assim, se qualquer coisa me acontecer, elas já sabem o que devem fazer. Com o coração em pedaços, agora te peço: fique longe. Cuide-se. Cure-se. E volte. Quando voltar, estarei à sua espera de braços e coração abertos.

Te amo,

André

Hesitante, ainda permaneci por alguns minutos parado na porta, pensando se estava ou não fazendo a coisa certa. Simone, a vizinha da frente, clarinetista da Orquestra Sinfônica da Bahia, havia acabado de expulsar o marido de casa. Estupefato, ainda na porta, ouvi a melodia que vinha de seu apartamento. Curiosamente, não era nenhuma peça de Bach ou Mozart, que ela costumava ouvir, mas uma música pop americana. À medida que me afastava da porta, o som ia diminuindo, até sumir de vez. Mas o refrão ficou na minha cabeça:

... And it's too late baby / now it's too late / Though we really did try to make it / Something inside has died and I can't hide / And I just can't fake it...

Confabulava comigo mesmo, perguntando-me de que era feito o amor – ou esse avassalador sentimento que muitos denominam ‘amor’, talvez até indevidamente. Sim, porque a lógica dialética jamais haverá de explicar por que pessoas como eu tanto se entregam a quem, sabidamente,

pode nos destruir ali adiante. Do que é feito esse tipo de amor? De carências imensuráveis? De doenças assintomáticas? De pura insensatez? Ou mesmo, de um algum masoquismo oculto? Como era possível que eu ainda amasse aquela criatura? Inútil tentar encontrar respostas. Mas o fato era que eu ainda o amava.

Fui embora dali correndo, com os olhos cheios de água, e pedi para o síndico me avisar no momento em que Eduardo voltasse. Dei uma grana ao porteiro, para garantir que ele ficaria de olho se Eduardo saísse levando as coisas dele. Na quarta-feira, o porteiro telefonou às cinco horas da tarde. Imediatamente, corri para o prédio com um chaveiro e deixei avisado que nenhum de nós dois morava mais lá, e que Eduardo não estava mais autorizado a subir ao apartamento.

Felizmente, ele não voltou. No dia seguinte, fui até lá, mandei pintar tudo, fiz uma vistoria no imóvel e rescindi o contrato com a imobiliária, mesmo pagando multa. Na casa de Margarida, além de mim, um jovem casal, Jorge e Donna, estava se mudando também. Vieram de Aracaju para Salvador, e não tinham dinheiro para alugar um apê só pra eles. Mudamos os três para lá praticamente ao mesmo tempo, e esta circunstância nos aproximou. Tornamo-nos bons amigos.

Eles e Margarida muito me ajudaram a superar esses tempos difíceis. Era tudo bastante divertido. Margarida e Donna não trabalhavam e passavam o dia em casa, enquanto que eu e Jorge só chegávamos lá pelas seis. Jantávamos sempre os cinco, como se fôssemos uma família. Ouvíamos música, jogávamos baralho e tomávamos cerveja até uma da manhã, quase todas as noites. No começo, Jorge fumava muita maconha e ficava lesado demais, paranóico, com ciúmes, achando que eu estava me insinuando para Donna.

Os dois nunca saíam de casa, exceto para visitar os pais de Jorge, que moravam num bairro longínquo. Também não tinham amigos e nunca recebiam visitas. Por mais que Donna quisesse, Jorge se recusava a sair nos finais de semana, alegando que não tinha muito dinheiro para gastar com diversões. Passava a maior parte do tempo em cima da cama, comendo, comendo... Jorge sofria de obesidade mórbida, suas estrias pareciam os afluentes do Rio Amazonas. Acho que era meio que um círculo: fumar maconha, sentir ‘larica’, comer doce e ficar incapacitado. Um dia, Donna me contou que ele tinha problemas de coração. Não me impressionei.

Com o tempo, ele passou a fazer brincadeirinhas a respeito da minha sexualidade. Ficava me chamando de biba, viadinho, fada, bichinha, coisas assim. Eu não ligava muito – nem pra isso, nem pra maconha. No fundo, achava até bem engraçado. Sei que essas piadas são coisa de “machos” que não estão bem certos da própria sexualidade. E fomos ficando mais amigos.

Margarida bebia demais. Bebia muito e ficava chata, não chata o bastante para atrapalhar a vida da gente, mas do tipo que ficava grunhindo pelos cantos. Por incrível que pareça, a bebida não afetava o cotidiano dela. Margarida ia regularmente para suas aulas na faculdade de Direito, trabalhava e, nas horas vagas, saía por aí para pegar homem. A bem da verdade, devo dizer que isso era quase toda noite. Aquela ali sabia viver, e eu a admirava por isso. Margarida sempre jogava limpo com os homens, apesar de sua intensa vida mundana. Saí várias vezes com ela e cansei de vê-la entrando nos bares e dizendo à presa da vez: “Oi, você é o sorteado dessa noite”. Daí trepava com o sujeito, mas não ligava e não dava telefone. No dia seguinte, acordava um trapo. Não lembrava o nome, não lembrava a cara, perdia

todas as referências e rastros. Mas eram, na maioria das vezes, turistas europeus, daqueles com cabelos loiros e a face muito rosadinha. Para o bem de nossa total harmonia, nunca competimos por homem.

Com o passar do tempo, Donna e Jorge começaram a ter uma atitude de certa forma familiar, mas meio escrota, com Margarida. O casal brigava muito entre si e acabava falando merda pra ela, provavelmente porque Jorge trabalhava como se não houvesse amanhã e porque Donna não fazia nada – passava os dias em casa, na internet. O resultado era que os dois descontavam suas mágoas pós-guerra conjugal em quem estivesse por perto. Não em mim, porque eu não dava abertura. E o alvo principal era Margarida, que, por sua vez, relevava e se mostrava sempre interessada em resolver os problemas de todo mundo. Mas Jorge e Donna, apesar das discussões, se “preocupavam” com ela. Viviam dizendo que a saúde mental de Margarida estava prejudicada.

Merda nenhuma. Margarida se portava como um homenzinho. Era só o porre passar, que a mulher recobrava todo o controle de sua vida. Sabia bem o que estava fazendo, nunca repetia matérias, nunca atrasava o trabalho. E ainda era um gênio. Bastava estudar três meses de russo, para começar a falar, sem dificuldades. Quase todo dia aparecia gente na casa para visitar Margarida, e rolava de tudo. Até cocaína levavam de presente. O interessante era que ela cheirava, mas nunca ficava agressiva. Um caso excepcional. Ela era um poço de amor.

No meio de uma dessas brigas, Donna e Jorge resolveram que não queriam mais dividir a conta de luz do apartamento por quatro, já que Jorge passava o dia no trabalho. Este incidente foi a gota d'água. E Margarida rodou a boa

baiana que era. Disse aos dois que eles poderiam ir pra onde quisessem, mas que saíssem da casa no máximo em um mês, porque já havia gente interessada em ocupar o lugar deles. A mim eles disseram que sairiam antes do prazo. Mas o fato é que a mudança demorou dois meses.

No segundo mês, Margarida já não conseguia mais olhar pra cara de Jorge. Para piorar, Donna viajou pra casa da irmã, que tinha acabado de dar à luz. Ficamos só os três em casa, tentando uma convivência aparentemente pacífica. Aparentemente.

Margarida não gostava só de beber. Também apreciava boas comidas. Não só apreciava como também as fazia, e muito bem. Quando mais jovem, havia trabalhado em alguns restaurantes, o que fez com que desenvolvesse o gosto pela coisa. Cozinhava como se fosse um *chef*. Vira e mexe, aparecia com ingredientes obscuros; fritava acarajé e assava *lasagna* com a mesma habilidade. No mês em que Jorge ficou sozinho, ela cozinhou todas as noites, receitas tão grandes que davam pra alimentar sete pessoas. Ele chegava em casa e lá estava ela com dois quilos de *pasta alla carbonara* pronta. Ou uma torta salgada. Ou sorvete caseiro. Ou carne cozida e salada de batatas, que ela chamava, muito orgulhosamente com seu sotaque baiano acentuado, de *Kartoffelsalat mit mayonnaise*, fazendo soar forte o acento inexistente no “*sa*” ao invés de colocar a sílaba tônica no “*la*”.

Eu nem percebi por que Margarida estava cozinhando tanto, já que, a meu ver, era um fato comum ela ir pra cozinha. Só vim notar o que estava por trás disto alguns anos depois, quando lembrei que na casa havia três pessoas, das quais apenas duas comiam. Na época, ela convidava gente todos os dias para comer. Margarida queria atingir Jorge. A

cara que ele fazia ao ver aquele monte de comida era de desespero. O homem ia até a cozinha, olhava as panelas com um olho gigante e pegava um pacote de miojo. Margarida não mais lhe oferecia seus quitutes, mas arrotava alto sempre que terminava de comer.

Jorge e Donna se mudaram e eu não consegui pegar o novo endereço. Como Salvador não é lá a maior cidade do mundo, eu, que preciso sair de casa todos os dias, várias vezes por dia, esbarrava com os dois eventualmente pelas ruas. Donna gostava muito de ir ao teatro (arte execrada por Margarida), e, após dobrar a resistência do marido, passou a frequentá-lo esporadicamente em minha companhia. Jorge dava para Donna o dinheiro da entrada mais uns dez merréis pra ela “comer um sanduíche e comprar cigarro”. Sempre que a gente saía, ela comprava o maço de cigarros e eu pagava o lanche. Seu marido era um autêntico mão-de-vaca.

Um dia, ela me chamou para almoçar na casa deles num fim de semana. Levei duas caixinhas de cerveja, almoçamos e ficamos bebendo. Quando Jorge saiu para comprar mais bebida (e ele teve a coragem de voltar com três garrafas), Donna me contou sobre a vida sexual dos dois. Disse que ele já tinha dado o cu, que fazia com que ela vestisse um cintaralho e comesse o cu dele. E que depois o homem cismou de dar de novo, só que tinha que ser para um homem. Queixou-se, ainda, que muitas vezes ele broxava por causa da maconha e que não aguentava mais aquilo. Por fim, contou que um ex-namorado tinha se mudado para Salvador e que estava dando em cima dela. Guardei a informação.

Alguns meses depois, nos reencontramos no carnaval de Salvador. Não sei o que Donna fez para conseguir que

ele fosse pular nos blocos populares, mas lá estavam eles, na companhia de dois casais de amigos que tinham vindo de Aracaju. No momento em que nos encontramos, eles ainda estavam bem. Mas uma hora, duas cervejas e quatro baseados depois, ficaram imprestáveis. Donna não parava de falar, e eu sentia que ela precisava me contar alguma coisa.

Avisei a todos que íamos comprar bebida e puxei Donna para perto de um vendedor ambulante. No meio da euforia, ela disse tudo o que estava apertando seu coração: contou que só estava com ele porque não queria voltar pra vida miserável que levava em Aracaju, que precisava de um homem de verdade e não de um garotinho de quem ela tivesse que cuidar, e que tinha encontrado esse homem de verdade no tal ex-namorado. Frisou ainda que, além de tudo, ficava com muita pena de terminar com Jorge porque ele tinha descoberto a sua traição e, ainda assim, dizia que a amava. Fiquei perplexo. E isso não era tudo.

A cereja do bolo foi quando voltamos com as bebidas. Jorge estava *muito doidão* e começou a falar putaria pra todo mundo. Falou que queria fazer uma suruba, que havia um motel ali perto, e então veio pro meu lado dizendo “eu vou comer seu cu como homem nenhum nunca comeu”. Pulei pro lado para que ele nem me encostasse, numa reação de nojo e comicidade, rindo demais, e perguntei pra Donna o que ela achava disso. Donna deu de ombros.

Hahaha! Naquelas carnes ali? Eu não dou nem um abraço amigo, aliás, sempre me perguntei como é que Donna tinha coragem. Não bastasse o aspecto abjeto, Jorge tinha um cheiro ruim, de suor que passou da validade, e seu

hálito exalava o odor horroroso de um zumbi transformado há um mês num esgoto a céu aberto. Nas semanas seguintes, ele ficou me mandando indiretinhas na internet, pelo MSN. Nos meses seguintes, ele continuou. E até hoje o cara faz isso. É inacreditável.

Jorge terminou assumindo pra mim que tinha começado a sua vida sexual com homens, mas não porque se sentisse realmente atraído por eles – a atração veio com o tempo, segundo informou –, mas porque nenhuma mulher se interessava por ele, e que a homossexualidade foi a única forma que conseguiu arrumar para poder fazer algum sexo, até o dia em que conheceu Donna. Digno de pena, no mínimo.

Voltando à casa de Margarida, a maior vantagem dessa época foi que Eduardo desapareceu. Não sei se ele não conseguiu encontrar meu novo endereço ou se simplesmente ficou temeroso de aparecer por lá. Só sei que, durante anos, eu não tive nem um flash da cara dele.

Com a ajuda de minha amiga, consegui desencanar um pouco, pois fazíamos sempre alguma coisa nova. E, quando eu me senti seguro o bastante, mudei-me novamente para um apartamento novo. Fui morar sozinho, numa cobertura de três quartos na Avenida Oceânica. Peguei o imóvel bem baratinho de um amigo de minha tia que estava se mudando para o Chile. Até uma piscininha particular eu tinha. Era pequena mas dava pro gasto.

Margarida ia sempre à minha casa; a gente costumava visitar o Projeto TAMAR, que ficava bem distante dali, onde atuávamos como voluntários, quando eles precisavam de alguma coisa. Também gostávamos de ir aos ensaios do Ile Aiyê, aos sábados.

No Projeto TAMAR, conheci Jurandir, que logo se revelou homossexual. Conversa vai, conversa vem, acabamos por descobrir quão pequena era a cidade de Salvador: Jurandir namorava um cara que eu conhecia. Sílvio era o seu nome.

Não sei por qual motivo, eu tinha fama de destruidor de lares, naquela época, não sei mesmo. Logo eu, Alice, que tinha sido ludibriada, chutada, ofendida e encontrava-me largada às traças. Sei é que Sílvio ficou doido de ciúmes quando soube que estávamos juntos no TAMAR, fez um escândalo federal e largou de Jurandir.

Eu não tinha nada com Jurandir. Quando Sílvio largou dele, saímos algumas vezes para ‘caçar’ em bares gays, mas cada um na sua, e eu nem estava muito na *vibe* de pegação. Ele, por sua vez, parecia estar no *countdown* do fim do mundo, pegava cinco caras por noite, às vezes dois ao mesmo tempo. Já tendo eu feito muito disso, respeitava – sempre respeitei – um comportamento promíscuo, mas, quanto mais piadas Jurandir fazia pelo fato de eu não pegar ninguém, menos eu me sentia compelido a voltar pra putaria.

Isso foi no ano de 2006, época em que resolvi ir pela primeira vez à Parada LGBT de São Paulo, a maior do país. Quando contei a Jurandir que ia, ele ficou doido. Comprou passagem e foi também. Jurandir tinha desenvoltura, mas era – como direi? – um tanto capiau, e estava voando pela primeira vez na vida. Na hora em que o avião decolou, foi como na música do Belchior. Ele ficou com muito medo e agarrou minha mão... E passou os próximos oito meses agarrado em mim.

Jurandir tinha a chave da minha casa, dormia lá quase todos os dias, e nesse período, de junho de 2006 a fevereiro

de 2007, eu pude educá-lo um pouco. Ensinei a ele algumas noções básicas de inglês, a fazer pesquisas no Google, coisas assim. Ele vivia me perguntando sobre diversos assuntos diferentes, e eu respondia, tentando ajudá-lo a crescer. Sua situação financeira não era das piores, é verdade, mas seu conhecimento e cultura geral eram muito rasos.

Subitamente, Jurandir ficou interessado na Inglaterra. Começou a estudar história, literatura, arte, tudo que tivesse ligação com o país. Achei normal, já que eu mesmo às vezes, quando cismo com um assunto, fico pesquisando até cansar. Mas tinha coisa por trás.

Um dia, sentei no meu computador para fazer uma limpeza geral. Apaguei os arquivos “*.tmp”, passei o Ccleaner, e, quando olhei a pasta do MSN, notei que ela estava gigantesca. Achei estranho, porque só usava o MSN para conversar com ele e com alguns amigos que moravam fora. Aí foi aquela história que sempre ouvimos contar, protagonizada por algum conhecido: Jurandir tinha conhecido um cara de Londres, chamado Michael. Trocavam juras e mais juras pela internet. Michael já tinha uma passagem comprada para março. Os dois haviam planejado de viajar pelo Brasil.

Este seria o tipo de coisa que me deixaria chocado até uns tempos atrás, mas preferi não “*alardear minha catástrofe*”, usando as palavras de Almodóvar. Dessa vez, não disse nada, só troquei o miolo da fechadura, instalei um identificador de chamadas no meu telefone e avisei aos porteiros que ninguém, absolutamente ninguém, estava autorizado a subir sem interfonar. Principalmente Jurandir, deixei claro.

Jurandir ainda me procurou pelas semanas seguintes, mas acho que duas coisas aconteceram: em primeiro

lugar, ele imaginou que eu tinha descoberto alguma coisa; em segundo, a chegada de Michael foi se aproximando e ele me deixou em paz. Tempos depois, enviou-me um email se desculpando e dizendo que estava para se casar com Michael. Fiquei imaginando quantas horas foram de mãos dadas no avião, indo de Salvador para Londres, porque, é aquela coisa: você tira o capiau da roça, mas não tira a roça do capiau. Desejei felicidades ao novo casal de pombinhos e voltei a cuidar da minha vida.

Durante esse período, parei de ir ao Ile Aiyê, mas não de me encontrar com Margarida. Ela me achou meio triste depois do término com Jurandir e insistiu para que eu voltasse a ensaiar no bloco. Passamos a ensaiar todos os sábados à noite, eu tocava bumbo e tambor, ela tocava agogô. No bloco conhecemos Celso, que tocava surdo, e ficamos amigos.

Celso era alto, mulato, muito simpático e falante, bem articulado demais para alguém que não tinha completado o segundo grau e fazia curso técnico de cabeleireiro. Para ganhar a vida, ele dançava em duas bandas, uma de axé e outra de pagode. E eu não entendia o que um cara que ganhava a vida dançando axé fazia num grupo tradicional de percussão. Mas Margarida se mostrava tão interessada por ele que eu nem quis perguntar nada.

Como se ser cabeleireiro, do axé, do pagode e tocar percussão não fizesse de Celso uma pessoa ímpar o bastante, ele tinha uma namorada, que ia buscá-lo em todos os ensaios. Era uma russa enorme, loira, bonitona, chamada Aleksandra. Aleksandra nasceu em Solnechnogorsk, uma cidade perto de Moscou com menos de 100 mil habitantes, e se mudou para São Petersburgo para aprender balé.

Disse-me que tivera uma educação rígida, com estudos de literatura clássica, política e filosofia, antes de entrar para a faculdade de dança. Assim como Celso, Aleksandra era apaixonada por dança, e, na universidade, acabou conhecendo Rita, uma baiana que apresentou a ela o *axé-music*. A russa se apaixonou. E, enquanto Rita se graduava em balé clássico, Aleksandra vinha para o Brasil aprender a dançar “o *tchan*”. Contou-me ela, com um sotaque inimitável, embora em português perfeito, que seu sonho era voltar para São Petesburgo e ensinar para os russos o ritmo quente e contagiante da Bahia. Morro e não ouço todo tipo de bosta.

Começamos a sair juntos dos ensaios, os quatro. Já que era noite de sábado, sempre esticávamos até um bar no Centro Histórico para encher a cara. Nós três tomávamos cerveja, enquanto Aleksandra pedia uma garrafa de Absolut e nunca parava antes de a garrafa chegar ao meio – do mesmo modo que nunca ficava bêbada. A russa parecia não ligar ou não perceber que Margarida estava se oferecendo escancaradamente para Celso. E, numa dessas noites – eu testemunhei –, a própria Aleksandra se insinuou para... Margarida.

Eu não pego todas as coisas no ar. Nunca soube dizer se alguém tinha cheirado, fumado maconha, tomado ácido ou sei lá mais o quê. Eu só sabia que Margarida tinha cheirado quando ela o fazia na minha frente ou me contava. Até que um dia ela me deu a dica: “preste atenção no quanto eu fico fungando, ou então no número de vezes que vou ao banheiro”. Daí pra frente, comecei a perceber, e por mais *lady* e cuidadosa que Margarida fosse, eu sempre sabia quando ela estava ‘ligadona’ ou não.

Comecei a notar também um padrão em Celso e Aleksandra. Sempre que chegávamos ao Centro Histórico,

ele se sentava, tomava umas três garrafas e apontava para fora do bar dizendo que tinha visto um amigo, sem nunca trazer o tal amigo à nossa mesa. Enquanto ele não voltava, Aleksandra ficava meio “nervosinha”, coçava o nariz com a palma da mão descendo para o punho, e começava a perder o foco da conversa. No que ele retornava, ela corria para o banheiro. Quando aconteceu pela quarta vez, comentei com Margarida, que falou que já tinha percebido, mas que nunca tinha tocado no assunto com eles para não me constranger. Eu disse a ela que não havia problema e, quando Aleksandra voltou para a mesa, Margarida fulminou: “E aí? Curtiu ou não o pó do Barreto?”.

Aleksandra tentou desconversar, ficou vermelha. E Celso branco. Margarida continuou, sem meandros: “eu conheço o cara que vende pó aqui na frente porque cheiro também, o Barreto sempre quebra um galho, mas volta e meia a coisa vem muito malhada”. Silêncio na mesa. Os dois se entreolhando e olhando pra gente, morrendo de constrangimento. Até que Celso disse: “então onde que é o bom?”. E Margarida: “amigo, tu nasceu aqui ou em Ouriçangas? Todo mundo sabe que o melhor de Salvador é em Stella Maris”. Margarida, então, enfiou a mão na mochila, estendeu o braço, fez carinho no rosto de Celso e, muito dissimuladamente, deixou cair um pacotinho no bolso dele. “Vai, prova esse do teu bolso”.

Celso foi ao banheiro e saiu de lá com os olhos gigantes, mais arregalados que os de um peixe imperador recém-pescado, e começou a falar sem nunca perder o foco, mas emendando um assunto no outro antes de finalizar o anterior. Margarida ria.

Aleksandra foi ao banheiro e voltou do mesmo jeito. Começou a contar pra gente coisas da Grande Mãe Rússia,

dos brinquedos que tinha quando criança, do fim da URSS, de como gostava do capitalismo e da cocaína – “кокаин”, ela escreveu num guardanapo. E aí começou realmente a história de nós quatro.

Capítulo VI

Alice tergiversa o Espelho

Celso, Aleksandra e Margarida nunca mais se desgrudaram, desde aquele dia na mesa. Foi aí que a “aventura” começou. A partir de então, os três se tornaram uma *troupe* inseparável, e eu, que saía muito com Margarida, por tabela, acabava saindo com eles também. Passamos a organizar festas que duravam um final de semana inteiro, na minha cobertura.

Eles geralmente levavam carne, cerveja, cachaça e cocaína. Eventualmente, Margarida chegava mais cedo e surpreendia a todos, depois, com um suculento acarajé. Nunca me importei com o fato de eles cheirarem, os três se divertiam muito e jamais criavam confusão. Pareciam ter uma relação muito diferente das que eu havia observado entre outros cocainômanos.

Margarida e Aleksandra costumavam tomar sol de to-
pless para provocar Celso, que, entrevendo o namorinho das duas, sempre saía de perto. Elas queriam aparecer para ele, e ele queria mais era pegar as duas juntas. Muitas vezes, ficavam nessa embromação. Através das portas de vidro na sala, cansei de observá-los nesse joguinho, do qual não me interessava participar. Então, fechava as portas, ligava o ar condicionado e escolhia um DVD para assistir, geralmente de filmes antigos.

Depois de um tempo, Celso começou a se cansar da cena que as meninas faziam, já que as duas nunca se pega-

vam; e, quando elas começavam com essa história de tirar a roupa, ele saía de perto e ia ver filme comigo. Não éramos exatamente amigos. Sentia que, no começo, ele ficava um tanto receoso. Mas, com o tempo, foi se soltando.

Celso passou a levar DVDs para assistirmos juntos, e eu não pude evitar de me surpreender. Sim, porque o menino trazia títulos inacreditáveis para quem era pouco lapidado. Seus gêneros preferidos eram drama e *noir*, e entre os DVDs que trazia havia filmes como: *Taxi Driver*, *Big Sleep*, *Sunset Boulevard*, *Alexis Zorba*, *Ship of Fools*, *Kiss of Death* e *The Woman in the Window*, entre tantos outros da mesma linha, que agora não me vêm à memória.

Alguns meses se passaram, sem que nada mudasse muito. As meninas continuavam tomando seu banho de sol e eu e Celso continuávamos com nossas sessões de filmes. A única e significativa mudança nesse cenário foi que nos tornamos mais íntimos. Os detalhes geralmente desenham os primeiros contornos da intimidade. Certa vez, por exemplo, comentei com Celso que preferia vinho a cerveja, assim como aperitivos a carne. Atento às minhas preferências, no final de semana seguinte, ele apareceu com pistaches, macadâmias, um pedaço grande de *Parmigiano-Reggiano*, outro de *Saint-Paulin* e duas garrafas de vinho: um Cabernet e um Bordeaux.

Isso, sim, foi algo que me deixou não surpreso mas chocado. Primeiro, pela dificuldade de se conseguir um pedaço de *Saint-Paulin* em Salvador; segundo, por ele ter acertado qual era o meu queijo favorito; terceiro, por saber qual era o vinho que combinava direitinho com aqueles queijos. Para fechar o dia, Celso levou o DVD do clássico *The Big Heat*. Como não me deixar tocar por essa perfeita sequência de detalhes? Sim, Deus está nos detalhes, como

declarava Shakespeare. E também o Diabo, dependendo do ponto de vista, como complementaria depois algum espírito de porco.

Nossa sintonia estava ficando tão boa que começamos a nos encontrar durante a semana também. Passamos a ir a estréias de filmes, teatros, museus... Para tornar nossos encontros ainda mais agradáveis, comprei um DVD box com todas as temporadas de Friends, às quais assistimos juntos, incessantemente. Depois, comprei o dos Simpsons e dei de presente para ele. Celso adorou, mas disse que preferia assisti-lo comigo, pois sozinho não teria a mesma graça. E começamos uma extensa temporada de Simpsons, que não conseguimos terminar.

Celso era incapaz de ler uma linha, se ela não contivesse um desenho. No entanto, por outro lado, ele consumia uma quantidade considerável de mídia filmada, absolutamente qualquer coisa que contivesse imagens e sons, com um espírito crítico surpreendentemente afiado. As outras mídias ele ignorava, achava-as incompletas, mesmo sem ter um conhecimento aprofundado de literatura, por exemplo.

Houve um dia em que a TV estava ligada no SBT enquanto cozinávamos o jantar, e começou a passar o filme Constantine. Celso ficou tão interessado que acabamos atrasando o jantar para ver o filme, que ele criticou terrivelmente no final, admitindo, no entanto, que a história era boa.

Pacientemente, expliquei a ele que aquilo era uma adaptação de quadrinhos criados por um escritor inglês muito bom, e peguei na estante algumas edições antigas da Vertigo, para que Celso pudesse conhecer melhor um anti-herói tão valoroso.

Lembro-me direitinho de como foi. Celso pegou a primeira edição do arco Hábitos Perigosos, escrito por Garth Ennis (um dos meus quadrinistas favoritos), folheou e fez cara de preguiça. Fiquei parado na frente dele sem argumentos, já que essa foi a história usada como base no filme, a mesma história que ele havia acabado de elogiar. Como que entendendo o meu estarrecimento, Celso me olhou e disse, com precisão cirúrgica: “se não tem movimento, não me interessa”. Depois disso, nunca mais tentei lhe mostrar nada que não fosse *in motion*. Acredito que, quando uma escolha é feita em sã consciência, cada um deve conviver com suas próprias limitações e inclinações. Quero dizer, Celso era capaz de ficar totalmente entretido na frente da TV assistindo *The New Adventures of Old Christine*, simplesmente porque era filmado, mas era incapaz de ler duas páginas de uma HQ. Triste, para dizer o mínimo.

Nesse meio tempo, aconteceu uma coisa um tanto louca. Aleksandra deu um pé na bunda de Celso para ficar com... Margarida. A russa praticamente se mudou para o apartamento de Margarida, deixando só as coisas maiores no prédio em que morava. As duas viveram um grande amor de três meses, tempo o bastante para que minha amiga enjoasse daquele idílio. “Ela é linda, é um amor, é tudo o que eu podia querer, mas infelizmente não tem pau”, foi o que Margarida me disse sobre Aleksandra, no final.

Durante esses três meses, Celso, desapontado, passou a beber mais do que o recomendável, de quinta a domingo. E, todos os dias em que ele ficava muito bêbado, dormia em minha casa. Chegava lá pelas nove, dez horas da noite, e a gente ficava vendo os nossos filmes. Nós dois bebíamos, ele mais; às vezes cheirava, e, quando já estava bem doidão,

começava a falar de Aleksandra, dizia que não sabia onde tinha errado, ou o que fazer para reconquistá-la.

Aleksandra, por sua vez, também ficou arrasada, mas por causa de Margarida. Apesar da relação entre ela e Celso ter se tornado um pouco tensa, ela passou a frequentar a minha casa todos os dias. Margarida deu um tempo em suas visitas, justamente por causa da russa. Notei que, quando Aleksandra e Celso se encontravam lá em casa, ficavam numa tensão sexual leve, mas sempre fingindo que eram bons amigos.

Um dia, Aleksandra não apareceu. Ela sempre chegava cedo, lá pelas cinco horas, quando largava da escola de dança em que trabalhava. Quando deu sete horas e Aleksandra não apareceu, resolvemos ligar para a casa dela. Ninguém atendeu. Ligamos para o celular, nada também. Aí tentamos entrar em contato com Margarida, para saber se elas estavam juntas, se tinham feito as pazes. Margarida disse que não, e nos confidenciou que Aleksandra ligava todos os dias para ela, mas que também não tinha dado notícias naquele dia. Nem eu nem Celso sabíamos disso, achávamos que elas tinham cortado radicalmente a relação. Telefonamos para a portaria do prédio, e o porteiro informou que a russa tinha entrado sozinha em casa, mas que não tinha saído de lá até então. Pedimos a ele que interfonasse para o apartamento, mas Aleksandra também não atendeu ao interfone. Aí ficamos preocupados.

Fomos os três até o prédio de Aleksandra. Falamos com o porteiro, Luís Cláudio, e a partir daí seguiu-se um momento de tensão. Quando Luís Cláudio perguntou se alguém tinha a chave do apartamento, tanto Celso quanto Margarida se manifestaram, dizendo que sim. Os dois se

entreolharam – Margarida, sem se importar; Celso, em clima de competição. Subimos de elevador até o 12.º andar, sem que ninguém falasse nada.

Tocamos a campainha, ninguém atendeu. Após oito minutos de tentativas via campainha, Celso abriu a porta (Margarida postou-se logo atrás dele) e entramos no apartamento. Chamamos por Aleksandra, Margarida falava coisas em russo que não entendíamos. Nenhuma resposta. Fomos adentrando sala, o corredor, a cozinha, o banheiro – eu sempre na retaguarda dos dois –, até chegarmos diante dos dois quartos, que eram o “escritório” e a suíte de Aleksandra, respectivamente.

O escritório estava aberto, o quarto trancado. Celso pôs-se a espancar a porta e Margarida, ainda atrás dele, continuava a falar em russo. Nenhuma resposta. Celso deu alguns chutes na porta e, por fim, conseguiu abri-la. O cenário era dantesco. Aleksandra estava desmaiada na cama, em meio a uma pequena poça de sangue. Pulsos cortados na horizontal. Corri até o banheiro e encontrei, no chão, uma cartela de vinte comprimidos de Dormonid, quase vazia.

Santo Cristo do Senhor! São tantos anos de suicídio documentado pelo cinema e pelos jornais, e as pessoas ainda não conseguem fazer a coisa direito, *comme il faut*. Não que eu quisesse que Aleksandra morresse (sempre ADOREI aquela mulher), mas achei que ela fosse bem informada.

Enquanto os dois entravam em pânico, coloquei a mão no pescoço de Aleksandra e vi que ela ainda tinha pulso, embora muito fraco. Celso pegou Aleksandra no colo, tomou as chaves de meu carro e bateu os recordes mundiais de velocidade dirigindo até o Hospital Salvador

Geral. Felizmente, Aleksandra morava na Onze de Agosto, de forma que, mesmo que se quisesse, seria impossível demorar muito. Eu e Margarida pegamos um táxi porque não tínhamos a menor disposição de correr até lá.

Chegamos ao hospital seis minutos depois – o tempo de descermos do 12.º andar e chamarmos o táxi. Encontramos Celso desorientado, pois Aleksandra havia perdido sangue e o hospital não tinha estoque. Felizmente, ela não ficara desmaiada por mais de três horas, o que poderia comprometer sua vida. Os médicos já haviam feito a lavagem estomacal, mas precisavam fazer a transfusão de sangue. Doador? Adivinhem? Quem era o rei do sangue *O negativo* naquele momento?

Se alguém pensou em mim: bingo! Tiraram o meu sangue, injetaram-no em Aleksandra e, logo depois, colocaram-na em repouso. Ela ficou em observação durante uma semana. No final desse período, os médicos acharam por bem, devido à tentativa de suicídio, que ela fosse internada, por um tempo, em uma clínica psiquiátrica.

E assim se deu. Ao sair da clínica, Aleksandra dizia ser uma nova mulher. Sem dar maiores explicações, comunicou-nos que estava voltando para a Rússia. De lá, mandou um e-mail contando que tinha conseguido um trabalho na Ucrânia, em Pripyat (cidade em que aconteceu o desastre nuclear), e que não voltaria tão cedo nem para a dança e nem para o Brasil. Uma pena. Uma mulher fantástica, com um potencial enorme desperdiçado. Eu fiquei triste, mas Celso ficou mal mesmo.

Assim que Aleksandra retornou à Rússia, ele tirou férias de um mês e se enfiou na minha casa. Nas duas primeiras semanas, ficou na mesma: dormia quase de manhãzinha, sempre chapado, e acordava numa ressaca incomensurável,

lá pelas duas da tarde. Quando eu chegava do trabalho, ele tinha preparado o jantar e comprado mais bebida. Aí recomaçava.

Numa sexta-feira, cheguei todo animado, com DVDs escolhidos a dedo e uma garrafa de *Sauza Prata*, que não é lá a melhor tequila do mundo, mas foi a que eu consegui encontrar para comprar às sete da noite de uma sexta em Salvador. Para minha surpresa, Celso não estava em casa, e nem tinha deixado um bilhete.

Fiquei um tanto frustrado e preocupado, mas não ao ponto de me descabelar. Pedi uma pizza, sentei no sofá e comecei a assistir a alguns episódios da primeira temporada de *South Park*, legendados em inglês, que eu tinha baixado na internet para praticar um pouco. Diluído na tequila, não vi o tempo passar. Por volta de meia-noite, Celso chegou.

Ele não estava bêbado, só muito nervoso. Não tinha cheirado. Tomou dois *shots* de tequila seguidos, pegou um pedaço de pizza, sentou-se comigo no sofá, viu dez minutos de *South Park* e riu bastante – um riso visivelmente forçado, feito para convencer.

No trecho em que Stan vomitava por amor, ele começou a chorar. Chorava, soluçava, e eu achando que era por causa de Aleksandra. Celso deitou-se no meu colo, e nele ficou por cerca de vinte minutos. Comecei a acariciar sua cabeça, até ele se acalmar. E, quando ele se acalmou, começou a falar.

Celso contou que, quando foi trocado por Margarida, sofreu uma dor de cotovelo enorme. Na primeira semana, ficou deprimido, e, na segunda, começou a sair pra pegar mulher. Todo dia, depois de sair do trabalho, ia para um pu-

teiro diferente, escolhia uma puta e levava-a pra cama. Só que não conseguia ficar de pau duro, broxava e broxava e broxava.

Contou-me Celso que tinha tentado de tudo: loira, morena, ruiva, oriental; que levou duas mulheres pra cama, que conseguiu até uma prostituta russa, mas nada disso adiantava, não conseguia se excitar. Até que um dia uma delas, compadecida de sua história, resolveu fazer o programa de graça. Segundo a descrição de Celso, era uma mulata gostosa por demais, que lembrava a Rita Baiana, de O Cortiço, a qual já havia contratado sete vezes.

A tal da “Rita” – chamemo-la assim – convidou o namorado e levou os dois para um quarto. Começou a trepar com o cara na frente de Celso, ao tempo em que chupava o pau dele. E foi a primeira vez que o pau de Celso subiu, durante mais de três meses de inanição. Quando Rita e o namorado terminaram de transar, ela disse que era a vez de Celso transar com o namorado dela. E assim foi.

Celso tentou protestar, mas quando sentiu o toque de uma mão masculina, delirou. Disse que tudo aconteceu de repente, que quando se deu conta estava excitadíssimo, beijando aquele homem desconhecido na boca, tentando manejar o pênis dele, de forma envergonhada. No fim, Celso se deixou enrabar, e disse que nunca tinha sentido em sua vida prazer parecido.

Confessou que já tinha tentado procurar por outros homens em outras oportunidades, mas que não se sentiu atraído. Nessa noite em que desaparecera, ele tornou a procurar Rita e seu namorado, e não conseguiu sentir a mesma emoção da primeira vez. Então voltou para minha casa, dis-

posto a me contar o que tinha acontecido. Abriu a porta e me viu ali sozinho, assistindo ao South Park e comendo pizza. E então consegui entender o que se passava.

Celso percebeu que estava emocionalmente muito instável porque havia se apaixonado por mim, e não sabia como dizê-lo. Teve medo de ser rejeitado, medo de que eu achasse que ele estava misturando as coisas, medo de perder para sempre a minha amizade. E, me olhando com cara de criança carente, faminta, me beijou.

Ele parecia, na verdade, bem decidido pelo modo doce com que me beijou e pegou firme em minha mão para me levar para a cama. Ficamos em uma breve indecisão sobre quem deitava por cima do outro, o que fez com que ficássemos de lado, nos olhando fixamente. A memória desses beijos trocados ainda me volta, em vários momentos, quando estou sozinho.

Nunca havia sentido tanto afeto em uma relação sexual. Nem sabia que era possível beijar em tantas posições. É muito comum, em relações entre homens, que alguém assuma um papel mais dominador, mas Celso estava disposto a me amar como igual. Seu constrangimento era mais um pedido de "desculpas" por ainda não ter aprendido a se comportar na cama como um homem – problema que foi sendo rapidamente vencido à medida que eu ensinava a ele certo como fazer.

Um homem que não sofre nada na segunda vez em que é penetrado só pode estar vivenciando uma coisa que eu chamo de "vontade sincera de dar o cu" – e isso Celso tinha de sobra.

Nossa amizade tornava aquela experiência concreta, dividida. Fui poupado de vê-lo se afrescalhando, emitindo

gemidos estranhos ou tentando pateticamente me dominar – reações corriqueiras em homens que gostam, sim, de homens, mas que não estão preparados para amá-los. Ele estava preparado.

A partir daí, começamos a participar mais da vida um do outro. Como era comum na época em que estava de férias, Celso me esperava chegar do trabalho com refeições simples, preparadas por ele, mas que me faziam sentir alguém muito especial. De minha parte, comecei a frequentar seus ensaios como dançarino de Axé, presenciando um talento exorbitante, que eu não tinha enxergado completamente enquanto ele era o “ex da namorada da amiga”. O coreógrafo do grupo, um bigodudo com músculos moldados para vencer a própria idade, chamava-se Antônio. Muitas vezes, ele trazia Celso para a frente do grupo, de modo a fazer com que todos repetissem os movimentos certos que ele reproduzia, e eventualmente inventava.

É uma experiência indescritível quando nos aproximamos cada vez mais do outro e o redescobrimos, isso só faz aumentar a admiração que nutrimos por esse alguém. Quando eu e Celso andávamos pela rua, não o fazíamos de mãos dadas, evitando assim assustar alguns poucos que ainda não compreenderiam quanta ternura havia neste gesto; mas nem por isso deixávamos de demonstrar claramente o afeto que sentíamos um pelo outro. Volta e meia, éramos abordados por alguém que vinha mostrar como o corte de cabelo que Celso fizera tinha ficado incrível, ou como o penteado que ele indicou havia caído bem.

Uma garota chegou até a me chamar de “grande sortudo”, por poder manter meu cabelo tão elegante de graça, sob os cuidados de um profissional inigualavelmente habi-

lidoso. Confesso que fiquei até chocado com o comentário. Não é sempre que alguém nos parabeniza por uma relação homossexual e ao mesmo tempo elogia o nosso cabelo.

Além de seus muitos atributos, Celso também era apaixonado pela natureza, uma paixão que não se resumia à estética. Andando pelas ruas de Salvador, ele apontava para todos os galhos secos ou passarinhos cinzas e começava a nomeá-los popular e cientificamente. Era um verdadeiro paradoxo ele saber de todas aquelas coisas, já que não tinha educação formal e não gostava de ler.

O tom de sua voz, quando falava comigo, era uma verdadeira provocação. Ele tinha uma entonação máscula, firme e sensual. Ao mesmo tempo que eu me encantava com aquilo, achando que era uma estratégia de me flertar, via em seus olhos que ele estava fazendo gracejos, ao seu modo inocente e juvenil. Retruquei que pretendia levá-lo a um lugar que certamente deixaria um enorme ponto de interrogação em sua cabeça o tempo todo, enquanto ele olhava para as plantas e bichinhos. Celso aceitou o desafio, dizendo que eu podia arrastá-lo para qualquer canto de Salvador. Mal sabia ele que meus planos eram maiores...

Seu susto e fascínio foram igualmente avassaladores quando mostrei a ele duas passagens para Fernando de Noronha. Em verdade, vos digo: foi uma manobra ousada da minha parte, já que não tinha a mínima ideia se Celso tinha planos para o próximo feriado, se pretendia visitar a família ou se faria horas extras no trabalho.

Tive a grande chance de surpreendê-lo de volta, já que ele me surpreendia tanto falando da fauna e da flora. Mas Celso voltaria a me surpreender, dizendo que pretendia passar aqueles dias comigo, mesmo que não fosse em tão

alto estilo. O lado mais cômico dessa história ficou por conta da maior objeção dele: um leve medo de avião. Percebi então que havia mais uma coisa a ensinar ao meu homem, nessa relação inusitada.

Não sei qual de nós dois ficou de queixo mais caído enquanto pousávamos naquela terra esplêndida. Enxerguei Fernando de Noronha como uma síntese do continente, em miniatura, com tudo de melhor que existe em nosso país. A Pousada do Vale era um show de luxo, mas dei um jeito de não nos determos muito ali, alegando que não deveríamos gastar nosso precioso tempo com superficialidades.

Estávamos isolados – e eu falei ‘isolados’, explicando para Celso o sentido inicial, latino, que estava contido no verbete *isola* – para contemplar as belezas naturais.

Na saída da pousada, Celso caçoava de mim apontando para árvores grandes, arbustos costeiros e pequenos passarinhos, ao tempo em que os nomeava, um a um. Eu ria e fazia o possível para dizer alguns nomes antes dele, já que havia também estudado um pouco sobre a flora litoral e insular.

Percebi claramente o momento em que ele começou a ficar desconfiado, pois aquele desafio estava fácil demais. Começamos então a nos aproximar das docas que, de antemão, eu havia pesquisado na internet. Ali contratei o tour mais caro por todas as pequenas ilhas e colônias de corais, tão lindas e tão pouco acessíveis.

Dessa vez, eu não me sentia mal por estar pagando tudo aquilo, pois nossa relação próxima permitia deixar claro que se tratava de um presente, de um agrado que eu fazia a um amigo, mas que, por acaso, estava fazendo a um amante de igual condição. Minha ideia, meus recursos.

Enquanto o iate alugado circundava a costa exuberante, Celso achava que o assunto da natureza havia acabado. Quando os guias pararam no primeiro coral, eu soltei: "Vai lá! Mergulha aí e sai falando o nome de tudo que encontrar".

A surpresa no rosto dele provocou em mim uma das sensações de que eu mais me orgulho de ter causado. Uma exaltação quase infantil invadiu meu garoto, que saltou no meio daquelas águas límpidas como uma criancinha que mergulha pela primeira vez sua cara em um livro para decifrar as palavras que a levarão para um mundo de imaginação jamais visto. Se não fossem todos aqueles turistas e guias, eu faria um monte de amor louco com ele ali, por entre a grande gama de cores do oceano.

Curtimos a parte sensual da aventura em noites longas de carícias e sexo. Descrevíamos um para o outro as maravilhas que havíamos presenciado, durante os amassos, e ele começava a me pegar de um jeito forte, decidido o bastante para um homem que estava começando a descobrir seu lado gay.

A propósito, havia uma outra novidade ali: dávamos várias escapadinhas durante os passeios, no meio dos jantares e até mesmo pelos corredores para nos beijarmos. No entanto, não havia nada de fulgor ou apelo exclusivamente sexual; eram fugas para carinhos e palavras no ouvido, coisinhas que passariam despercebidas, se fôssemos um casal heterossexual. Para evitar constrangimento e olhares, fazíamos aquilo de um modo mais reservado, ainda que infelizmente quase transgressivo.

Voltamos daquele arquipélago como um casal volta de sua lua-de-mel, e retornamos à nossa rotina, agora mais apaixonados ainda. Foi a primeira vez em que me senti seguro para contar a ele minha verdadeira história.

Contei a Celso TUDO, absolutamente TUDO o que eu havia passado em meus relacionamentos, desde meu primeiro romance com Maria das Dores até minha triste história com Eduardo, sem deixar de alertá-lo a respeito do que eu havia passado com Jurandir. Celso compreendeu que eu não precisava contar aquelas coisas para ele, mas que, se eu as contava, era porque queria que tivéssemos um relacionamento íntimo, verdadeiro, de confiança mútua. Em sinal de cumplicidade, ele também me contou coisas a respeito de sua vida. Mas, por mais chocantes que suas experiências pudessem parecer, elas se tornariam superficiais nesse relato.

Tudo estava correndo muito bem. Enfim, o amor retribuído e a serenidade. Celso agora estava bem mais “responsável”, praticamente não cheirava mais, entendeu que precisava cuidar bem de seu corpo e até começou a ler um pouquinho. Ficou apaixonado por Nelson Rodrigues, que já conhecia dos filmes, e, por conta disso, chegou até a cogitar fazer faculdade de cinema.

Quanto a mim, o trabalho ia bem. Eu havia comprado uma enorme cota de ações da Google, alguns anos antes, e elas estavam valendo praticamente meio milhão. Contei a Celso e disse a ele que poderíamos viajar para qualquer lugar do mundo, que ele podia escolher, e que poderíamos até mesmo tirar um ano livre só para ficar viajando. Ele respondeu que preferia não fazer isso naquele momento, pois sua fama como cabeleireiro estava crescendo, e tanto que ele era considerado um dos melhores de Salvador. Tiramos o passaporte de Celso e pedimos visto para dois destinos: França e EUA. Aceitei ficar por Salvador, mas fiz planos de viajar assim que tivéssemos tempo para férias.

Eventualmente, chamávamos os velhos amigos e dávamos festas. Margarida ia muitas vezes nos visitar e brin-

dar-nos com sua saborosa comida, nossos familiares também apreciavam com frequência, eles não só aceitavam como estimulavam nossa relação.

Num belo sábado, em que estávamos em casa tranquilos, já que havíamos voltado mais cedo de um show de Celso, lá pelas oito, o interfone tocou. Estranhamos, não estávamos esperando ninguém. Pensamos em Margarida, que resolveu aparecer sem avisar, o que não era normal. Quando atendi, tremi nas bases, empalideci. O porteiro anunciou o nome da inesperada visita: Eduardo.

Falei para Celso esperar em casa que eu ia descer para resolver a situação. Eduardo era a própria imagem da decadência: sujo, maltrapilho, parecia um morto de fome. Perguntei o que tinha acontecido e ele começou a me contar, mas, quando vi que ele não oferecia perigo, interrompi-o, dizendo que antes deveríamos subir para que ele tomasse um banho, se vestisse de forma decente e saciasse sua fome. E assim foi feito.

Uma hora depois, ele já tinha um aspecto bem mais apresentável. Sentamos os três na mesa da cozinha e abrimos um Chadorney. Celso não parava de observar Eduardo, parecia morrer de curiosidade enquanto ele destrinchava sua história. Eduardo contou que, depois de nosso término, foi para Sergipe, falou com seu advogado e se entregou à polícia. Como ele era réu primário com crime confesso, passou pouco tempo na cadeia – cerca de um ano e meio – e conseguiu sair por bom comportamento, após apelos do seu defensor, que tinha contatos fortes naquele estado.

Na cadeia, Eduardo comeu o pão que o diabo regurgitou. Parece que os presos tinham um código de respeito entre si, e Eduardo não foi respeitado porque nunca tinha

roubado nada grande, não tinha matado ninguém, não era membro de nenhuma gangue e tinha sido preso por ser ‘mané’.

Na penitenciária, seus colegas presidiários chamavam-no por dois apelidos: Lobão e Neuzinha, referências ao cantor e à filha do político Brizola, que costumam ser lembrados como as duas únicas pessoas “famosas” no país que conseguiram ser presas por porte de drogas.

Eduardo apanhava quase todos os dias. Os detentos faziam fortes pressões psicológicas e batiam de modo que não se formassem grandes hematomas, para que não houvesse vestígios, caso Eduardo tentasse fazer alguma queixa. Os detentos o odiavam, sobretudo porque acreditavam que Eduardo fosse um playboyzinho. E ele só não chegou a ser estuprado por causa da pressão e das chantagens que seu advogado fazia com o diretor do presídio, que lhe devia favores.

Depois de tanto sofrimento, ele saiu de lá e foi tentar a vida em Rondônia. Disse que escolheu a cidade de Porto Velho porque tinha por lá uma prima, Carolina, que era médica. Carolina desfrutava de boa situação financeira e era muito bem relacionada por lá.

A prima e o marido o aceitaram em casa, lhe deram um quarto e conseguiram empregá-lo como recepcionista em uma escola de informática e línguas para crianças e adolescentes. Concordaram com sua permanência, sob a condição de que ele trabalhasse e se mantivesse longe de atividades ilícitas. Trabalhando na escola, Eduardo tinha desconto para assistir às aulas, e se matriculou tanto nos cursos de informática como no de inglês e espanhol.

Parece ter sido um grande salto na vida de Eduardo. Em seis meses, ele já conseguia ler nos dois idiomas, além

de conseguir também estabelecer conversações simples. Provou isso contando pequenas partes de sua história, ora em inglês, ora em espanhol.

Eduardo aprendeu ainda a programar e a desenvolver sites em ‘HTML’. Chegou a me mostrar na internet, inclusive, algumas páginas que havia feito. Mostrara-se tão talentoso e dedicado que resolveram promovê-lo. E Eduardo se tornou monitor de informática.

Tudo parecia ir muito bem, Eduardo prosperava e estava próximo da promoção para professor, quando se indispôs com Marcos, um colega invejoso, que não tinha suportado o fato de ele ter caído nas graças da diretoria e ter se tornado monitor tão rapidamente. Marcos, sendo sobrinho de um vereador, não precisou de muita coisa para acabar com Eduardo, principalmente em uma cidade tão pequena quanto Porto Velho.

Com apenas duas ligações, o tio de Marcos descobriu que Eduardo tinha sido preso por posse de drogas, que era um delinquente, e isso foi o bastante para que ele fosse demitido.

Como nenhum dos alunos e funcionários entendeu o motivo daquela demissão, as histórias começaram a correr na cidade, e, em uma semana, Eduardo estava mais queimado que lenha de fogueira. Em todos os locais o passado dele logo ficou conhecido, ninguém mais se dispunha a contratá-lo, não importando quão competente ele fosse.

Enquanto eu abria a segunda garrafa de Chadorney e Celso começava a ficar com ciúmes da minha compaixão, Eduardo contava o resto da história. Ele estava há mais de um ano longe das drogas, mas tinha ficado desempregado de repente, e por motivos que ele não podia controlar.

Seus primos começaram a ficar preocupados. Eduardo estava dividindo as contas da casa, inclusive pagando o aluguel, e tinha uma pequena reserva financeira do tempo em que havia trabalhado, mas estava muito depressivo por causa das fofocas que corriam a seu respeito na cidade. Em qualquer lugar que fosse, Eduardo era apontado como traficante, e as pessoas olhavam para ele e o tratavam de forma diferente.

Isso começou a refletir na vida de seus parentes, que, na mentalidade dos moradores, eram culpados por terem trazido um traficante para a cidade. Eduardo tentou se empregar como barman, e, por sorte, acabou conseguindo. Trabalhava de 8 da noite às 2 da manhã no subúrbio de Porto Velho.

A essa altura, a fama de Eduardo de ex-presidiário e traficante já tinha corrido pelas redondezas. Foi quando Eduardo começou também a se relacionar, às escondidas, com uma prostituta muito envolvente chamada Ludmila.

Mesmo como barman, as pessoas olhavam Eduardo de soslaio, e Ludmila tirou vantagem disso. Disse que era amiga de Juan Miguel, um colombiano que sempre fazia o caminho da fronteira entre La Paz e Porto Velho, passando por umas estradinhas praticamente desconhecidas e levando alguma... mercadoria.

Eduardo disse a Ludmila que não estava interessado, que essa parte de sua vida estava morta e enterrada. Mas a prostituta continuou insistindo, tentando persuadi-lo, e conseguiu convencê-lo dizendo que Eduardo nada mais tinha a perder por aquelas bandas: dinheiro, status, carreira, reputação; tudo tinha ido pelos ares.

O que Eduardo não sabia era que Juan Miguel não era exatamente amigo daquela prostituta, mas seu gigolô,

e o papel de Ludmila na cidade era encontrar aviõezinhos que fizessem a parte mais suja do trabalho para o colombiano.

Assim, Eduardo entrou na onda dos dois, ganhando 1.000 reais por viagem. Ao todo fez nove entregas. O grande problema foi que, na segunda viagem, ele viu aquela quantidade de cocaína limpa, pura, intocada, e não conseguiu resistir. Cheirou a primeira vez e depois voltou a cheirar com toda a força. Lá pela quarta viagem, seu pagamento servia apenas para quitar a dívida de pó que tinha com Juan Miguel. Afinal, você sabe quanto custa um grama de cocaína limpa? Não? Nem eu.

Carolina e o marido começaram a notar que Eduardo estava muito estranho, andava agressivo e havia emagrecido demais. E a pressão social na cidade começou a falar mais alto que os laços familiares. Eduardo teve que sair da casa dos dois e alugar um quarto na periferia. Ludmila dormia lá todas as noites, exceto nos finais de semana em que tinha que trabalhar dobrado.

Quando estava para fazer a nona viagem, Eduardo disse a Ludmila que não aguentava mais aquela vida e que queria parar. Ludmila avisou Juan Miguel, que, provavelmente, estava pronto para apagá-lo. Mas Eduardo foi mais esperto: roubou três quilos de pó e fugiu por outra rota, chegando dois dias depois em Salvador.

Quando tiramos a rolha da terceira garrafa de vinho, Eduardo já não tinha mais papas na língua e começava a confessar seus pecados detalhadamente. Disse que foi nos principais traficantes de Salvador, mas que nenhum deles quis pagar o valor que aquela coca valia, pois todos sabiam que ele tinha sido preso e voltado para a função; alguns sabiam até do roubo que Juan tinha sofrido em

Porto Velho. Havia ainda os que achavam que ele estava servindo de informante para a polícia, e, por conta disto, Eduardo chegou a ser revistado duas vezes, suspeito de portar microfones.

Enfim, nenhum dos peixes grandes confiava nem em Eduardo, nem no pó dele. Restou-lhe apenas a opção de voltar a ser um reles malandrozinho para conseguir vender aquela droga. Como sua avó se recusou a aceitá-lo de volta em casa, ele alugou um quarto no centro de Salvador e começou a vender cocaína na noite – a princípio, discretamente, depois, de forma mais aberta.

No começo, Eduardo vendia a droga pura e todo mundo comprava, o que fez com que ele se tornasse um contato famoso, na medida do possível. Lá pela metade do primeiro quilo, ele começou a ‘malhar’ a cocaína com talco, pó Royal e farinha. Cada grama ele transformava em dez, e vendia por um preço razoavelmente barato. Os cheiradores que compravam dele geralmente estavam muito bêbados para notar que ele tava malhando o pó e vendendo massa de bolo para os otários. Afinal de contas, com farinha e pó Royal, é só misturar açúcar e quebrar um ovo, que está tudo pronto.

Funcionou bem, até o dia em que ele teve uma encomenda. Os filhinhos da alta sociedade da Roma Negra estavam dando uma festa e queriam 200 gramas de cocaína. Deram mil reais na mão e combinaram mais mil na hora da entrega. E Eduardo fez o milagre da multiplicação, transformando 50 gramas em 200. Só que, quando ele foi passar o pó, os compradores provaram, viram que a droga estava ‘malhada’ e quebraram Eduardo. Quebraram-no a ponto de fazê-lo parar no hospital, com a mandíbula deslocada, o nariz triturado e duas costelas partidas.

Durante os dois meses em que ficou internado no hospital público ninguém foi vê-lo. Saindo de lá, Eduardo foi diretamente para casa, e teve uma surpresa: o lugar estava vazio. Como ele havia desaparecido, o proprietário decidiu tirar de lá todas as suas coisas e, ao descobrir as drogas escondidas, tratou de queimá-las. Não queria ver Eduardo nem banhado a ouro.

Não havia nada que Eduardo pudesse fazer. Como ir até a polícia reclamar de roubo de cocaína roubada? Pra casa da avó não dava pra ir. Totalmente sem rumo, Eduardo resolveu bater à minha porta. Queria algum tipo de apoio que lhe permitisse levantar-se financeiramente, de modo legal.

Disse a Eduardo que ele poderia dormir lá naquela noite e que, depois de conversar com Celso, resolveríamos o que fazer. Ajeitamos um lugar no sofá da sala para ele e fomos, eu e Celso, para o nosso quarto. Eu já sabia o que pretendia fazer, e comecei a explicar para Celso, que achou uma ideia absurda, mas acabou por aceitá-la, já que, oficialmente, aquele apartamento não era dele.

Minha ideia era a seguinte: eu permitiria que Eduardo ficasse lá em casa por no máximo duas semanas, tempo o bastante para que conseguíssemos um emprego de programador para ele. E, assim que ele estivesse empregado, eu alugaria para ele um quarto, perto de seu trabalho, e lhe daria 500 reais, para que pudesse pagar o aluguel e passar o mês, sendo que esse dinheiro me seria devolvido em três meses. Desse modo, eu cumpriria a promessa que lhe fiz na carta, faria uma boa ação e não me envolveria novamente, já que estava tendo uma relação estável com Celso, a primeira em muitos anos.

Fui até a sala e disse a Eduardo o que havíamos decidido, com o que ele concordou prontamente e me agradeceu sem parar, beijando meus pés e implorando meu perdão. Eu disse que ele já estava perdoado, mas que a condição para que ficasse em minha casa era não se envolver com qualquer atividade ilegal, durante o período de sua permanência, e, principalmente, não se envolver com Celso.

Devidamente acordados, encerramos a celeuma.

Capítulo VII

Matando a Rainha de Copas

Não demorou mais do que três dias para que eu conseguisse uma colocação para Eduardo. Por meio de minha indicação, ele fez um teste em outra escola de informática e passou, desta vez para ser professor. Conforme combinado, foi morar num quartinho perto do trabalho e, assim que recebeu o primeiro salário, me pagou parte dos 500 reais.

Aparentemente, Eduardo vinha se comportando muito bem. Mas eu, já calejado, fiquei com um olho no peixe e outro no gato. Eventualmente, ele passava lá em casa para nos visitar, ficava um pouco e ia logo embora. Não costumava se demorar. Em uma de suas visitas, nós o convidamos para jantar. Celso aceitava que ele nos visitasse, sem reclamar, embora, na verdade, não gostasse de sua presença. Na noite do jantar, notei Eduardo muito agitado. Logo desconfieei que houvesse cheirado. No momento em que ele foi escolher um DVD musical para assistir, não pudemos deixar de notar o olhar de cobiça que ele lançou para a nossa vasta coleção.

Percebi também que Eduardo olhava despudoradamente para outros objetos da casa. Pediu-me alguns CDs emprestados, alegando que não havia televisão no quarto alugado, apenas um aparelho de som. Emprestei de boa vontade, mas não sem um rasgo de desconfiança. Para testá-lo, deixei minha carteira no banheiro, com pequenas

notas contadas, que ao todo somavam 137 reais. Quando ele se foi, imediatamente corri para contar o dinheiro e verifiquei que 20 reais haviam sumido.

Porra, 20 reais! Quem rouba 20 reais só o faz por um motivo: para comprar drogas. Se não fosse o caso, ele haveria me pedido. Foi a gota d'água. Eu não estava mais disposto a passar por esse tipo de coisa com Eduardo, e resolvi dar um basta em suas visitas. Na verdade, eu não queria mais nenhum tipo de contato, ele poderia ficar com os CDs, eu não me importava. Celso ficou indignado com aquilo. Furioso, disse que, quando cheirava, sempre bancou o próprio vício trabalhando, que aquela não era uma atitude digna, totalmente incoerente com alguém que queria se redimir, e que iria quebrar a cara de Eduardo se ele aparecesse lá em casa novamente.

Nas duas semanas que se seguiram, não tive notícia alguma de Eduardo. E foi aí que se deu uma sucessão inacreditável de acasos e absurdos, que me forçaram a estar agora terminando este livro em Paris, onde atualmente moro com Celso, e não mais em nossa saudosa cobertura em Salvador.

Era uma sexta-feira à noite e Celso havia saído para dançar. Eu costumava acompanhá-lo, mas naquele dia eu me sentia por demais exaurido, devido a uma semana excepcionalmente pesada em meu trabalho. Precisava relaxar.

Tomei banho, coloquei um roupão e deitei no sofá da sala para ver TV. Escolhi uma comédia romântica (*You've Got Mail*). O rosto angelical de Meg Ryan se encarregaria de me trazer a tranquilidade e o sono necessário para me fazer cochilar levemente até Celso chegar. E eu estava cochilando, de roupão, quando a campainha tocou.

Sem pensar em nada, ainda meio grogue de sono, levantei e abri a porta pensando que fosse Celso, já que não era raro ele esquecer a chave. Não era. Estremeci ao dar de cara com Eduardo na porta. Tinha uma caixa nas mãos e dizia ter vindo para devolver os CDs. Aproveitando-se da minha surpresa ao abrir a porta, Eduardo foi entrando pela casa adentro. Enquanto eu reclamava e ia em direção ao interfone para xingar o porteiro, ele gritou meu nome com violência.

Tomei uma descarga de adrenalina tão forte que saí do estado de torpor soporífero e compreendi tudo. Não precisei me virar para saber que Eduardo estava apontando uma arma para as minhas costas. Com cuidado, virei o rosto e pedi a ele que se acalmasse, que não fizesse nenhuma besteira. Disse a ele que, se era dinheiro o que queria, eu o tinha de sobra, e daria tudo o que ele quisesse.

Eduardo estava completamente transtornado de cocaína. Um pequeno filete de sangue escorreu de seu nariz, ele enfiou o dedo e lambeu tudo. Nunca achei que eu pudesse sentir tanto ódio e desprezo por uma criatura como senti naquele momento. Mas tentei me manter calmo, pois sabia bem o que Eduardo queria: levar todo o dinheiro que pudesse e sair correndo dali.

Ele me fez sentar numa cadeira, tirou um rolo de fita adesiva de dentro da caixa e prendeu minhas mãos e meus pés. Ameaçou atirar em minha boca, se eu gritasse ou fizesse qualquer barulho, e começou a perguntar sobre meus pertences. Eduardo sabia que eu sempre guardava dinheiro em casa e, naquele dia em especial, eu tinha mais ou menos uns três mil euros em cash guardados em uma mala. Limpinhos, só esperando por ele. Sem esconder seu nervosismo, quis saber onde Celso tinha ido. Ele sabia que Celso não estava lá porque, pelo que entendi, tinha ficado atocaiando a

entrada, aguardando que ele saísse para dar início ao “o grande roubo de sua vida”.

Se Eduardo sabia mentir para mim, eu também havia aprendido a mentir para ele. E, sem pestanejar, respondi que Celso havia ido dançar num bairro distante e só voltaria em torno de meia-noite. Não seria tolo de dizer a verdade e contar que Celso estava ali perto e que deveria chegar depois das dez horas. Então ele começou a perguntar onde eu tinha espalhado minha grana.

Falei primeiro das pequenas quantias: 100 reais, que deixávamos numa gaveta da cozinha para o caso de precisarmos de repente; 350 que estavam no escritório para pagar a faxineira na segunda; o dinheiro que eu tinha na carteira. Ele foi primeiro na carteira, depois na cozinha e então ao escritório. Desconfiou que eu “só tivesse aquilo”, foi ao quarto e encontrou o cofre. Por conta disso, me deu um murro na cara, que me deixou desacordado por uns 15 minutos, pelos meus cálculos. Ele esperou que eu acordasse, pois não conseguiria abrir o cofre sem a senha, e disse que, se eu não lhe desse os números, passaria a fita na minha boca e cortaria um dos dedos de minha mão, ameaçando fazer isso dedo por dedo, até obter os números corretos. Olhei para o relógio, já eram dez da noite. Celso estava para chegar a qualquer momento, e esta seria a terceira “sorte” da noite. A primeira foi que, no surto de nervosismo, Eduardo deixou a arma na cozinha. A segunda tinha a ver com o que seus “amigos” detentos já haviam percebido: Eduardo era ‘mané’. Tão ‘mané’ que entrou no meu apartamento mas não fechou a porta.

Falei os números, sete ao todo, e Eduardo foi correndo para o quarto tentar abrir o cofre. Só que, ao dizer os números, aproveitei para confundi-lo dizendo meia ao invés

de seis, depois dizendo seis. Troquei o último número de lugar e fiquei rezando para todos os orixás da Bahia, na esperança de que Celso chegasse. E ele chegou.

Celso percebeu imediatamente que alguma coisa estava errada, quando encontrou a porta aberta. Entrou em casa devagar e se deparou comigo amarrado na cadeira. Eu sussurrei para ele que havia uma arma na cozinha. Celso correu até lá, pegou a 45 e enfiou-a dentro da calça. Pegou também uma garrafa de Absolut Mandrin, que estava cheia, e esperou por Eduardo na porta ao lado do corredor.

Quando Eduardo passou pela porta, Celso deu com a garrafa na cabeça dele. Eduardo caiu no chão e tentou se debater, mas Celso continuou batendo e batendo e batendo, até a garrafa quebrar e transformar a cara de Eduardo numa massa que mais lembrava patinho moído. Amarrado na cadeira, eu disse a ele que parasse, mas Celso parecia não notar que eu estava ali, tamanha era a raiva que sentia. Quando cansou de espancá-lo, deixou-o inconsciente no chão e foi chorar no meu colo, ainda sem me desamarrar. Cômico, se não fosse trágico.

Aos poucos Celso foi se acalmando e se deu conta de que eu ainda estava amarrado. Imediatamente, levantou-se e me soltou. Por um bom tempo, ficamos ambos em estado de choque, sem coragem de tocar em Eduardo, olhando para a piscina de sangue que havia se formado no chão da sala. Não tínhamos a menor ideia do que fazer.

Respirei fundo, tomei coragem e fui checar a respiração de Eduardo. Nada. Encostei a cabeça em seu peito e constatee que o coração não estava batendo. Celso tinha ido fundo demais com a garrafa. Eduardo estava morto. E sua morte teria sido a mais conveniente das soluções, se não tivesse acontecido no meio da minha sala.

Rubem Fonseca diz em um de seus livros que é muito fácil matar uma ou duas pessoas, principalmente se você não tem motivo para isso. Celso continuava muito chocado, mas meu nervosismo ia amenizando na medida em que eu planejava o que fazer com o corpo. Era o racional tomando a frente, diante da urgência. Poderíamos chamar a polícia, claro, mas eu não queria nem pensar no risco de Celso ser indiciado, de o promotor decidir que ele havia usado mais violência que o necessário para se defender, já que Eduardo estava caído no chão praticamente desmaiado enquanto apanhava. Senti a mesma coisa que Celso sentiu quando me viu em perigo.

Pedi a Celso que começasse a limpar o chão, que eliminasse, o máximo possível, o sangue que estava em Eduardo. Ainda atônito, ele pegou uma pilha de panos de chão e começou a fazer o serviço. Eu fui até a área, peguei a escada, levei para o quarto e catei a maior mala que tinha, a que havia comprado quando voltava de Nova York, com presentes para toda a família. Cabia um corpo lá dentro.

Dei uma boa olhada em Eduardo. Remexi seus bolsos e achei três papелotes de cocaína. Coloquei tudo dentro de um saquinho e o enfiei, o mais fundo que pude, dentro de sua boca. Em seguida, depois de limpar cuidadosamente a pistola, coloquei, com a ajuda de Celso, o corpo de Eduardo dentro da mala, devidamente enrolado em todos aqueles panos de chão, junto com a 45. Tomamos um banho e procedemos à segunda parte da ação. Pedi a Celso que descesse com a mala pelo elevador. O elevador tinha câmeras, as escadas não. Eu desceria pelas escadas. Avisei a Celso que me esconderia dentro do porta-malas, para que o porteiro não notasse que estávamos saindo juntos.

Quando o carro passou pela portaria, apenas Celso aparecia dentro dele. Minha intenção era induzir o porteiro

a pensar que Celso saía sozinho e que eu permanecia em casa com Eduardo. Desta forma, na mudança de turnos, ele acharia que Eduardo tinha ficado para dormir e que nada de diferente havia acontecido. Fomos para um beco próximo e eu passei para o banco do carona. Conversávamos quase que animadamente, com o rádio ligado durante o trajeto, quando – ironia das ironias – Carole King começou a cantar a mesma música que ouvi naquele 2004, quando deixava o apartamento cheio de fotos de Eduardo. *Too late, baby. Again.*

Ao passarmos por uma construção abandonada, tive a ideia de pegar alguns tijolos. Depois dirigimos algum tempo até chegarmos na Praia do Jardim de Alah, que, por causa da chuva fina, estava completamente deserta. Paramos embaixo de uma árvore, enfiamos os tijolos dentro da mala e levamos tudo até a parte mais funda da praia. Jogamos o embrulho na água, que rolou empurrado pelas ondas, bateu forte nos pedras e afundou dentro do mar.

Descobrimos, naquele dia, que mais fácil que matar uma pessoa ou duas ainda era se livrar de um corpo, e que a coragem para os atos que são considerados execráveis aparece geralmente nos momentos de real necessidade.

Serviço feito. Entrei novamente no porta-malas do carro ali e permaneci durante todo o percurso de volta pra casa, para que não precisássemos parar. Da mesma forma, usei de novo as escadas para subir, e, quando abri a porta do apartamento, Celso estava sentado no sofá. Ele me perguntou o que faríamos, e eu respondi, parafraseando uma personagem de novela, que “sempre haveria Paris”. Uma semana depois estávamos embarcando, e ainda não haviam encontrado o corpo.

No avião, pus-me a refletir a respeito do que havíamos feito. Senti que uma nova perspectiva se abria em minha vida, a partir daquele episódio. Tive uma vontade sincera de me vingar de todos os homens que me fizeram mal. E fiquei pensando na possibilidade de fazê-lo assim que retornasse ao Brasil. Da experiência do assassinato, apenas um detalhe me incomodou sobremaneira. Aquela mala era ótima. Mas, em compensação, havia Paris.

